

C.S.R. CONTINUA REUNIDO

Repensar a Revolução "na hora da verdade"

Na informal entrevista concedida à Rádio Renascença, Otelo Saraiva de Carvalho, referindo-se à conjuntura política actual, afirmava que «todo este clima de instabilidade, este clima de tibieza, de falta de decisão que existe em todos os níveis, de crise de autoridade venha a passar». Por sua vez, em comunicado divulgado hoje, ao começo da madrugada, o Copcon desmente os rumores segundo

os quais as unidades daquele comando teriam enviado um ultimato ao Conselho da Revolução. O comunicado esclarece não se tratar de um ultimato «mas apenas de uma recomendação» contendo «dez pontos, considerados fundamentais e necessários para se vencer a crise que actualmente se vive no País, entrando o passo decidido da revolução socialista portuguesa».

Será possível descortinar, através destas duas tomadas de posição dos homens que são o braço armado do M. F. A., a raiz da reunião da Comissão Política (ou de um grupo restrito) do Conselho da Revolução, iniciada anteontem e que continua ainda hoje? Parece evidente o facto de, mesmo não sendo detonador, a «moção» das unidades do Copcon ter contribuído decisivamente para a revisão do processo político, já que ela põe a claro — conforme o texto do comunicado do Copcon deixa entrever — quanto o considerado mais genuíno sector do M. F. A. se interroga é im-

paciente perante a indecisa situação política actual, perante a «crise de autoridade» de que falava Otelo Saraiva de Carvalho. Ou, mesmo, perante o facto de algo não correr sobre esferas na ligação M. F. A.-Povo, de que também o general Saraiva de Carvalho se fazia eco.

Sacudido por crises sucessivas, resultantes da heterogeneidade da composição ideológica do M. F. A., o regime nascido do 25 de Abril atingiu aquilo a que se poderia chamar a *hora da verdade*. Crise de autoridade, crise económica herdada e aprofundada pelas resultantes da conjuntura interna e externa, deficiente articulação en-

tre o processo eleitoral e o processo revolucionário, esgotante luta política entre os partidos de esquerda, mais preocupados com o Poder do que com o povo, situação dramática em Angola face à intervenção externa no processo de descolonização do território — eis as componentes dum *puzzle* que o verdadeiro detentor do Poder, o M. F. A. parece querer decifrar, começando a juntar as peças num esforço de clarificação política, o qual, a ser levado a cabo, será vivificante.

A reunião restrita do Conselho da Revolução, da qual pare-

Continua na pág. 15



**JOÃO CRAVINHO
EM BERLIM**

Está desde ontem em Berlim-Leste o ministro português da Indústria e Tecnologia, eng.º João Cravinho, que viajou de Varsóvia a convite do ministro das Ciências e Mecânica da R. D. A., Herbert Weiz.

O ministro português tem hoje conversações sobre a cooperação económica, científica e técnica entre os dois países.



**CIMEIRA
DE ANGOLA
COMEÇOU**

Pág. 4

FORD "INQUIETO" COM PORTUGAL

Numa entrevista concedida a Pierre Salinger para «L'Express» Gerald Ford confessou-se «inquieto» quanto à evolução da situação política portuguesa e acrescentou estar por agora condicionada qualquer hipótese de Washington ajudar economicamente Lisboa. «Gostaríamos de ajudar», disse o presidente norte-americano, «mas temos de ter, digamos, uma atitude mais decidida na direcção da democracia antes de podermos fazer o que gostaríamos de fazer.»

REABERTURA DO "REPÚBLICA" NÃO RESOLVE O CONFLITO

Pag. 22

ARMAS ROUBADAS

A operação "stop" terminou às 2 horas

Terminou às duas horas da madrugada a gigantesca operação «stop» que forças militares empreenderam em todo o País na tentativa de capturar cinco indivíduos que ontem, cerca das 9.40 da manhã se introduziram numa arrecadação de armamento do Campo de Instrução de Santa Margarida, de onde roubaram 21 espingardas automáticas «G-3», 6 pistolas metralhadoras «FBP» e duas metralhadoras ligeiras «MG».

Na zona de Santa Margarida prosseguem no entanto as buscas agora a cargo da G.N.R. com o auxílio de cães pisteiros, enquanto nas estradas, as brigadas de trânsito da G.N.R. continuam a controlar os veículos.

Até à hora de fecharmos esta edição não tinham sido revelados quaisquer resultados desta operação, que teve início às 11 horas da manhã de ontem, provocando longos engar-

Continua na pág. 2

Salário mínimo entra em vigor

Um Decreto-Lei (n.º 292/75) datado de hoje estabeleceu os salários mínimo e máximo nacional, respectivamente de 4000\$00 e 48.900\$00, determinando ainda o congelamento de todos os salários a partir de 12.000\$00 até 31 de Dezembro. O salário mínimo, porém, não abrange quaisquer subsídios, gratificações ou prémios, e entende-se como referente a trabalho em tempo completo.

Por outro lado o Governo poderá designar sectores ou áreas geográficas em crise, o que implicará a invalidade temporária da remuneração mínima garantida pela lei.

Em relação aos 12 contos a partir dos quais os salários são

congelados, não poderão ser aumentados os quantitativos dos prémios, gratificações e outras formas de retribuição.

No que respeita ao salário máximo nacional, o seu cumprimento irá vigorar nos termos e com as excepções que vierem a ser regulamentadas dentro de prazo não superior a 30 dias e a partir da data da entrada em vigor do diploma regulamentar.

Como novidade, regista-se que é obrigatória, a partir de agora, em todas as empresas com trabalhadores ao seu serviço, a afixação do quadro de pessoal, com as correspondentes remunerações, em local bem visível das instalações ou

estabelecimento em que se exerça a sua actividade.

FÉRIAS E DESPEDITOS

Por outro lado é assegurado aos trabalhadores por conta de outrem o mínimo de 15 dias consecutivos de férias remuneradas. Em caso algum poderão ser atribuídas, a qualquer trabalhador, férias de duração superior a 30 dias, incluindo domingos e feriados iniciais, intermédios ou finais, mesmo se gozadas interpoladamente. Os trabalhadores abrangidos por esta determinação têm direito a um subsídio de férias equivalente ao da remuneração do

Continua na pág. 24

Chegou Costa Gomes

Terminada a sua visita oficial de três dias à Roménia, chegou ao princípio da tarde a Lisboa o Presidente Costa Gomes. Com ele viajaram nomeadamente os ministros dos Negócios Estrangeiros e das Finanças, que já o haviam acompanhado a França.

Feita a convite expresso do presidente Nicolae Ceausescu, a visita saldou-se pela assinatura de um tratado de amizade e cooperação que avulta significativamente na nova linha diplomática portuguesa e pode envolver, para além disso, um factor de desanuviamento para a Europa e para o mundo. Tal é a interpretação do nosso enviado especial Nuno Vieira, que nos enviou esta madrugada de Bucareste um derradeiro «telex».

Deve sublinhar-se que, ao

invés do que aconteceu com a ida de Costa Gomes a Paris, o Presidente levou, na sua viagem a Bucareste, dois membros do Conselho da Revolução na comitiva. De resto, Portugal encontra-se já representado na capital romena por um adiido militar, tenente-coronel Hugo Santos, que é um elemento dos primórdios do M.F.A. e terá sido colocado ali por escolha pessoal do general Carlos Fabião.

Reatadas as relações Portugal-Roménia, não deixarão agora as chancelarias de interrogar-se sobre o alcance desta aproximação, onde está latente um exemplo de cooperação muito singular entre dois países pertencentes a blocos militares não só diferentes como opostos. Tudo o que se faça pela pacificação e contra a hostilidade de fundo é positivo.



Cronica do nosso enviado especial na pág. 24

Lopes Cardoso (P.S.): "É cada vez maior o divórcio povo-M.F.A."

«É cada vez maior o divórcio entre o Povo e o Governo e entre o Povo e o M. F. A.», segundo afirmou o dirigente socialista e «leader» parlamentar do P. S., eng.º Lopes Cardoso, no encerramento do I Encontro Nacional dos Trabalhadores Socialistas da Indústria de Electricidade que decorreu ontem no Hotel Roma, em Lisboa.

Lopes Cardoso referia-se ao caso «República» e acentuou que a responsabilidade de tal divórcio não cabe ao P. S.; mas sim àqueles que pretendem instrumentalizar as classes trabalhadoras para uma política que não é ou pelo menos não foi escolhida pelo Povo.

Nesta ordem de ideias, Lo-

pes Cardoso salientou o facto de o P. C. («descaradamente») e o Primeiro-Ministro («de forma velada») terem acusado o P. S. de criar entraves à política externa portuguesa. Debruçando-se, depois, sobre a questão da Assembleia Constituinte, o dirigente do P. S., considerou-a como «peça essencial e único órgão que é a expressão da vontade democrática e da luta do povo português».

Por outro lado, mas referindo-se ainda a Assembleia Constituinte, Lopes Cardoso pôs a hipótese de o P. C. abandonar os trabalhos devido à sua posição minoritária, argumentando, no entanto, ser o P. S. «um centro de contra-revolução e da reacção».

OPERAÇÃO "STOP"

Continuação da pág. 1

raffamentos, nas estradas de acesso às principais cidades do País.

De um modo geral os automobilistas reagiram bem, aos transtornos provocados pelas buscas minuciosas feitas pelos militares, limitando-se a maior parte a tentar inteirar-se do que estava a passar-se.

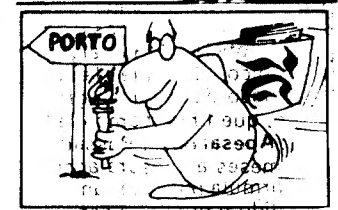
A noite o Copcon dava conta do incidente de Santa Margarida através do seguinte comunicado:

«Pelas 9.30 do dia 15 foi assaltada uma arcação de material de um destacamento do Regimento de Cavalaria de Santa Margarida, onde estão alojados militares em instrução destinados ao ultramar, tendo sido roubadas 21 espingardas automáticas «G-3», 6 pistolas metralhadoras «FBP» e duas metralhadoras ligeiras «MG». O assalto foi executado por cinco indivíduos dos quais dois com uniforme militar não camuflado que se faziam transportar num carro ligeiro de cor clara. Três desses elementos estavam armados. Os assaltantes que se moviam com o à vontade de quem conhece perfeitamente o local, bateram à porta da arcação tendo manietado o respectivo quartelheiro quando este despreocupadamente abriu a porta. Ao ter conhecimento do assalto desencadeado por certo por elementos contra-revolucionários inimigos do povo português o Copcon montou uma vasta operação «stop» a nível nacional conjugada com o reconhecimento da zona por meios aéreos. A par dessas

medidas procedeu ao controlo dos acessos às principais cidades do País, Lisboa, Porto e Coimbra, numa tentativa de intercepção dos assaltantes. O Copcon apelou para a coopressão da população que possa ter sido afectada pelas medidas tomadas. Apela igualmente para a vigilância popular e dos verdadeiros revolucionários que devem canalizar para o Copcon todos os indícios ou informações que possam facilitar as investigações em curso».

Segundo outras informações não houve qualquer incidente na área da Região Militar do Norte mas as unidades entram de prevenção logo que foi dado o alarme do roubo das armas em Santa Margarida. Como sempre acontece nestas ocasiões, logo começaram a circular os habituais boatos da reacção mas que desta vez nem sequer chegaram a provocar qualquer alarme. Um dos boatos mais ridículos, por exemplo, dava como certo, certíssimo, seguro, que a cidade do Porto estava cercada por Chaimites... do Tramagal. Se alguns destes boatos devem atribuir-se unicamente à fértil imaginação popular, outros têm origem intencionalmente criminosos inscrevendo-se na estratégia geral planeada pela reacção nacional e internacional.

Uma presumível tentativa de assalto aos estúdios da Televisão e que envolveu a fuga de um pequeno automóvel também não se confirmou. Tratava-se, ao que parece, de um simples passeio de namorados. Esta manhã a vida decorria normalmente em todas as unidades militares do País, com os soldados entregues às suas ocupações habituais. Entretanto a imprensa estrangeira especulou como habitualmente o que decerto também já ninguém vai estranhar.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS EDITORES E LIVREIROS

Largo de Andaluz, 16-1.º, Esq. — LISBOA

CONVOCATÓRIA

São convocados por este todos os sócios desta associação, a fim de se dar continuidade à sessão da Assembleia Geral interrompida no passado dia 30 de Maio, procedendo-se à apreciação e votação da contraproposta de Contrato Colectivo de Trabalho a apresentar aos sindicatos. A reunião, realiza-se no mesmo local (Associação Comercial de Lisboa, Rua das Portas de Santo Antão, 89, em Lisboa), no dia 18 do corrente, pelas 21 horas.

A COMISSÃO DIRECTIVA

De sábado a segunda

PINHEIRO DE AZEVEDO NA AMÉRICA

«Vou aos Estados Unidos representar o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas num simposio sobre a panorâmica marítima mundial e a sua perspectiva vista pela N.A.T.O.», eis palavras ditas sábado à tarde no aeroporto de Lisboa pelo almirante Pinheiro de Azevedo, chefe do Estado-Maior da Armada, ao embarcar para Nova Iorque.

Sobre o que se vai passar durante os quatro dias que o simposio demorará, informou Pinheiro de Azevedo que «serão apresentadas teses de muito interesse, abrangendo todos os pontos relacionados não só com o comércio como também com a estratégia marítima mundial».

Interrogado sobre se esta viagem estaria na sequência das recentes visitas à América dos ministros do Trabalho e da Comunicação Social, o almirante foi de opinião que «em princípio se trata de uma organização completamente independente, mas é óbvio que as autoridades norte-americanas irão aproveitar esta minha estada nos Estados Unidos, bem como membros da delegação portuguesa, para continuarem a fazer uma síntese da nossa panorâmica política».

Acerca do contencioso Portugal-N.A.T.O. e da atitude do presidente Ford, que põe em dúvida a nossa posição, e a necessidade de esclarecer o que é efectivamente a política portuguesa em relação ao assunto, o almirante foi claro: «Com certeza que não perco essa oportunidade. Ele é teimoso e eu também. Ele teima e eu teimo. Vamos a ver...»

Entretanto, hoje e amanhã, reúne-se a Comissão de Planos Nucleares da N.A.T.O., de que Portugal, estará afastado. Com efeito, segundo confirmou o almirante Pinheiro de Azevedo, «continuaremos afastados das reuniões em que se trate de política de energia nuclear. Compreendemos as razões invocadas há cerca de um ano, quando da nossa admissão no grupo, e não vamos agora criar arestas nem quezílias por causa desse problema sempre delicado. Acho que a nossa posição é correcta e mais uma vez não vamos estar presentes.»

UM HOSPITAL PARA VILA REAL

«O povo quer um hospital que o não envergonhe», disse o dr. José Campos, delegado da Ordem dos Médicos em Vila Real, ao secretário de Estado da Saúde, dr. Carlos Macedo, que, na sequência da visita que o levou ao Norte do País, esteve no passado sábado naquela cidade.

Com efeito, tal como quase todos os hospitais regionais do Norte do País, o Hospital de Vila Real tem neste momento sérias carências: um corpo clínico de 10 médicos e uma fraca capacidade assistencial, se nos lembrarmos da amplitude geográfica do distrito.

Carlos Macedo foi recebido junto das instalações hospitalares pela respectiva comissão de gestão, tendo visitado as

suas dependências e seguidamente o Hospital psiquiátrico de Lordeão, a dois quilómetros da cidade, e que ainda se encontra na fase de acabamento.

DO AMADOR À COUSA AMADA

Paulino amava Joaquim. Joaquim amava uma rapariga. Paulino, com os ciúmes, puxou de uma navalha e decepou o pénis a Joaquim. A história passou-se em Massamá na primeira madrugada do último fim-de-semana.

Vitor Mateus Paulino, de 43 anos, empregado de comércio e Joaquim Alves Gonçalves Dias da Costa, de 21, carteiro, tendo travado conhecimento há dois anos, uniram-se, «couple» amoroso a viver num andar (que o Paulino comprara) em Casal do Bico, Massamá. Condições: o infortunado car-

teiro não podia casar, sequer namorar.

Em contrapartida Paulino passou-lhe o andar para o seu nome, prometeu-lhe que ele herdaria todos os seus bens, ofereceu-lhe uma motorizada e outros artigos, dinheiro e bugigangas.

Mas o Joaquim, que tem 21 anos, apaixonou-se por uma jovem de 15, a residir também no Casal do Bico. Conhecendo do idílio, motivo de forte ciúme na noite de sexta para sábado, Paulino discute com o amante, recorda-lhe as condições acordadas, aproveita-se do descuido do Joaquim e, com uma navalha, corta-lhe o pénis.

Reposo, Paulino desloca-se a Queluz, onde o pai tem uma loja, telefona aos bombeiros, solicita imediato socorro. Joaquim dá entrada no Hospital de S. José, Paulino apresenta-se no posto da P.S.P. Joaquim fica hospitalizado, Paulino, elaborado o processo pelo tribunal da Comarca de Sintra, após ter sido ouvido em auto, regressa a casa, onde aguarda o respectivo julgamento.

MATA E MATA-SE

Com 30 facadas o comerciante José Luís Landeiro Correia, de 41 anos, casado, matou em Bensalim (Algarve) a companheira com quem vivia há cerca de três anos, Maria José, de 34, solteira. Em seguida enforcou-se.

O criminoso dava maus tra-

to a abandonar. Convidada a reconciliar-se apareceu em casa dele: 30 navalhadas a esparavam.

CABO-VERDIANOS CONTRA A EXCURSÃO

Violenta desordem envolveu um grupo de cabo-verdianos e excursionistas de Guimarães no Campo dos Mártires da Patria, vulgo Cordoaria no Porto. Feridos na refrega vários intervenientes recolheram ao Hospital de Santo António.

Foram tais as proporções da desordem que tiveram de comparecer no local forças da G.N.R. elementos da Polícia Militar e um pelotão de intervenção do Regimento de Cavalaria 6 com uma «chaimite». O caso acabou por ser entregue mais tarde à P.S.P.

Entretanto, para o Hospital de Santo António foram transportados Camilo António Marques Dias da Silva, de 19 anos, de Santa Cristina de Lombo, com uma facada no braco direito; Armando Castro Silva, de 27, trabalhador, do lugar de Outeiro (Silvares) e José Manuel Lopes Magalhães de 20, para-queidista, do mesmo lugar, com facadas no tórax e no abdómen.

Ficaram internados ainda, com vários traumatismos, os cabo-verdianos José António Furtado Pereira, de 20 anos, António Moreira Mendes de 18, e Joaquim Mendes Rocha, de 21, moradores na Senhora da Hora.

Firmas portuguesas foram à "Print Fair"

Quatro firmas portuguesas do ramo gráfico estão presentes na famosa «Print Fair» de Londres, que ali decorre no Cunard International Hotel. Trata-se da Ámbar (Américo Barbosa, Artistas Reunidos), Europrint e Group e Gris. Impresores, que se deslocaram numa iniciativa conjunta com a delegação londrina do Fundo de Fomento da Exportação, e ainda da Lisgráfica, que participa a título individual, num

«stand» partilhado com os seus agentes no mercado britânico Centurion Press, Ltd...

A «Print Fair» é o maior certame desta especialidade na Comunidade Britânica e um dos mais reputados encontros de impressores e gráficos em geral em todo o mundo. Do lado português ha o desejo bem evidente de promover as exportações num mercado altamente competitivo, que de resto lhe não é estranho.

D. JUAN JANTOU COM OPOSICIONISTAS

A CASA REAL ESPANHOLA NÃO QUER PERDER O COMBOIO

Cerca de cem espanhóis, representantes de várias tendências oposicionistas, reuniram-se no sábado com o conde de Barcelona no Hotel Estoril-Sol. Em si mesmo, o facto não é inédito, na medida em que já tivera lugar, um ano antes, uma reunião até certo ponto semelhante a esta. Entre uma e outra, porém, verificaram-se diferenças que bem revelam até que ponto o panorama político espanhol evoluiu no breve espaço de um ano.

Enquanto que a primeira reunião teve o carácter de um encontro social, de uma jantada de amigos mais empenhados em confraternizar do que em alterar o evoluir dos acontecimentos, a de sábado teve um aspecto essencialmente político. Dir-se-ia que, no decorrer do último ano, os oposicionistas espanhóis perderam o medo das repercussões que os seus encontros possam ter em Espanha e que deixaram de recear a repressão franquista. Incluímos no número dos «oposicionistas espanhóis» o próprio conde de Barcelona, que, a partir de sábado, claramente a sua posição ao criticar o regime de Franco, reconheceu a inevitabilidade de uma mudança que o povo espanhol está pedindo inequivocamente por todos os meios

ao seu alcance, na falta de meios adequados para manifestar a sua vontade, «e, sobretudo, ao candidatar-se a árbitro desta mudança, que porá termo à etapa do poder pessoal absoluto».

Chamando a si esta arbitragem, o conde de Barcelona rejeita, de uma forma inequívoca, a ordem de sucessão do trono imposta pelo chefe do Executivo espanhol e entra em conflito com o seu próprio filho, o príncipe Juan Carlos, acusado pela oposição de não passar de um joguete nas mãos de Franco. Em certa medida pode admitir-se que esta atitude do conde de Barcelona se destina precisamente a garantir à Casa Real Espanhola uma posição na Espanha nova que já se adivinha: tendo-se apercebido de que o filho está vinculado, aos olhos de todos, a um regime que tem os seus dias contados, o chefe da Casa Real coloca-se francamente na oposição para que a monarquia recupere a «chance» posta em perigo pela associação Franco-Juan Carlos. É ele próprio, aliás, quem levanta esta questão ao dizer que «se aperceber, com clareza, ter sido o previsto oficialmente para o futuro imediato concedido para garantir a continuidade do regime...»

Juan Carlos, por outro lado,



também parece consciente do perigo resultante dessa associação e, agora que o fim de Franco se aproxima, tenta por todos os meios «democratizar» a sua imagem. Ainda recentemente, por exemplo, declarou no decorrer de uma entrevista concedida a uma revista norte-americana que reconhecia a necessidade de permitir o funcionamento de todos os partidos políticos, excepto o Comunista. Nesse ponto o pai é mais ousado — estiveram presentes na reunião do Estoril-Sol elementos da Junta Democrática de Espanha, que engloba o Partido Comunista de Santiago Carrillo.

A presença, no Estoril, de

representantes da Junta Democrática e da Convergência, por outro lado, pode significar que os partidos de Santiago Carrillo e de Felipe González se manteriam dispostos a chegar a acordo no que se refere à criação de uma frente comum e que nem um nem outro considerariam definitiva a suspensão das conversações iniciadas há meses, em Paris, entre os dois chefes dos partidos espanhóis, na ilegalidade.

De qualquer forma, uma coisa é certa: a oposição espanhola reorganiza-se para enfrentar o fim iminente do regime de Franco e a Casa Real não quer perder o comboio.

post scriptum

Todos temos um nó atravessado

...em relação às notícias do vosso jornal do dia 9, venho manifestar a minha satisfação por verificar que, actualmente, tudo se pode publicar desde que seja verdade.

Vi na página 3 um senhor a lamentar-se por ter de pagar 30\$00 por possuir um bote mesmo gozando do direito de isenção e aproveitou para felicitar esse senhor: como são bons os dias que estamos a viver, em relação aos que já vivemos! Esse senhor trazia esse nó atravessado na gargante e, agora, pode deitá-lo cá para fora...

Na página 4, notícias dão-nos conta das lamentações dos trabalhadores dos C. T. T. que também só agora podem manifestar-se. Eles têm razão pela diferença que há na tabela salarial porque acho que o facto de uns terem tido acesso às escolas e outros não, de forma nenhuma justifica tão grandes diferenças de salários...

Manuel Eugénio da Saúde — Lisboa

...E pronto: lá se viu o leitor livre deste nó que tinha atravessado na garganta!

Clareza adjetivada

Falemos aberta e claramente a linguagem da verdade, pois só assim participaremos franca e lealmente na grandiosa emancipação do homem e na ajuda à tão necessária unidade, justiça, tranquilidade e fraternidade tão úteis a todos nós na luta de esperança em que andamos.

Admito, como indispensável ao movimento revolucionário que vivemos, o saneamento de indivíduos que tenham vivido da «panelinha cheia e aquecida» do passado, alheios aos legítimos direitos dos outros, ao derrube da moral e ao espezinhar da dignidade e da honra alheias em adesão servil ao dono e senhor todo-poderoso.

Protestei sempre, na era de forte predisposição para a decadência moral em que vivemos, durante meio século, perante a indiferença nativa de alguns prestidigitadores que conheci e por aí andam agora a bagatizar imagens dos que, em sadias caminhadas, sempre foram obreiros dignos dos caboucos da democracia e do bem-estar comum.

Para que não estejamos sujeitos a submergir numa ilusão grotesca e absurda da verdadeira concepção e realidade objectivas, do passo em frente dado no 25 de Abril, é necessário o «enxotar» imediato dos que não praticam acções dignas, dos egoístas, dos que apenas buscam a satisfação pessoal e não o interesse do bem colectivo, dos que têm por Bíblia imiscuirem-se arduamente no meio mais fácil e útil à execução das suas daninhas ideias postas exclusivamente ao serviço da ganância camuflada. Existem comissões coordenadoras de trabalhadores — são óbvias as excepções — que desconhecem que liberal quer dizer verdadeira liberdade, sem especulações ou privilégios, para que não haja vítimas de revanchistas, de ressentidos, de ambiciosos desregrados e de oportunistas desenfreados.

Alguns, fanáticos e enfermos de imaginação a dar areias apalhadas de seguidores de causas e de bandeiras que insultam e desprestigiam por «delirium furibundum», contribuem impunemente para enegrecer as tintas com que se deveria escrever a palavra «democracia».

Não cabendo nas fronteiras do programa do M. F. A. e no lúcido perfil político dos governantes, grupos ou camarilhas há a quem a falta de escrúpulos permite condenar os outros por crimes que não cometeram, escondendo as suas vastas mazelas e a ignominia das suas traiçoeiras intenções.

É necessário e urgente que se acabe de vez com indivíduos cujas atitudes de versátil maldade acarretam para a desejada solidariedade as mais dramáticas consequências.

A desconcertante passividade do Governo ao tolerar flagrantes atentados à moral em chocante infidelidade ao espírito do programa das Forças Armadas terá de ser substituída quanto antes — já quase é tarde — por atitudes seriamente disciplinadas, como epílogo da brutal realidade de uma longa história de espoliações, vexames e cínicas afrontas que nos recusamos a ver repetidas.

Guerra Junqueiro bem mostra o que não se tem querido ver:

«Ódio ao pirata, ódio ao bandido
ódio ao ladrão!

Ódio do estoico é vencido...

Francisco Lobo — Lisboa

...Nunca publicámos uma carta com tantos adjetivos...

...bem sei que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas se ninguém tivesse lançado as primeiras pedras, ainda estariam por fazer! Quando é que se fez uma campanha para que os jovens aproveitem os estádios que o fascismo construiu para os seus espectáculos? Quando é que se põe o País a praticar desporto? Quando é que se começa a mentalizar o público para a prática do desporto não para a observação dos espectáculos desportivos? Repito que não se pode pedir tudo aos governantes mas não há dúvida de que é preciso começar a reformar a concepção que o público tem do desporto e que podemos fazê-lo sem sobrecarregar o Governo com mais tarefas.

Está nas nossas mãos

Eugénio Pedrosa — Porto

Sem tirar nem pôr:

FICHAS NA MESA

Por JORGE LISTOPAD

48,1 — (CAMINHOS DE JACINTO BAPTISTA): «Até que no dia 25 de Abril de 1974, como muitos homens da minha idade, quando já desesperava de assistir ao fim do fascismo e quase duvidava da sobrevivência do meu país, renasci, saboreei, pela primeira vez, o gosto (e a terrível responsabilidade) da Liberdade — o gosto agriço da Liberdade».

Que fazer desta Liberdade? Por exemplo, escrever um livro — o livro sem ela impensável e, verdadeiramente, o meu primeiro acto livre de cidadania».

Fim da citação do primeiro capítulo do dossier de Jacinto Baptista «Caminhos para Uma Revolução», feito de documentos e de experiência pessoal de jornalista, historiador e cidadão sobre o fascismo em Portugal e a sua queda. Livro, pois, de «heterogênea composição», mas redigido com paixão sóbria, com um saber de contar, de dar a ver, encurtar os caminhos entre dois fenómenos; texto indispensável de informação que se lê como se ouvisse alguém contar, durante longas noites de inverno, uma gesta.

Cito mais um trecho dos «Caminhos», editados na colecção «Documentos de todos os tempos» da Livraria Bertrand: «Quantos invejámos, todos os que ficámos amarrados à banca de redacção ou de revisão, ao linótipo, ao mármore, neste dia 25 de Abril aqueles que andavam nas ruas e nas praças, alguns tão perto do Bairro Alto e de nós, a recolher as notícias e as imagens da revolução... «Porque cito este texto? Jacinto Baptista, esse jornalista-observador impar, assumiu a humilde tarefa de estar nesse dia de revolução na rua dentro do jornal para que ele saísse pela primeira



vez livre. Esta sua situação faz-me lembrar um miúdo do romance infantil (e não só) de Erich «Kastner» «Emílio e os Detectives»; enquanto um grupo de rapazes, heroicamente, através de múltiplas peripécias aventurasas persegue um gatuão, um deles ficava, como um agente de ligação, em casa ao serviço do telefone. Sem ele nada resultaria. Era, talvez, ele, na sua modesta tarefa, o verdadeiro herói.

48,2 — (A PRIMEIRA PÁGINA): Já que falo de jornalistas e de jornalismo, aconselho, confesso com atraso pouco jornalístico, o filme sobre o mesmo tema transplantado para os Estados Unidos dos anos vinte, por obra e graça do realizador Billy Wilder, «A Primeira Página». Filme tão inteligente como humorístico, tão humorístico como profundamente pungente, utilizando exactamente o humor como elemento dictador da tragédia americana. Filme que é um exemplo daquele cinema de força popular de envolvimento, de arrastamento, que por vezes surpreende. Filme cujo ritmo, acelerado levemente (para uma estética de comédia e para sugerir o ritmo próprio da imagem dos velhos filmes que caracterizam

a época) abre, por momentos, os abismos do absurdo da sociedade aparentemente bem constituída.

Este filme, agora a ver só nos pequenos cinemas de bairro e fora de Lisboa, contém cenas eventualmente chocantes. Chocam. Para bem.

48,3 — (INQUERITE): Não haverá um jornal ou um periódico que não tenha tido o seu inquérito sobre a nacionalização do teatro. Já deu o que tinha a dar. Mas parece que a inquerite ainda continua, embora todos os argumentos, de quem os tinha, já terem sido expressos várias vezes. E se a gente de teatro, por algum tempo, parasse com as respostas e escrevesse peças, encenasse, representasse? Proposta honesta, enquadrada na batalha da produção: porque de noite, até os espectadores teatrais de Lisboa, privilegiados, portanto, não têm muito por onde escolher.

48,4 — (RESPIGAR): Também dos outros vive o homem... e as fichas.

48,4,1: Do Colóquio-Letras (n.º 24) Introdução a uma leitura do conto «Gente Singular» de Teixeira-Gomes, por David Mourão-Ferreira. — Não só a clarividência e rigor embora apenas de um esboço de análise, mas a simpatia-empatia da boa escrita faz desse texto crítico um puro texto de leitura. E mais: convida, com ímpeto, a ler (reler) o conto de Teixeira-Gomes. Isto é, ou pode ser, também, a função da crítica, do crítico.

48,4,2. Do Suplemento literário de Minas Gerais (12 de Janeiro 75); o poeta checo e meu amigo há pouco falecido, Kamil Bednár, tradutor da lírica camoniana, e terceiro tradutor checo de «Os Lusíadas»,

formula algumas ideias relativas ao poema épico: «Suponho que está vivo nos «Lusíadas» aquilo que chamou especialmente minha atenção na penetração municiosa do original. Pois bem; o que me deixou frio são as estrofes retóricas, que correspondiam ao gosto da época. O mesmo posso dizer sobre as suas passagens mitológicas, porque parece que ele próprio não acreditou muito nessa mitologia. (...) Mas onde o seu Camões permanece um poeta eterno é nas imagens do mar, dos navegantes, das lutas com os indígenas, nas histórias contadas a bordo para matar o tempo, etc. Neste conspecto aprecio profundamente como Camões soube captar convincentemente a realidade, num realismo poético de primeira ordem.

(...) O que me empolga nos «Lusíadas» é também o interesse de Camões pela investigação científica, como se ele pensasse que entre a poesia e a ciência media apenas um aparente abismo (...) O que menos avalio é o expansionismo patriótico de Camões, compensado, de outra parte, pelo desejo patriótico de descobrir terras ignotas e fenómenos misteriosos (...) O lugar de Camões não está apenas nas bibliotecas.

Por pura coincidência, copio o texto no dia 10, de Camões.

48, 4, 3: «Via Latina» de Coimbra (n.º 1): a homenagem ao Vítor Matos e Sá, poeta a quem um acidente impediu de realizar uma importante obra poética e pedagógica. Belo fragmento de um poema inédito «Ode à Juventude». Ainda segundo Via Latina há uma imensa produção não publicada. Lembro-me da Associação Portuguesa de Escritores. Para lembrar.

BRASIL:

Não houve abrandamento da censura nas actividades culturais

Por CHARLES VANHECKE

RIO DE JANEIRO — A esperança de uma libertação cultural no Brasil, nascida há alguns meses, tem vindo gradualmente a perder força. Há alguns dias, o Ministério da Justiça decidiu, pela segunda vez em cinco anos, proibir em todo o território a exibição de Z, o filme de Costa-Gravas. No princípio do mês de Maio, foi a vez de a última peça de um dos autores mais representativos do teatro brasileiro, Plínio Marcos, ter a mesma sorte. Estas duas proibições, entre muitas outras, levam muitos intelectuais e artistas a um pessimismo crescente.

A surpresa é tanto maior quando no passado mês de Janeiro, o presidente Geisel, no decurso de uma troca de impressões com gente de teatro, ter feito esperar um reexame do funcionamento da censura. É certo que ele pedira aos seus interlocutores que fossem compreensivos e tivessem paciência. Para mais, houvera um diálogo considerado promissor, entre o ministro da Educação e Cultura, Ney Braga, e o mundo das artes e dos espectáculos. Ney Braga tomara mesmo a iniciativa, julgada audaciosa em certos meios ortodoxos do regime, de receber durante várias horas um dos ídolos da juventude, odiado pela censura, o cantor-compositor Chico Buarque de Holanda.

Muitos artistas pensavam que o primeiro teste das boas intenções governamentais seria feito quando da apresentação à censura federal da última peça de Plínio Marcos, «Abat-jour lilás». Plínio Marcos é, com efeito, o autor maldito do regime. Em dezenas de anos de carreira, draço das suas comédias dramáticas foram proibidas. Não se trata, no entanto, de um intelectual contestatário, no sentido estritamente político da palavra, mas antes do que poderia chamar-se um «autor social». Ele põe em cena a realidade popular, com a sua crueldade e a sua cruza. Reconhece-se nele um dos dramaturgos mais talentosos e mais autenticamente brasileiros da nova geração.

A proibição da sua peça foi o dobre a finados de muitas esperanças. Essa proibição vinha juntar-se a outras medidas igualmente negativas. Há coisa de um mês, outro autor teatral, o humorista Millor Fernandes apresentou aos funcionários do Ministério da Justiça, uma obra escrita em 1955 e já representada no Brasil: «Um elefante no caos». Perante os inúmeros cortes que lhe foram impostos, renunciou à sua exibição. O mesmo aconteceu com outro grande nome do teatro brasileiro, Gianfrancesco Guarnieri, com várias peças a dormir nas gavetas, por não ter

o aval de Brasília. Na totalidade há umas quatrocentas e oitenta peças proibidas desde 1970. Alguns autores como Dias Gomes ou Jorge Andrade, esperanças de uma dramaturgia autenticamente nacional, deixaram de escrever para o teatro. Por altura da montagem de uma peça intitulada «A queda da Bastilha», a censura chegou a desaconselhar a apresentação em cena de frutos exóticos, a fim de evitar toda e qualquer analogia com problemas brasileiros...

A situação é sensivelmente melhor no cinema, embora os critérios de avaliação não tenham sido modificados nos últimos meses. O melhor cineasta brasileiro, Joaquim Pedro de Andrade (o autor de «Macunaima») teve de aceitar vários cortes no seu último filme, «Guerra Conjugal», que fazia parte da selecção da Quinzena dos Realizadores no Festival de Cannes.

UMA DESNACIONALIZAÇÃO

Quanto à música popular, ela continua a ser submetida a uma tutela draconiana. No Brasil, a canção é a arte que atinge maior número de público. É também aquela em que

se reúnem a intelligentsia política e os compositores negros dos sambas. Ora a maior parte das vedetas da canção de conteúdo político-social, estão hoje impedidas de trabalhar normalmente. Luis Gonzaga Junior, Milton Nascimento, Chico Buarque de Hollanda estão entre os mais visados pelos serviços oficiais. Há alguns anos Chico Buarque lançou uma canção de amor de grande êxito, que tinha como «leitmotiv»: «Apesar de ti... Passados alguns meses a censura achou que a fórmula podia ter um duplo sentido e proibiu a canção. Há dois anos o mesmo autor dizia, num refrão emocionante que o Brasil se arriscava a transformar-se num imenso Portugal. O seu fado foi proibido na Rádio e na Televisão.

Praticamente posto no index, Chico Buarque é hoje obrigado a trabalhar com um pseudónimo. Outros autores como Caetano Veloso e Gilberto Gil, que renovaram profundamente a música popular brasileira, e cuja inspiração é mais «vagabunda» sofreram o mesmo tipo de restrições. Para enganar a vigilância dos censores, as firmas de discos são obrigadas a utilizar inúmeros subterfúgos: apresentar, por

Continua na pág. 22

Nacional

COMÍCIO NO PORTO

NÃO À NEUTRALIDADE SIM AO APOIO AO M.P.L.A.

PORTO, 16 — «As incorrecções e atropelos verificados no processo de descolonização de Angola causados pela intervenção imperialista aliada aos detentores de privilégios que visavam a todo o custo eliminar o M.P.L.A. da cena política levaram ao aparecimento de focos de combate e zonas de guerra, embora bem delimitadas e circunscritas» — afirmam diversos partidos na mensagem conjunta lida durante o comício de apoio ao M.P.L.A. que teve lugar no Porto. Afirma-se ainda nessa mensagem: «Um dos mais altos representantes do imperialismo declarou que o essencial dos interesses americanos na África Austral se encontram em Angola. Em consequência a agressão faz-se sentir de forma tão pesada. É imperativo revolucionário a denúncia pública e o combate firme de todas as ingerências do imperialismo na nação angolana. Devemos denunciar firmemente os projectos reaccionários descaradamente revelados de criação de condições análogas às que serviram de pretexto aos Estados Unidos para intervir com a capa das forças da O.N.U. no Congo (ex-Belga) e na Coreia e, contra a vontade expressa de todas as forças angolanas, pretextar uma intervenção americana. Saberemos dizer não ao colonialismo, sim à independência total, não à neutralidade sim ao apoio ao M.P.L.A. Deste modo asseguraremos também a defesa do processo revolucionário português. O feroz ataque imperia-

lista em Angola faz parte da sua estratégia global para fazer recuar as lutas do povo angolano e do povo português.

O comício foi promovido pelo C.I.D.A.C. e teve o apoio das seguintes organizações: F.S.P., L.C.I., L.U.A.R., M.D.P./C.D.E., M.E.S., P.C.P., P.R.P./B.R., Conselho Português para a Paz e Cooperação e Intersindical. Uma moção aprovada no comício e proposta por todas aquelas organizações afirmava nomeadamente: «Manifestar o seu apoio ao M.P.L.A. como legítimo intérprete e defensor dos direitos do povo angolano; denunciar perante o povo português todas as chacinhas praticadas a soldo do imperialismo político-económico e as manobras contra-revolucionárias do capitalismo português, europeu e norte-americano que apoiam financeiramente a U.N.I.T.A. e a F.N.L.A., bem como o interesse actuante do Zaire, Rodésia e África do Sul em impedir a construção de uma Angola independente; exigir a prisão imediata dos ex-pídes/D.G.S. ao serviço da F.N.L.A., bem como a expulsão do território angolano dos elementos reaccionários anteriormente expulsos e que regressaram para ocupar postos de responsabilidade».

Estiveram presentes no comício, além de representantes das organizações promotoras, João Landolte e Félix Araújo, do Comité de Acção do Porto do M.P.L.A., António Vasconcelos da Casa de Angola e ainda representantes da Fretilin, de Timor, Roque Rodri-

gues (do Comité Central), Gregório Carvalho e Maulaka. Foi lida uma mensagem especial do M.P.L.A. enviada para este comício, que dizia nomeadamente: «Para nós, M.P.L.A., a independência significa necessariamente a ascensão das camadas mais exploradas no nosso povo, camponeses e operários, ao poder, a exercer segundo as formas concretas que a necessidade histórica exige. Por isso somos pelo poder popular».

TIMOR

UMA AUTO-ESTRADA PARA A APODETI?

DJACARTA, 15 — (R./«D.L.») — Tropas indonésias iniciaram a construção de uma estrada de 120 quilómetros desde o centro-norte do Timor Indonésio até à fronteira com o Timor Português, segundo anunciou hoje a agência noticiosa oficial indonésia, Antara.

A agência citou o general Ignatius Pranoto, comandante das ilhas Nusa Tenggara, cujo território inclui o Timor Indonésio, como tendo afirmado na cerimónia inaugural da construção, em Atambua, perto da fronteira, na passada terça-feira, que a estrada era importante para o desenvolvimento da ilha e dos seus habitantes. Acrescentou que a estrada estava planeada há muito tempo e devia ser completada dentro de dois anos.

Ainda segundo a agência indonésia, à cerimónia estiveram presentes igualmente funcionários militares e civis do Timor Português e figuras destacadas do partido APODETI, que advoga a associação da colónia portuguesa à Indonésia.

Recorde-se, entretanto, que à excepção dos mais próximos acessos às principais localidades, a ilha de Timor é praticamente destituída de estradas. As obras da auto-estrada re-

EM NAKURU, COM UM ATRASO DE 24 HORAS

COMEÇOU HOJE A CIMEIRA DOS MOVIMENTOS ANGOLANOS

● DANIEL CHIPENDA FAZ PARTE DA DELEGAÇÃO DA F.N.L.A.

LUANDA, 16 — (Especial para o «D.L.») — Quando as três delegações dos movimentos de libertação angolanos já se encontram em Nakuru, a 150 quilómetros de Nairobi, prontas para a cimeira que, presidida por Jomo Kenyatta, chefe de Estado do Quênia, começa, finalmente, hoje, há que registar o atraso com que a delegação do M. P. L. A. partiu de Luanda,

em parte, segundo afirmou Agostinho Neto, por ter havido necessidade de efectuar reuniões de última hora com as bases.

De facto, na sexta-feira à noite, o presidente Neto e o «Bureau Político» do M.P.L.A. A. reuniram na sede social do Movimento, no Bairro Rangel, com os Comités de Acção, presumindo-se que a agenda de trabalhos para a cimeira tenha sido aí discutida. O presidente do M. P. L. A. partiu ontem de manhã e, no aeroporto, deu alguns elementos da discussão que se efectuará na cimeira. Afirmou: «É possível que a ideia de um exército nacional, que vem sendo ventilada ultimamente, venha a ser aprovada. No entanto, nós temos que considerar com muita atenção a existência actual de fronteiras abertas por onde passam homens e produtos sem controlo. Temos de ver o problema dos refugiados, problema que não tem sido correctamente posto. Há ainda outros problemas, como é o caso da Informação, que a maior parte das vezes desinforma».

Entretanto, no sábado de manhã tinha saído de Kinshasa, com destino a Nairobi, a delegação da F. N. L. A., na qual se incorporava Daniel Chipenda, que durante muito tempo funcionou como dirigente de uma facção do M. P. L. A. — a Revolta do Leste — que acabaria por se integrar no seio do adversário tradicional. A presença de Chipenda não é bem vista nalguns sectores mais progressistas.

Em Nairobi, Tony Fernandes, da U. N. I. T. A., declarou ao enviado de «O Comércio», que julgava poder alcançar aqui a necessária plataforma de correcção para os problemas angolanos. De acordo ainda com aquele matutino luandense circulam em Nakuru rumores de que, a registar-se na cimeira o êxito que se espera, deverá realizar-se imediatamente uma reunião de cúpula

com as autoridades portuguesas, presume-se que em Lisboa.

O representante da F. N. L. A. acrescentou, contudo, que só na altura das conclusões da reunião de Nakuru se poderia adiantar algum procedimento futuro. De registar ainda que, segundo se vislumbra na crónica daquele jornal, reinava grande nervosismo entre as delegações dos dois movimentos enquanto aguardavam a chegada do M. P. L. A. já que não havia a certeza da sua ida, tendo mesmo chegado a circular rumores de que não compareceria.

Neste momento a situação em Luanda e em todo o território angolano é bastante calma, estando naturalmente todas as atenções viradas para a cimeira e os seus resultados.

No entanto, continuam a existir problemas com as colunas de abastecimento e evacuações que se dirigem para o norte, dado que, no Caxito, zona controlada por forças do M. P. L. A., estas se mostram renitentes na sua passagem, uma vez que pensam ser possível que essas mesmas colunas sirvam de algum modo para reabastecer forças da F. N. L. A. Esta situação obrigou já à deslocação ao local do comandante do M. P. L. A., Monstro Imortal, numa tentativa de resolver a situação.

Por outro lado efectuou-se hoje o 16.º voo especial para desalojados efectuado pela Força Aérea Portuguesa, que desde os acontecimentos de Abril transportou para Portugal, por esta via, 4000 colonos.

Este êxodo de portugueses tem criado problemas de indole cambial e, a fim de tratar dessas mesmas questões com o Governo Português, seguiu para Lisboa o ministro das Finanças e Planeamento do Governo de Transição de Angola, Saydi Mingas. Disse à partida: «Mais de 40 000 pessoas pretendem regressar a Portugal. Cada uma delas deseja transferir uma média de 100 contos, o que representa 4 milhões de contos. Ora, quatro milhões estão longe das nossas possibilidades económicas actuais».

CHEGARAM A LISBOA CERCA DE 1000 COLONOS

Cerca de 1000 colonos de Angola chegaram no sábado ao Cais da Rocha a bordo do paquete «Príncipe Perfeito». Na sua maioria tratava-se de familiares (mulheres e crianças) de ferroviários da região de Luanda, fugidos aos últimos incidentes verificados naquele território. De acordo com declarações prestadas à chegada o seu embarque em Luanda foi feito com a protecção de forças portuguesas.

N.G.S.

SINDICATO DOS CONTÍNUOS, PORTEIROS E PROFISSÕES SIMILARES

A TODOS OS DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCAÇÃO

CAMARADA

Realiza-se no próximo

dia 18, pelas 18.30 horas,
nas antigas instalações
do Sindicato — Trav. da Boa
Hora, 46-1.º, ao Bairro Alto

um plenário de Delegados Sindicais, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Análise de projecto dos novos Estatutos.

CAMARADA

Tens que estar informado para poderes informar os teus Companheiros de trabalho.

NÃO FALTES.

PELA DIRECÇÃO

Horténsio Ferreira Rodrigues

Confusão musical na RTP:

Demis Roussos ou Vitorino de Almeida?

A noite de ontem foi preenchida, pela RTP, com dois programas grandes, se atendermos a duração de cada um deles. O primeiro, sob a batuta de António Vitorino de Almeida, disse respeito à música, aos problemas da grande música em Portugal, principalmente no que com ela teve (e tem) a ver a Fundação Calouste Gulbenkian. O segundo, porém, não teve conversa. Foi: «toma lá disto», sem comentários. Foi Demis Roussos até faltar.

Não somos nós que discordamos do divertimento na tele-

visão. Nada disso. É que, sendo Roussos considerado um tipo que canta músicas inferiores, salvando-se apenas a voz diferente que tem, o que é pouco, e sendo esse programa lançado para o ar, sem comentários, imediatamente após um outro em que se falou de música, da necessidade de fazer com que a boa música não seja dada apenas às elites, a sua localização na programação de ontem é um atirar areia para os olhos das pessoas. Demagógicamente. Assim do género: «bom povo, toma lá música

boa». O que provoca confusão, pelo menos. O que não se explica de forma nenhuma tanto mais que o programa havia já sido transmitido ainda não há muito.

Diz Vitorino de Almeida que a música deve estar ligada a sua época, comprometida com a realidade que se vive. E a RTP não teve mais que fazer senão dar-nos o Roussos, para nos convencer que o Vitorino de Almeida não sabe o que diz! Ora bolas!

Miele

EQUIPAMENTO INDUSTRIAL MIELE
UM PILAR IMPORTANTE NA HABITAÇÃO SOCIAL
MAQUINAS DE LAVAR, SECAR, PASSAR

DO AGREGADO FAMILIAR
AO AGREGADO
HABITACIONAL

MIELE PORTUGUESA, LDA.
EXPÕE NA

75 STAND 280/1 PAV. 4
FIL

Nacional

Ora
diga-nos

Será que os jornais, hoje, em Portugal, acompanham o processo revolucionário, reflectem a «verdadeira verdade» da revolução?

Largo de Camões, Joaquim Vieira Carrola, vendedor ambulante: «Acho que sim. Ao menos dizem as coisas com mais clareza. Antigamente, a gente quase tinha que decifrar aquilo que os jornalistas queriam dizer. Leio todos os dias pelo menos um jornal da tarde e tenho seguido agora com o maior interesse o que se passa em Angola. De um modo geral acho que os jornais estão bem. A gente acredita neles.»

Rua Arco de Bandeira, um cidadão que não quis ser fotografado, não quis dizer nome nem profissão, embora tenha acabado por adiantar que é mi-

QUE PENSA AGORA
DOS JORNAIS PORTUGUESES?

litar: «Tenho a impressão que os jornais não dizem tudo quanto podiam dizer. Parece-me que há falhas na infor-



mação. Por exemplo, há coisas que se passam em Angola e os acontecimentos e o relato que às vezes aqui não se sabem. Ou, quando se sabem, já se passaram. Julgo que às vezes há um grande espaço entre deles. Não, os jornais não dizem tudo.»

Avenida da Liberdade, à mesa de uma esplanada, o escritor e investigador brasileiro Gramiro de Matos, de 31 anos,

uma bolsa da Gulbenkian para estudar o processo português de descolonização: «Os jornais portugueses não estão a acompanhar o processo revolucionário. Falta-lhes criatividade, imaginação. Os jornalistas escrevem hoje como escreviam antigamente. Há por exemplo o caso do «Jornal Novo». Tentaram dar-lhe uma forma realmente nova, mas o conteúdo é velho. Não vai ao fundo dos problemas, fica uma coisa artificial. E isto é grave porque a responsabilidade dos intelectuais portugueses é muito grande. Na história do pós-guerra, a revolução portuguesa é a primeira com características universais. Mais do que a chinesa. Porque a História de Portugal é quase a história do colonialismo, na América, na África, no Oriente. Isso tem de reflectir-se nos jornais, na cultura. Os artistas portugueses parece não se terem dado conta de que esta revolução pode ser a mais importante de todas. Qualquer movimento revolucionário do País, atinge a humanidade inteira».

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS
DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO
DE LISBOA

AOS DELEGADOS SINDICAIS

Camarada,

Tal como foi feito para o Projecto de Estatutos elaborado por um Grupo de Trabalho ratificado num Plenário de Delegados Sindicais, encontra-se em distribuição outro Projecto de Estatutos apresentado por um grupo de sócios do Sindicato.

Neste sentido, convidamos os Delegados Sindicais a dirigirem-se ao Sindicato para levarem para as Empresas onde trabalham, o Projecto denominado de «B» apresentado por aquele grupo de sócios,

Lisboa, 12 de Junho de 1975.

Pela DIRECÇÃO

PRIMEIRA REPARAÇÃO
NO ESTALEIRO DA SETENAVE

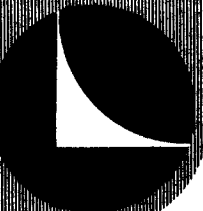
Com a entrada em doca do petroleiro «Montemuro», da SOPONATA, a Setenave inaugurou hoje a sua actividade de reparação naval.

Recorde-se que o «Montemuro», de 316 000 toneladas, destinado a operar nas águas de Sines, servindo a nova refinaria do complexo industrial ali em desenvolvimento, foi o primeiro petroleiro construído no estaleiro da Setenave, em Agosto do ano passado.

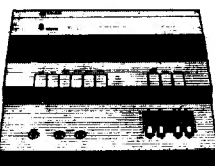
Dois anos antes, em Abril de 1972, com a conquista ao rio

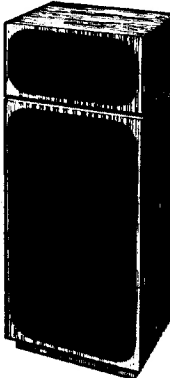
Sado de uma área de um milhão de metros quadrados, tinha sido iniciado o empreendimento, para a implantação dos dois estaleiros: o de construção e o de reparação.

O funcionamento destes estaleiros permite a criação, até final de 1975, de 3600 postos de trabalho e a obtenção de 4 500 000 contos. Dado que 92 por cento da sua actividade é dirigida ao mercado externo, a Setenave poderá ter um contributo significativo para o equilíbrio da balança de pagamentos.



SOM LEAK




- AMPLIFICADORES-SINTONIZADORES
- AMPLIFICADORES
- SINTONIZADORES AM-FM
- GRAVADOR DE CASSETES
- GIRA DISCOS
- ALTI-FALANTES

EQUIPAMENTO DE ALTA FIDELIDADE

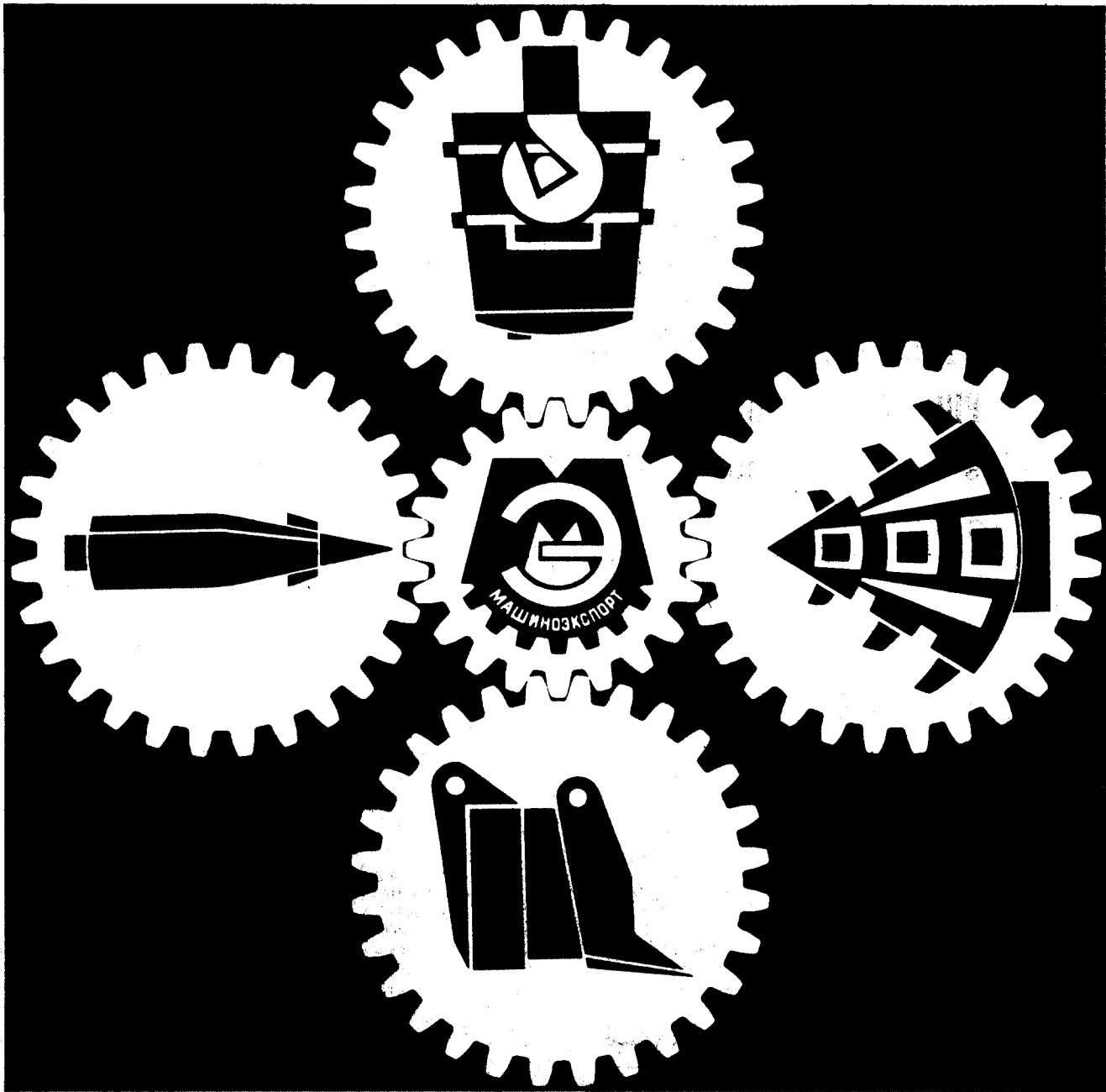
LEAK

UM PRODUTO

RANK RADIO INTERNATIONAL LIMITED

JORGE GONÇALVES
Av. 5 de Outubro, 53-1ª Lisboa 1

FIL — NO STAND BRITÂNICO

EQUIPAMENTO INDUSTRIAL DA UNIÃO SONIÉTICA
PRESENTE NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Stand de apresentação e informação - Catálogos - Folhetos e documentação fotográfica de: Escavadoras. Equipamento geofísico e para perfuração de poços de petróleo. Equipamento elevatório e de transporte. Metalurgia. Equipamentos para construção civil. Minas. Exibição

de filmes referentes a todas as mercadorias apresentadas no stand.

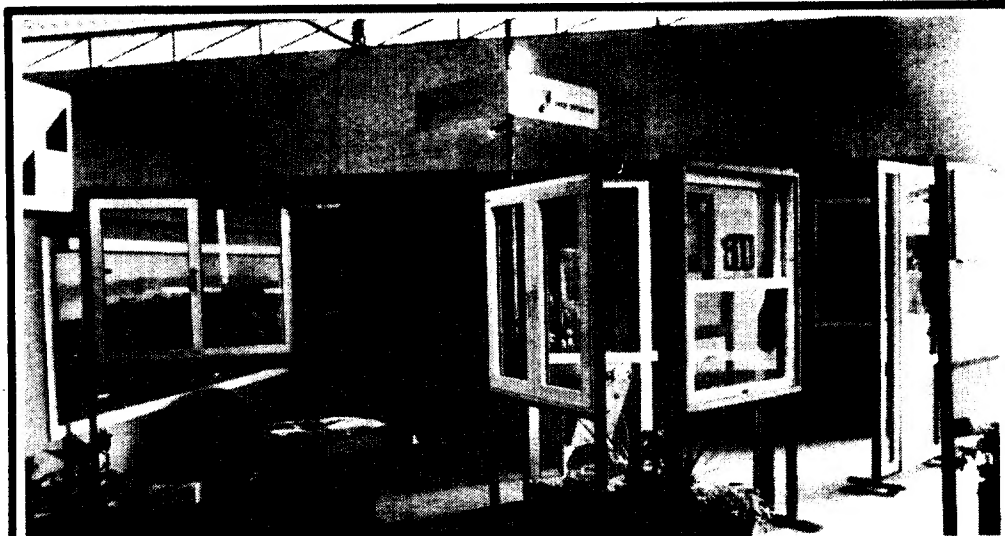
Visite o stand da MACHINOEXPORT na FIL, onde poderá obter todas as informações que solicitar sobre os produtos que apresentamos.



MACHINOEXPORT

Peça Informações a: MOSCOVO - 117330 - U.R.S.S. - TELEF. 1471542 - TELEX 7207

FIL-75



CAIXILHOS PETAL A NOVA SOLUÇÃO PARA AS SUAS PORTAS E JANELAS

AS MAIS: MODERNAS, VERSÁTEIS,
ECONÓMICAS, DURÁVEIS,
RESISTENTES, ISOLANTES.



petal portuguesa

materiais de construção plásticos, s.a.r.l.
rua francisco baia, 2-a/tel. 781127/lisboa 4



MOVILAR
PORTUGUESA

Z-marks
FABRICANTE

**MOBILIÁRIO DE FABRICO NACIONAL
EM EXPOSIÇÃO NA FIL 75**

RUA MARQUÊS DA FRONTEIRA, 4 (Metro S. Sebastião)
TELEFS.: 535850 - 530596 - 557445 — LISBOA



CANDEEIROS GAMU, LDA.

FABRICANTES

PRESENTES NA FIL 75

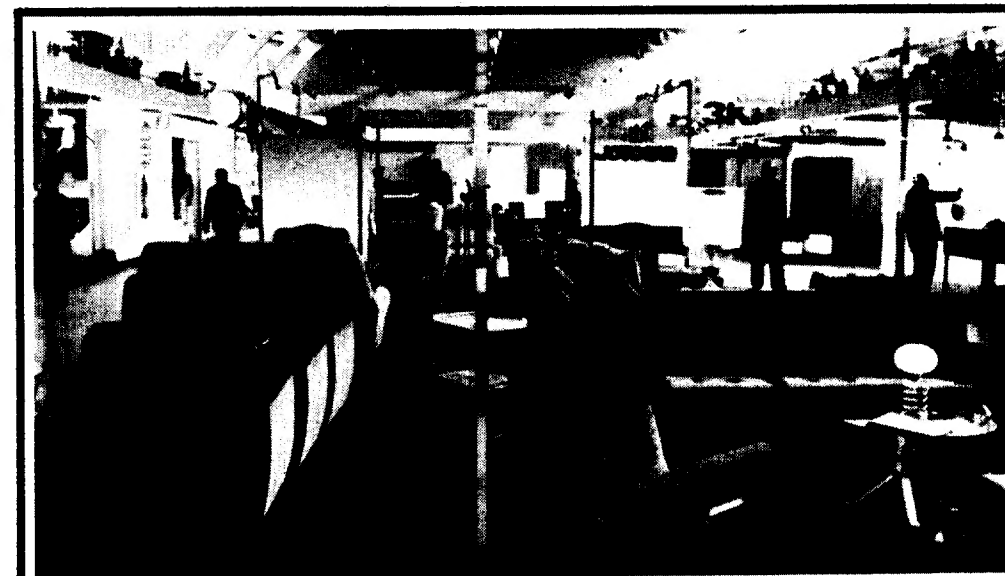
UMA INDÚSTRIA AO SERVIÇO DO PAÍS



28

**INDÚSTRIA NACIONAL
AO MELHOR NÍVEL EUROPEU**

RUA MONTEPIO GERAL, 7-B — LISBOA



JOTOCAR

PRESENTE NA FIL. 75

COM OS SEUS ÚLTIMOS MODELOS 75 - 76



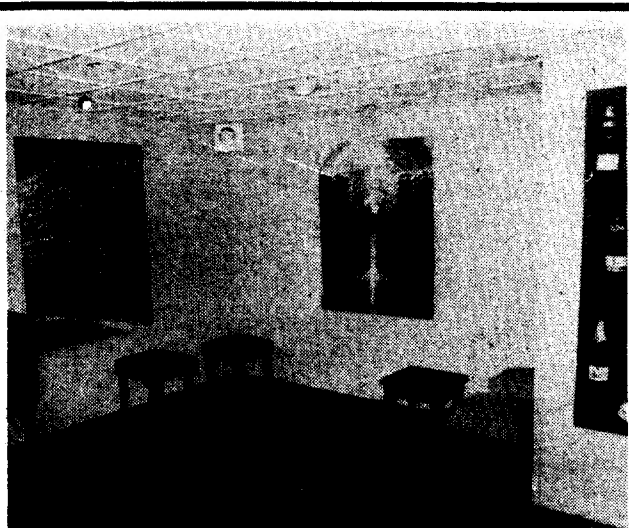
**MOBILIÁRIO DOMÉSTICO E ESCRITÓRIO
ESTAMOS PRESENTES
NA FIL 75
VISITE-NOS**



LAPINORTE, S.A.R.L.

FABRICA — VIA NORTE, KM 2.450 — TELEF. 901016/7
STAND — R. DE S. BRÁS, 470 — PORTO — TELS. 494263

FIL-75



Caves da Raposeira

VALLE, FILHO & GENROS, L.^{DA}
LAMEGO — PORTUGAL

ESPUMANTE NATURAL • SPARKLING WINE • GRAND MOUSSEUX



PAREDES E TECTOS ACÚSTICOS
ESCRITÓRIOS PANORÂMICOS
REDUÇÃO DE RUÍDO INDUSTRIAL

VORTEX

Consultores Técnicos • Engenharia do Ambiente, S.A.R.L.
Rua Conselheiro Arantes Pedroso, 11-A
Telef. 4 13 89 — LISBOA — PORTUGAL



VISITE-NOS NA FIL

UM SERVIÇO NOVO PARA UM «NOVO PORTUGAL» QUE INTERESSA A TODOS OS AUTOMOBILISTAS



ROTA AZUL

PREVAUTO:
SOCIEDADE DE PROTECÇÃO AO AUTOMOBILISTA, LDA.
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 89 7º Tel. 76 18 26 LISBOA



APRESTOS
PARA
EMBALAGENS



ETIQUETADORAS
E ETIQUETAS



CINTAGEM
AUTOMÁTICA



SISTEMA
DE MARCAÇÃO
E FITAS



MAQUINAS
DE AGRAFAR
INDUSTRIAIS

LISBOA-3 — RUA JAU, 28
TELEF. 635095

PORTO — RUA DO ALMADA, 494
TELEFS. 20105 / 30156



MÓVEIS BAÍA

NOVA LINHA 75-76

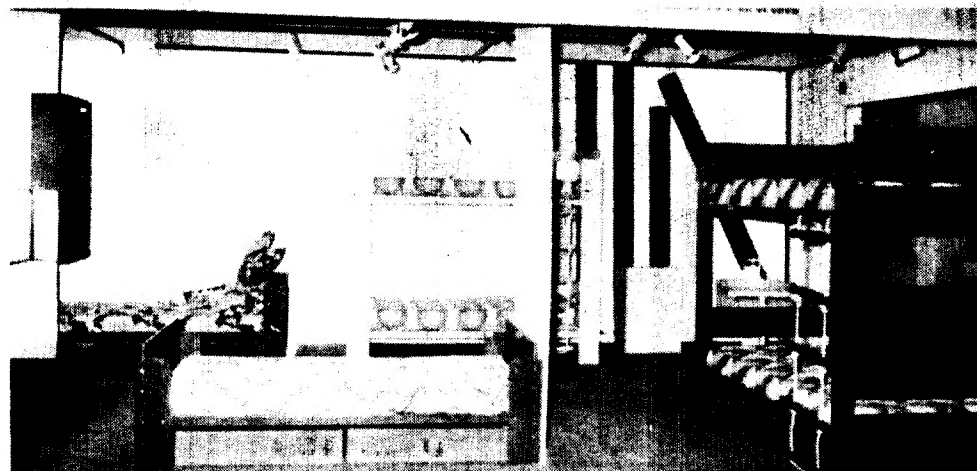
SEMPRE A SOLUÇÃO DO MUITO AO POUCO ESPAÇO

VISITE-NOS NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

nepii

decorama

APRESENTA NOVAS FORMAS — NOVAS CORES



MOBILIÁRIO MODERNO... DIFERENTE
PAVILHÃO A — STANDS 76/87

LISBOA: AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 21-A — PORTO: RUA SANTA CATARINA, 1355

FIL-75



EM 17 MESES DE ACTIVIDADE ULTRAPASSAMOS AS 100 UNIDADES VENDIDAS EM: ESCOLAS, ESTÚDIOS DE ARTE, HOSPITAIS, METALOMECÂNICA, FÁBRICAS DE FAIANÇA

Fornos Drayton, Lda.
GÂNDARA DOS OLIVAIS—LEIRIA



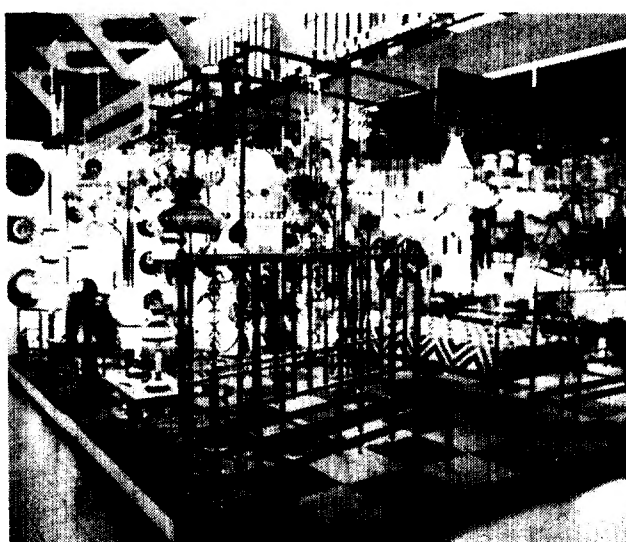
"A XAFARIKA"
FABRICA DE FRANJAS
SOARES DA SILVA & C.ª
FABRICO PARA EXPORTAÇÃO
Rua 9 de Abril, 253 — Telf. 490167
PORTO
Presente na F. I. L. — Pavilhão 7



Sociedade de Representações
SIDA - SUECA LDA.
ARRUAIMENTOS DA MATINHA — RUA N.º 2 — LISBOA 6 — (Portugal)
REPRESENTANTES PARA PORTUGAL
DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR *Empisal*
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Av. Fontes Pereira de Melo, 15-D
Telef. 53 31 11 — LISBOA - I
Rua Formosa, 445 - 1.º — Telef. 3 45 36 — PORTO
Presente na F. I. L. — PAVILHÃO 6



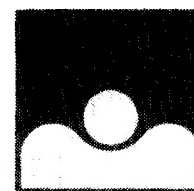
SOQUILAR
SOC. DE EQUIPAMENTOS PARA O LAR
APRESENTAM A SUA LINHA DE ESTOFOS 75-76
E COLCHÕES LET SLEEP
R. 2 DA MATINHA (Frente à R. do Telhal)
POÇO DO BISPO — LISBOA - 6



SARGO & CARNEIRO, LDA.
CONVIDAM TODOS OS SEUS CLIENTES E AMIGOS
A VISITAREM O SEU STAND. PRESENTE NA
FIL-75.



130 PORTUGUESES A TRABALHAR PARA
O PROGRESSO DO PAÍS



Sociedade Industrial de Estofos, Lda.
Sete Portais/Telha/Barreiro
Telefone 2072050 - 2073230
PRESENTE NA FIL 75



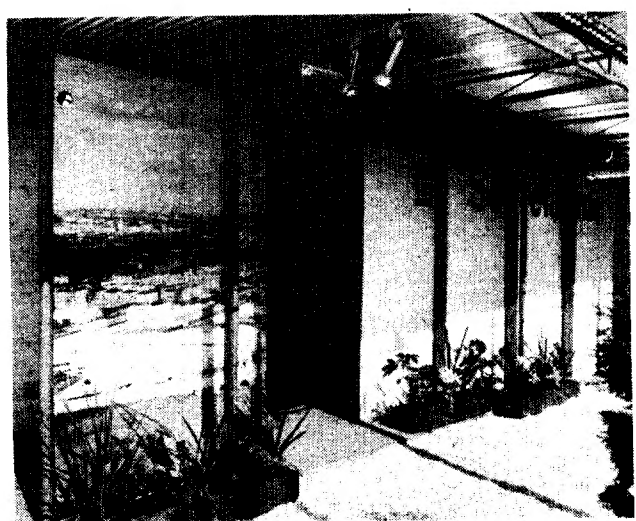
HORIZONTE INTERNACIONAL, S.A.R.L.

Avenida 5 de Outubro, 137, 1.º Dto. — Telefone 779821 — Lisboa - I
Delegações em todo o país

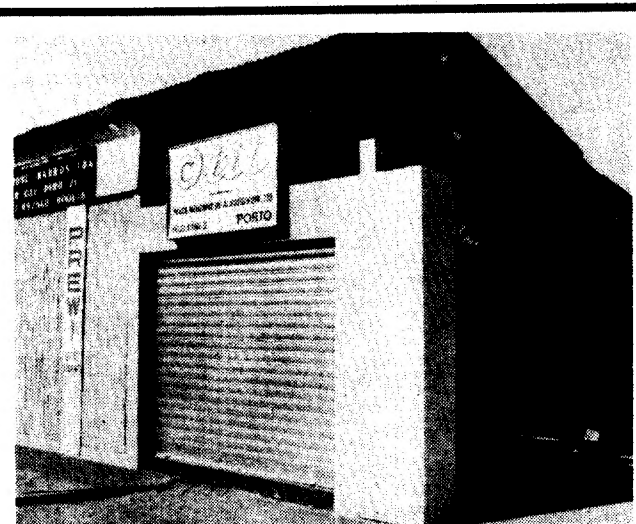
IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

Representados : SUFAM — MOVILFRIT — G 3 FERRARI — R. D. CORTINA, INC
Exportação de : PEQUENOS ELECTRODOMÉSTICOS — CERÂMICAS DECORATIVAS E FUNCIONAIS — DETERGENTES
QUÍMICO INDUSTRIAL
Presente na F. I. L. Pavilhão 6

FIL-75



**A SOREFAME
MAIS UMA VEZ
PRESENTE NA FIL**



**TODOS OS TIPOS DE PORTAS INDUS-
TRIAIS, BASCULANTES E INTERIORES
(ROUPEIROS)**

O TIL

Praça Mouzinho de Albuquerque, 139-2.º—PORTO

Distribuidor do Sul:

JOSÉ BARROS, LDA.

Rua José Duro, 21-B — LISBOA



**PELA PRIMEIRA VEZ NA FIL
PARA UMA NOVA CONSTRUÇÃO
AO SERVIÇO DO POVO**

"AS CARTAS ESCONDIDAS DO FASCISMO"

O coronel Francisco Marques Rêpas vem em defesa do gen. Kaulza de Arriaga propondo-se contestar a matéria publicada. Nestes termos:

«1.º — No número do Diário de Lisboa de quinta-feira, 5 de Junho de 1975, li um pequeno artigo intitulado «As cartas escondidas do fascismo», que contém determinadas afirmações que, na qualidade de defensor do Exm.º sr. general Kaulza Oliveira de Arriaga, me obrigam a solicitar a V. Ex.ª a publicação desta carta.

É que esse Exm.º oficial general, que presentemente está recluso, é, nesse artigo, particularmente visado e caluniosamente atingido, porque no referido artigo liga-se o seu nome a factos que vou referir, e, os quais, se ocorrerem, não foram do seu conhecimento.

2.º — Assim, o general Kaulza de Arriaga nega que tivesse tido qualquer encontro com o general Vernon Walters, no Verão passado; afirma que não é, nem nunca foi, responsável da Petrangol (sic) nem pela Petrangol; garante que nunca foi aos Estados Unidos com a finalidade de pedir conselhos a quem quer que fosse, e quando lá esteve, acompanhado de sua esposa, em 1969, foi tão-somente para corresponder a um honroso convite que lhe foi feito pelo Governo desse mesmo país; declara que nunca pertenceu ao círculo de personalidades que rodeavam o sr. almirante Américo Tomaz, e, consequentemente, pertence-lhe o direito de não ser envolvido em quaisquer actividades políticas que se pretenda tenham tido origem no referido círculo; desconhece completamente se nesse mesmo círculo existiam «inimigos acérrimos» do general Spínola; afirma categoricamente que nunca o general Spínola encontrou dificuldades que por ele lhe fossem levantadas em caminho que tivesse decidido seguir; e, por último, afirma como absolutamente falsa e caluniosa a notícia de ter fornecido informações a serviços secretos dos Estados Unidos, da Espanha e do Brasil, e, neste ponto, a informação transcrita pelo «DL» afirma-se não só caluniosa para com ele como até talvez para com organismos oficiais de cada um daqueles três países.

3.º — É certo que o «DL» declara que extraiu as

notícias, que transcreveu, do The New York Review of Books, e também é verdade que ao publicá-las quis dar prova de o fazer na maior boa fé.

Mas mesmo sem ir mais longe no desmentido que fica feito, o «DL» e os seus leitores podem estar certos que foram iludidos na sua admissível boa fé, pois efectivamente não reflecte verdade qualquer daquelas informações agora contestadas.

4.º — No mesmo número de 5 de Junho corrente, o «DL» publicou o seu Estatuto Editorial, onde se afirma que «reivindica... uma atitude de vigilância e de protesto contra toda e qualquer opressão à democracia e à formação cívica

do povo português...».

1.º O artigo em causa baseou-se em transcrição de um estudo de Kenneth Maxwell, membro do Institute of Advanced Studies, de Princeton e um dos especialistas da política portuguesa de mais reputada informação nos círculos oficiais dos E.U.A. A sua posição perante a actualidade portuguesa é francamente negativa. Os dados que publicamos tem, portanto, a imparcialidade destas duas circunstâncias.

2.º Sugerimos ao cor. Marques Rêpas que se dirija directamente a Kenneth Maxwell (c/o The New York Review of Books — 250 W 57 Street, New York NY 10019) sobre o encontro do gen. Kaulza de Arriaga com Vernon Walters. Difi-

cilmente K. Arriaga confessará que teve encontros com um chefe da C.I.A. como Walters...

3.º O facto de K. A. se ter deslocado aos E.U.A. a convite oficial não desmente os contactos «oficiais» que lá tenha tido nem o pretexto do convite.

4.º Na realidade Kaulza de Arriaga nunca foi da Petrangol. Mas foi da Angol e — mais significativamente — administrador da empresa por parte do Estado.

5.º O artigo publicado reivindicava, de facto, a «atitude de vigilância» das liberdades do povo português, expressas no nosso Estatuto, e de que Kaulza de Arriaga se demonstrou acérrimo opressor como facilmente se comprova pelo seu passado fascista.

Socialistas apoiam retornados de Angola

Em quatro moradas de Lisboa podem ser entregues donativos para os retornados de Angola, canalizados através da Comissão Socialista de Apoio do P.S.).

Das 15 às 20 horas a recepção faz-se na Rua D. João V, 2-1.º, esquerdo, Largo dos Jerónimos, 3 e Avenidas 5 de Outubro, 117, 2.º ou 3.º e Almirante Reis, 54, 3.º.

Num comunicado à Imprensa a comissão explica que se decidiu a tal gesto por serem necessárias, na presente emergência «todas as ajudas humanas», neste caso complementa-

res das que a Cruz Vermelha e o Ministério de Coordenação

Interterritorial entenderem pôr em prática.

O MINHO COMO REGIÃO

Foi alterado o final do ciclo de conferências na Casa do Minho tendo como tema uma análise da província em termos de região. Os oradores anunciados são o eng.º Armando Correia, reverendo Júlio Vaz e sr. Dias Araújo.

Amanhã à noite (21.30) o eng.º Armando Correia, deputado à Constituinte, fala das

«Linhas Gerais para Definição da Política de Desenvolvimento Económico e Social da Região». Na quinta-feira, à mesma hora, cabe a vez ao padre Vaz de dissertar acerca do «Aproveitamento do Emigrante na Promoção da Província». No dia 27 anuncia-se a derradeira conferência — «Turismo e Desenvolvimento Regional, pelo sr. Dias Araújo.

OLAIO

**VISITE
O STAND
OLAIO
NA FIL**

Olaio
um estilo revolucionário
que não esquece o conforto
...nem o preço
* Preços especiais durante a feira

Nacional

RÁDIO RENASCENÇA | DESALOJADOS OS ASSALTANTES DO EMISSOR DA LOUSÃ

Um grupo de indivíduos afectos ao Conselho de Gerência ocupou a noite passada o emissor da Lousã de Rádio Renascença, desalojando os profissionais que ali se encontravam. Pouco tempo depois, o grupo viria a ser expulso pelo Copcon, que neste momento controla o emissor, não obstan-

te este se encontrar desligado, na sequência do corte do emissor de frequência modulada de Monsanto efectuado por ordem do mesmo Conselho de Gerência.

Segundo informações fornecidas pelos trabalhadores vítimas do assalto, o grupo ocupante era constituído por 19

personas, entre as quais se encontravam o eng. Magalhães Crespo, do Conselho de Gerência, e a esposa, Augusto Lira (ex-trabalhador saneado), Máximo Marques (o autor material do corte do emissor de Monsanto) e os empregados de escritório Albérico Fernandes e Glória Branco.

Trabalhadores do estúdio de Lisboa da Emissora Católica, que continuam a ocupar as instalações (onde neste momento se encontram também forças militares, na sequência das medidas decretadas pelo Copcon para todas as estações emissoras) interpretam esta

rência como mais uma tentativa de lançar para o ar uma emissão reaccionária, contra os trabalhadores em luta.

Embora a concessão pelo general Otelo Saraiva de Carvalho de uma entrevista à Rádio Renascença possa ser interpretada como uma ratificação, a título pessoal, da luta

que ali vem sendo travada por uma rádio «ao serviço dos explorados e oprimidos», a falta de uma tomada de posição oficial, pelo Conselho da Revolução, põe em perigo a sobrevivência daquela estação com a orientação que os trabalhadores pretendem dar-lhe e pela qual começaram a lutar antes do 25 de Abril.

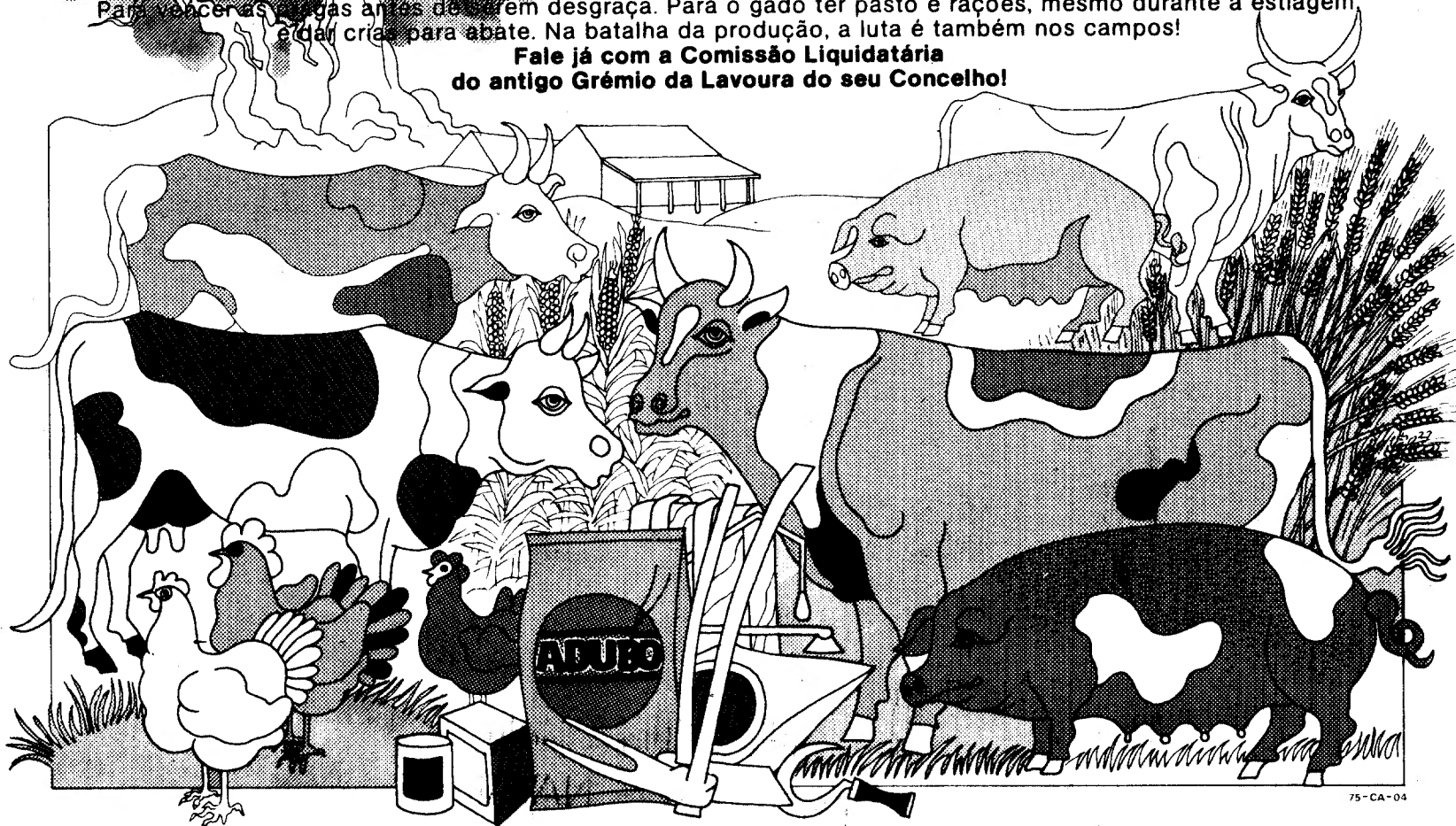
Efectivamente, são cada vez mais precárias as condições em que cerca de três dezenas de pessoas (as mesmas que se bateram contra o fascismo) trabalham para levar aos ouvintes a voz da Rádio Renascença de Lisboa. As principais dificuldades são de ordem económica. Embora 400 contos mensais chegassem para, em regime de austeridade, manter a estação «no ar», a verdade é que a receita obrida actualmente pouco ultrapassará os 10 contos. E os trabalhadores não recebem o ordenado há três meses. Deste modo, corre-se o risco de perder uma batalha devido a factores perfeitamente superáveis, mas que, sózinhos, ou com os escassos apoios até agora recebidos (precisamente da parte de gente necessitada...) os trabalhadores não podem resolver. É evidente que quem aproveitaria com esta derrota seria, como tem sido tantas vezes sublinhado, a reacção deste País.



1ª etapa da nova Banca Crédito Agrícola Crédito ao Trabalho do Pequeno e Médio Produtor

Pela forma mais rápida, mais simples e imediata - sem precisar de hipotecas nem letras, sem cauções nem fianças - crédito a quem granjeia a terra!
Para quem não tem medo ao trabalho e produtos de que precisa para tratar a tempo e horas a terra que lhe dá o pão.
Crédito Agrícola - crédito em espécie, logo na venda da colheita! E o valor dos produtos levantados mais 6,5% ao ano!
6,5% de lucro mais baixo hoje em dia para dar à terra boas sementes e plantas e para que a colheita seja mais farta.
Para vencer as pragas antes de serem desgraça. Para o gado ter pasto e rações, mesmo durante a estiagem, e dar crias para abate. Na batalha da produção, a luta é também nos campos!

Fale já com a Comissão Liquidatária
do antigo Grémio da Lavoura do seu Concelho!



QUELUZ

"A MATA É DO POVO!"

«A mata é do povo!»
Ao som deste grito, centenas de civis e militares ocuparam ontem xde manhã o Pinhal da Matinha, em Queluz.

Com cerca de cinquenta hectares, o pinhal encontrava-se fechado há dezenas de anos. No interior — água canalizada e sobreiros com cortiça por arrancar há muito, muito tempo...

Há um ano, mais dia menos dia, os habitantes de Queluz já tinham chamado a atenção das autoridades competentes para tão grande desaproveitamento. E as autoridades diziam: «Um pouco de paciência e tudo se resolverá...»

Mas a paciência esgotou-se e, assim, as quinze Comissões de Moradores de Queluz entenderam pôr fim a esta situação. E deram o passo em frente com a alegria de quem conquista o mundo. Aquilo só visto: entrou o serrote, entrou o machado, entrou a sachola... Entrou também a picareta, instrumento muito importante para operações deste género. Aberto o portão, foi-lhe hasteada no topo a bandeira nacional.

Tudo, pois, como deve ser: ao País o que é do País. Qual será agora o destino da mata? Ouçamos o administrador do Bairro: «Será o povo quem decidirá do futuro da mata. Agora apenas lhe quisemos mostrar a riqueza que aqui se encontrava escondida para que comece desde já a aproveitá-la».

A entrada, um letreiro de letras claras: «Mata do povo, o povo cuida dela!»

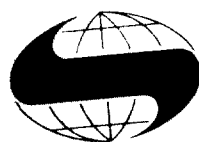
Em resumo: triunfo do povo, da produção e da ecologia.



TUDO A POSTOS

Cumprimos objectivos. Vivemos a hora actual. Somos uma realidade: O mais moderno e um dos maiores estaleiros navais do mundo! A nossa força é a força da nossa tecnologia, do trabalho dos nossos homens unidos na construção dum País novo. Anunciamos o início da reparação do 1.º navio nos nossos estaleiros: Um petroleiro da Soponata.

SETENAVE
MAIS UM PASSO EM FRENTE



setenave

ESTALEIROS NAVAIS DE SETÚBAL, S.A.R.L.

Nacional

6

CAMPANHA DO NORDESTE

Texto de LOURDES FÉRIA

O clero do Nordeste Transmontano joga invariavelmente contra a Revolução. É na austeridade das igrejas, no segredo dos confessionários, nos jornais paroquiais que surgem sugestivas descrições do «inferno» comunista. Que se tenta convencer os camponeses (com um certo êxito) dos perigos que os espreitam.

No distrito de Bragança existem 200 padres. Com menos de 45 anos há vinte e cinco e com menos de 35 apenas seis. Homens marcados por uma educação repressiva. Parte da sua vida passaram-na num seminário obsoleto, onde aprenderam a dissimulação e a hipocrisia. Por medo. Filhos de camponeses pobres, muitas vezes não tinham outra opção. Os poucos colégios que havia na região eram dispendiosos. A frequência do liceu ou escola única de Bragança implicava despesas de estadia que a grande maioria dos pais não podia pagar. A única possibilidade de ensino coincidia com o seminário. Os alunos chegavam até ao sétimo ano e então decidiam (passe a ironia), segundo o critério da disponibilidade económica, se sentiam ou não vocação para o sacerdócio ou se preferiam a liberdade... Enfrentar, enfim, a vida fora dos muros.

O padre Manuel Sampaio, homem de trinta e poucos anos, foi dos que ficou. Ordenaram-no padre. Nos embates com o mundo percebeu que vivera rodeado de mentira. Desperta nele o sentido crítico tantos anos amordaçado. Veio o 25 de Abril e optou definitivamente. A ousadia do gesto custou-lhe a animosidade dos colegas, dos senhores importantes, do bispo. Sobre ele caiu a espada da mentira.

O «Mensagem», jornal que

Rodrigues. Aliás, e segundo certas vozes, o irmão do ex-ministro do Interior do Governo de Caetano, que estava à frente do complexo turístico, ainda hoje passeia calmamente na cidade...

Quando o jornal «Mensagem» tocou no assunto, as pessoas que nele colaboravam foram brindadas com várias cartas anónimas. Ao leme de toda esta questão movia-se também o vigário geral, Videira Pires, desaparecido do País depois

O CLERO TRANSMONTANO CONTRA A REVOLUÇÃO

Bragança. Homem inteligente e culto confessa: «Considero desonestidade e cobardia colaborar com a Igreja tal como ela está. Portanto, só tenho duas hipóteses: a marginalização ou ir-me embora para outro lado. Católicos conscientes e adultos aqui não os há.»

O «Padre Vermelho do Nordeste» (como lhe chamam os seus detractores) nasceu numa aldeia de trinta e tal fogos. Filho de pequenos comerciantes (a mãe era padreira) entrou para o seminário aos 9 anos de idade. Inocente como todas as crianças, enreda-se na engrenagem. Manuel Sampaio fala-nos dessa época da sua vida:

«Quando fui para o seminário não sabia o que era aquilo. Como criança e por isso moldável vou-me encaixando naquela estrutura. Recebi uma formação medieval. Diariamente inculcavam-nos o sentido do pecado. Deturpavam todo o conceito de sexualidade. Havia meninos que tomavam banho vestidos. Um exemplo que nos impingiam frequentemente era o de Luís Gonzaga. Um homem tão casto que nem conhecia os olhos da mãe... Vive a educação seminarista de uma maneira escrupulosa.»

A medida que a criança dava lugar ao adulto Manuel Sampaio ia-se apercebendo do terrível espartilho em que estava metido. No entanto, «não tinha força para lutar contra o que o oprimia». Em sua casa a mentalidade era tão espartana como a do seminário. O adolescente nem podia respirar.

«Como adquiri a consciência política? Muito tarde. Não me permitiam comprar livros nem certas leituras, pois o polícia-

quele casa. Conseguimos comprar uma com o dinheiro junto em peditório público.»

Um homem, sobretudo um padre, que salta os muros da irracionalidade e ousa acreditar no materialismo dialéctico

tual que lhe falta. Acho que devíamos procurar aquilo que nos une e não acentuar o que nos desune. Estou convencido de que o mundo marcha para o socialismo. Um processo histórico irreversível.»

nos dia, é para a oficialização. Debate-se, porém com dificuldades económicas. Parte da receita que mantém a obra vem da tipografia, uma das melhores do Norte do País. Ali são feitos os jornais «Ené», «Miran-



Um povo que marcha sem ideias políticas conscientes

e na ciência, teve de estilizar muita coisa dentro dele. Que representam actualmente para Manuel Sampaio os dogmas da Santa Madre Igreja?

«Continuo a acreditar no Evangelho e nos valores espirituais. Porém, para mim, um padre devia ser um homem integrado na sociedade. Quanto aos dogmas há um núcleo fundamental que aceito. Em contrapartida alguns deles acho que são ridículos. A Igreja assenta numa estrutura diabolicamente bem arquitectada. De uma lógica escolástica implacável. Enquanto se está embrenhado naqueles argumentos é difícil discernir lucidamente.»

ERASMO E MARX

Perguntamos ao padre Sampaio se encarava a hipótese da Igreja acompanhar o processo revolucionário em Portugal.

«A Igreja sempre foi reaccionária e conservadora. Contra o progresso científico e espiritual. É impossível que ela apague o comboio. Agarrada às heresias, queda-se muito longe do verdadeiro cristianismo. Por outro lado, no nosso país, a Igreja estava enfeudada à política fascista. Penso que toda a estrutura eclesiástica devia desaparecer. Só assim se poderá construir algo de positivo no plano cristão. Para se viver a autenticidade do Evangelho na sua pureza original.»

A leitura de Erasmo e o contacto com a obra do abade de Baçal, um padre republicano, investigador, arqueólogo, autodidacta, amigo de Abel Salazar e de outras figuras preponderantes da «inteligência» progressista, determinaram em Manuel Sampaio a ruptura com a Igreja. Nessas fontes bebeu as linhas mestras da sua posição crítica. E Marx? Que aproximação vê entre o marxismo e o cristianismo?

«Evidentemente que há uma incompatibilidade filosófica entre estas duas doutrinas, mas também são coincidentes em muitos pontos. O desaparecimento das classes é profundamente cristão. Talvez o cristianismo possa dar ao materialismo dialéctico o sentido espiri-

«Que tipo de socialismo preconiza?»

«O socialismo puro. Nada de pseudo-socialismo burguês ou social-democrata. Caminhemos para o socialismo científico à medida que as pessoas se forem alfabetizando, ao nível humano e cultural.»

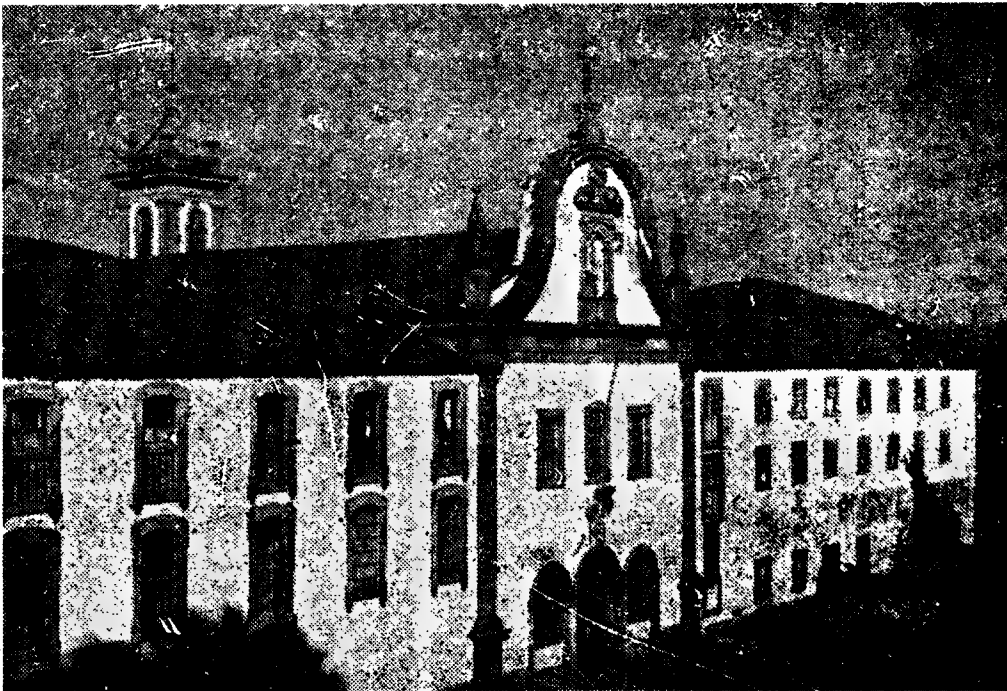
«Que pensa das campanhas de dinamização levadas a cabo no Nordeste?»

«Bastante mal. Por cam pela falta de realismo. A Nortada foi negativa e deu o flanco à reacção. A operação Maio-Nordeste parece-me demasiado idealista. Reconheço que ponderaram um pouco sobre os erros da Nortada, mas ainda não se agarrou a realidade transmontana. O nosso povo está cansado de palavras. Desde que note interesse e lealdade entrega-se inteiramente. Tinha uma ideia errada da política. Vomitavam de nojo só de pensar nisso. Na política. São profundamente agarrados à videira, ao pedaço de terra. Foram criados no meio dessas coisas. E têm medo que lhes tirem.»

O padre Sampaio é director da Casa de Trabalho, uma obra de assistência, que alberga 65 rapazes órfãos de idades entre os 7 e os 20 anos. Por enquanto, a Casa depende da diocese, mas a tendência, mais dia, me-

dum», «Torre de Moncorvo» e o «Mensagem». Este último apresenta agora uma nova feição política, muito mais à direita, desde a saída do padre Sampaio. Cerca de trinta e cinco rapazes frequentam a escola primária. Os outros trabalham nas oficinas. Aprendem uma profissão e ao mesmo tempo andam na escola técnica nocturna. Os mestres de oficina, que recebem um ordenado, foram recrutados entre os antigos rapazes da Casa de Trabalho.

Muita gente critica o director da Casa porque os rapazes usam o cabelo comprido, porque não impõe uma disciplina rígida, porque os deixa ir ao cinema, porque discutem política, porque não tem o ar de «desgraçadinhos» comum aos asilados. Enfim! Porque o padre Sampaio não é um padre como os outros. Esses outros que no Nordeste Transmontano ajudaram a afundar os camponeses no obscurantismo mais miserável. Esses que também são produtos do meio. Que vivem à custa do povo. É mal. Muitos deles envolvem-se em negócios de gado para aumento dos magros recursos. Sujeitam-se ao peso da hierarquia. Abandalam-se. Não viajam nem lêem um livro. E continuam a beijar o anel ao bispo...



Um seminário transmontano

dirigia, tornou-se o alvo preferido da reacção. No semanário saiu uma carta aberta à igreja de Bragança que provocou enorme celeuma. A partir de Junho, a campanha contra o padre e outros progressistas da cidade ganhou volume. Fizeram-se reuniões de cristãos para debater o texto. O bispo, embora irritado, teve receio de avançar com represálias. Os ventos da História tinham-se alterado. Nessa altura em que o «Mensagem» se defenia como um órgão de esquerda aconteceram uns problemas com a Torralta, proprietária da estalagem, do «snack-bar» e cinema de Bragança, manobrada pelas famílias Rapazote e Sarmento

do 28 de Setembro. Este membro do clero, antes do primeiro golpe da reacção, costumava dizer: «Isto vai virar porque o general Spínola, Diogo Neto e Galvão de Melo não permitem que a situação continue...»

São distribuídas pelo distrito mais cartas anónimas. Desta vez nem o bispo poupou. Um homem de ideias conservadoras é acusado, pelos autores das cartas, de conivência com o marxismo. As pressões foram tantas que o bispo acaba por demitir o padre Sampaio da direcção do jornal.

O SENTIDO DO PECADO

Manuel Sampaio neste momento é «persona non grata» nos meandros reaccionários de

mento era terrível. Nessa altura, considerava Salazar um enviado de Deus para nos livrar do comunismo. Só depois de abandonar o seminário é que consegui esclarecer-me e desfazer essa ideia.»

O jovem padre vai dar aulas para o seminário. Aí tenta algumas inovações que esbarram sempre com o anacronismo daquele estabelecimento religioso. Proibia-se tudo. Qualquer sopro de vida que viesse do mundo exterior era boicotado pela hierarquia eclesiástica.

«Mesmo assim ainda impus o fato de ginástica. Foi uma atitude quase suicida da minha parte. Imagine que o futebol se jogava em batina. A televisão também estava interdita na

PADRONAGEM EM BIBLIOTECAS

Um especialista da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Jorge Peixoto, estará em Lisboa de 23 a 27 do corrente para dirigir um curso sobre padrões em bibliotecas e serviços de documentação e informação.

O curso é promovido pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, realizando-se no edifício da Biblioteca Nacional, ao Campo Grande, durante duas horas por dia no período indicado.

MÁQUINAS DE ESCREVER ELÉCTRICAS

«BROTHER»

COMERCIAIS E PORTÁTEIS. CARRETOS 33-24
Fabrico japonês. Pedidos ao Representante

«GALERIAS ROLDÃO»

Av. Almirante Reis, 10-C LISBOA

Nacional

O CONTEUDO DA INFORMAÇÃO SOB CONTROLO DOS TRABALHADORES

— síntese de duas moções aprovadas no plenário de classe

Por uma diferença de três votos (71 a favor, 68 contra) o plenário de trabalhadores da Informação reunido no sábado, no Instituto Superior Técnico, aprovou uma moção apresentada pelos gráficos do Sul, onde são feitas as seguintes exigências: «revogação imediata da actual Lei de Imprensa, manifestamente desadaptada às grandes tarefas do processo revolucionário; elaboração de uma nova Lei de Imprensa por uma comissão verdadeiramente representativa, com a participação dos sindicatos ligados à Informação escrita e da Intersindical Nacional»; «medidas firmes (...) contra os órgãos de Informação burguesa estrangeiros, nomeadamente agências como a Reuter e a France Press».

Esta moção especifica ainda que a nova Lei de Imprensa deverá seguir os princípios de consagração do «contrôle» e a participação dos trabalhadores e seus órgãos representativos no conteúdo da Informação e na vida da empresa; e, também, de «criar um dispositivo de defesa da revolução que impeça definitivamente a burguesia, a contra-revolução e as suas organizações de aproveitarem o acesso à Informação para desacreditarem a Informação progressista e o processo revolucionário», nomeadamente. Este documento denuncia os jornais «Expresso» e «Jornal Novo» que afirma terem

um papel «sensacionalista, contra-revolucionário, divisionista e caluniador».

A moção do Sindicato dos Gráficos é, essencialmente, do seguinte teor:

«Na actual fase do processo revolucionário, as concepções burguesas da Informação constituem um poderoso travão ao avanço do movimento popular e um estímulo às manobras da grande burguesia nacional e internacional e suas organizações políticas.

A questão dos órgãos de comunicação social tem sido uma frente de ataque da grande burguesia que aproveita situações de hesitação e de ambiguidade resultantes da própria dinâmica do processo.

E tempo de clarificar posições. Nestes termos os trabalhadores da Imprensa, reunidos em plenário, exigem:

1. A revogação imediata da actual Lei de Imprensa, manifestamente desadaptada às grandes tarefas do processo revolucionário;

2. A elaboração de uma nova Lei verdadeiramente representativa com a participação dos sindicatos ligados à Informação escrita e da Intersindical Nacional.

3. A nova Lei deve obedecer para já, aos seguintes princípios;

a) Consagrar o «contrôle» e a participação dos trabalhadores e seus órgãos representativos do conteúdo da Informação

e na vida da empresa.

b) Criar um dispositivo de defesa da revolução que impeça definitivamente a burguesia e a contra-revolução e as suas organizações de aproveitarem o acesso à Informação para desacreditarem a Informação progressista e o processo revolucionário; para lançarem a confusão e o divisionismo, desmobilizando as massas populares das tarefas da construção do socialismo.»

4. Medidas firmes, sem qualquer espírito de cedência a pressões, venham elas de onde vierem, contra os órgãos de Informação burguesa estrangeiros, nomeadamente agências como a Reuter e a France Press, ao serviço de monopólios e capitais internacionais, pela sistemática e intencional deturpação das realidades da revolução portuguesa.

Foi já largamente maioritária (114 votos a favor, 14 contra e 7 abstenções) a aprovação de proposta onde se exige uma nova Lei de Imprensa e a isenção partidária dos órgãos de Informação.

É o seguinte o seu texto:

«Considerando que a maior parte das empresas de Informação no nosso País estão actualmente sob o controlo do Estado, e são, consequentemente, dada a sua situação deficitária, mantidas pelo Povo Português;

«Considerando que os interesses do Povo Português e dos povos do mundo inteiro impõem a aplicação de uma política informativa que faça das empresas de Informação órgãos de combate antifascista, anticapitalista e anti-imperialista, colocando-se, assim intransigentemente ao serviço dos interesses e das lutas dos operários, camponeses, massas populares e exploradas;

«Considerando que, para, efectivamente, desempenharem esse papel, os órgãos de Informação devem ser isentos partidariamente, sem fazer qualquer tipo de discriminação ou censura em relação às diversas organizações e forças políticas antifascistas, anticapitalistas e anti-imperialistas;

«Considerando que, para garantir o direito do povo à informação e ser informado, os jornais, jornalistas e demais trabalhadores da Informação,

dentro dos limites considerados anteriores não devem permitir, fomentar ou praticar qualquer espécie de censura interna;

«Considerando que os órgãos de Informação são produto de trabalho conjunto dos seus trabalhadores, não sendo admissível que apenas uma mínima parte deles — os jornalistas — decida a definição ideológica e política dos órgãos da Informação que todos produzem relegando a esmagadora maioria dos trabalhadores para uma posição de meros executores;

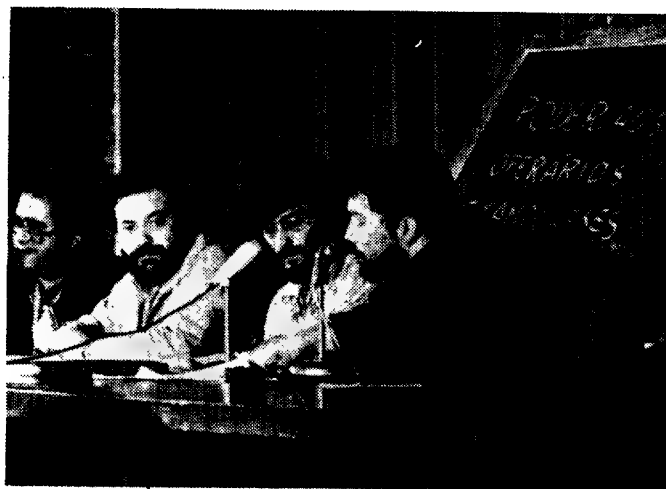
«Os trabalhadores da Informação, reunidos em 14 de Junho, de 1975, no plenário convocado pelos sindicatos dos Gráficos, Jornalistas, Telecomunicações e Administrativos e Revisores de Imprensa, exigem a imediata alteração da actual Lei de Imprensa, de molde a retirar-lhe o seu cunho classista, pelo que desde já declaram que o novo diploma deve conter os seguintes princípios:

«1.º) Na elaboração do estatuto editorial de cada órgão de Informação deve participar a totalidade dos trabalhadores, podendo qualquer grupo ou sector de trabalhadores apresentar propostas de estatutos, as quais deverão ser discutidas em igualdade de circunstâncias com quaisquer outras, em plenários de trabalhadores especialmente convocados para o efeito.

«2.º) O «contrôle» relativo ao cumprimento e interpretação do estatuto editorial deve ser exercido pelos trabalhadores através das suas estruturas representativas que são as comissões de trabalhadores ou sindicais, eleitas directamente pelas bases;

«3.º) Este «contrôle» deve ser exercido através de reuniões periódicas (periodicidade de máxima obrigatoriedade: quinzenal) entre essa comissão unitária de trabalhadores e o Conselho de Redacção, estando o Conselho de Redacção subordinado às decisões da comissão e ambas ao plenário ou reunião geral de trabalhadores da empresa;

«4.º) Ao director do órgão de Informação, com a ajuda do Conselho de Redacção, cabe orientar a execução



diária do jornal ou órgão de Informação, dentro do espírito do estatuto editorial e velar quotidianamente pela observância da linha política e ideológica definida por todos os trabalhadores;

«5.º) O director do órgão de Informação deve ser obrigatoriamente eleito por todos os trabalhadores;

«6.º) O plenário de trabalhadores, órgão soberano dentro da empresa, pode ser convocado em qualquer altura pela comissão unitária de trabalhadores (comissão de trabalhadores ou comissão sindical), ou quando 10 por cento dos trabalhadores da empresa o exigirem.»

Face ao caso «República» que mereceu a apresentação à assembleia de várias outras propostas, não aprovadas, esta posição maioritária defendeu que os princípios transcritos entrem imediatamente em vigor, revogando assim «toda a matéria reaccionária da actual lei em questão».

Apesar do interesse da Imprensa estrangeira por este plenário da Informação portuguesa, apenas estiveram presentes ao encontro três redactores do jornal da esquerda italiana «Lotta Continua» que manifestaram a sua «solidariedade militante à luta dos trabalhadores portugueses da Informação».

EXPANSÃO DA ECONOMIA PORTUGUESA

Encomendas da R.D.A. no valor de 108 mil contos

Portugal-R.D.A.: este país vai comprar ao nosso vinte mil hectolitros de vinho e entregará à Lisnave e à Setenave a reparação de oito navios, no valor contratual de quatro milhões de dólares (cerca de 108 mil contos).

Estes dois quantitativos, muito importantes para a nossa economia, foram expostos na F. I. L., no decurso de uma conferência de Imprensa, pelo secretário de Estado do Comércio Externo da República Democrática Alemã, dr. Gerhard Beil.

Depois de ter recordado a recente visita do ministro Cos-

ta Martins ao seu país, Gerhard Beil acentuou que nos primeiros meses deste ano «a balança comercial entre Portugal e a R. D. A. sofrerá já grande incremento».

Disse, a esse propósito, o secretário de Estado da Alemanha de Leste: «É intenção do meu Governo desenvolver mais essas relações, com prioridade para os sectores onde, em Portugal, há desemprego e subemprego.»

Citando Karl Marx, disse Gerhard Beil:

«Antes que façamos política, há que dar de comer e beber ao povo.»

Alteração no trânsito lisboeta

Tendo em vista a abertura do novo arruamento que ligará o Largo do Jogo da Bola com a Rua da Fonte, vão ser estabelecidos os sentidos de trânsito a seguir indicados, a partir do dia 20 e ao abrigo do disposto do artigo 28 do Regulamento Municipal de Trânsito:

Rua Neves: sentido nascente-poente, no troço compreendido entre a Estrada da Pontinha e a Estrada da Carreira; Largo do Malvar: no sentido poente-nascente; Largo do Jogo da Bola: sentido poente-nascente; novo arruamento, compreendido entre o Largo do Jogo da Bola e a Rua da Fonte: sentido sul-norte; Travessa do Malvar: sentido sul-norte; Travessa do Jogo da Bola: sentido norte-sul; Travessa do Cascão: sentido sul-norte; Rua da Fonte: sentido nascente-poente, no troço compreendido entre o novo arruamento e o largo da Praça; Travessa do Pregoeiro: sentido sul-norte, no troço compreendido entre o Largo da Praça e a Rua da Mestra; Rua do Machado: sentido poente-nascente, e vedado o trânsito, excepto

no serviço local, no troço compreendido entre a Travessa do Jogo da Bola e a Travessa do Cascão; Rua Neves Costa: sentido nascente-poente; Rua do Seminário: sentido nascente-poente; Azinhaga da Luz: sentido sul-norte.

"PORTUGALIZAÇÃO DA IMPRENSA FRANCESA"

— perigo apontado (em Paris) pelo ministro do Interior

PARIS, 16 (F.P.) — Os «perigos de uma portugalização da Imprensa francesa», invocados pelo ministro do Interior Poniatowski, provocaram uma crítica da parte da C.G.T. e da Federação Francesa dos Trabalhadores do Livro, que classificam de «infâmia acusar os trabalhadores da Imprensa de responsáveis pelo desaparecimento dos jornais».

Tudo isto a propósito do conflito do «Parisien Libéré» que, iniciado há mais de três meses, se transformou em campo de batalha onde se digladiam duas espécies de opo-
sitores por um lado, o proprietário do jornal, Emilien Amaury, contra a Federação Francesa dos Trabalhadores do Livro (F.F.T.L.); por outro lado, entre o próprio governo e os sindicatos.

De facto, as declarações do ministro do Interior Poniatowski, ao condenar as violências relacionadas com o conflito foram recebidas como declaração de guerra pela F.F.T.L. e pela C.G.T., de que aquela depende, tendo dois representantes da C.G.T. e do Sindicato do Livro declarado, a propósito, que as declarações de Poniatowski são indignas de um ministro responsável. Este tinha declarado que — embora não responsabilizasse directamente o Sindicato do Livro pela violência que vitimou o chefe de redacção da A.F.P. — nem por isso deixava de atribuir ao Sindicato grande quota-parte de responsabilidade pela criação do clima que permitiu este tipo de acção.

O conflito entre o ministro e os representantes sindicais baseia-se ainda no plano da liberdade de informação. Indicando o monopólio de influência do Sindicato do Livro nas empresas ligadas à informação, Poniatowski disse re-
cear os perigos de uma portugalização da Imprensa parisiense e de um atentado directo contra a liberdade de Imprensa. É uma infâmia acusar os trabalhadores da Imprensa de serem responsáveis pelo desaparecimento dos jornais — responderam, por seu turno, a C.G.T. e a F.F.T.L.

Segundo eles, «a verdadeira ameaça para a Imprensa advém do processo de concentração que, como tantas outras indústrias, visa a eliminação dos fracos em proveito dos fortes e a entrega da informação escrita nas mãos dos grandes grupos financeiros».

Entretanto, os trabalhadores grevistas do «Parisien Libéré» continuam a ocupar as duas tipografias parisienses que imprimem o jornal, não tendo ainda concretizado os rumores de uma possível intervenção policial para evacuação das tipografias.

Por outro lado, as perspectivas de negociação parece estar bloqueadas: embora a C.G.T. e a F.F.T.L. já tenham anunciado estarem dispostas a reabrir as discussões, a direcção do jornal mantém-se em silêncio, pelo que só o Governo parece deter a possibilidade de desbloquear a situação e de vencer o impasse.

SEGUNDO O MINISTÉRIO

A greve nos T.L.P. é apoiada por uma minoria

«A greve nos T.L.P. é apenas apoiada por uma minoria» — esclarece o Ministério dos Transportes e Comunicações, em comunicado a propósito de uma greve de zelo do Sindicato dos Telefonistas de Lisboa.

O Sindicato dos Telefonistas de Lisboa representa cerca de 4500 trabalhadores. O plenário em que foi decidida a greve realizou-se na cantina da C.P. e teve a presença de 300 a 400 trabalhadores. Em 12 de Junho, os guarda-fios e guarda-cabos de Lisboa, que constituem cerca de um terço dos C.T.T.-T.L.P. e os cerca de trinta sindicatos (à excepção do das telefonistas), o comunicam salienta: «As trabalhadoras telefonistas têm manifestado à administração, através de telegramas e telefonemas, a sua adesão ao acordo estabelecido

e o seu repúdio pela greve. Pelas informações de que dispomos, apenas a generalidade dos mecânicos de telefones, pertencentes ao Sindicato dos Telefonistas de Lisboa e que representam cerca de um terço dos seus efectivos apoia a greve». A concluir o Ministério esclarece que até agora não teve conhecimento de que a greve de zelo decidida pelo Sindicato das Telefonistas de Lisboa tenha sido anunciada.

O Sindicato dos Telefonistas de Lisboa havia decidido iniciar uma greve de zelo em 12 de Junho com duração de três dias, à qual se seguiria uma greve de braços caídos durante outros três dias e, posteriormente, uma greve generalizada, com ocupação das instalações até aceitação pela administração de outra tabela salarial.

ARMÁRIOS ROUPEIROS ESTANTE!

e quaisquer outros M
VEIS modernos ou de e
tilo, por desenhos e m
didas executada o fabricante

ORÇAMENTOS GRÁTIS
FÁBRICA DE MÓVEIS
SUPERCONFORTO

Rua Cidade Cardiff, 54
(entre Bairro das Colónias e Penha de França)

Telef. 824954

9.º ANIVERSÁRIO DA

JOFRAMA

20-6-1966 * 20-6-1975
COM ESTA COMEMORAÇÃO INICIAMOS A

CAMPANHA DE VERÃO

JOFRAMA

A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
Em qualquer parte do País

ALGUNS EXEMPLOS

At. vosso dispor no nosso Edifício-Sede
na Rua dos Fanqueiros - 226 - 232

Blusas John Craig — Padrões de 1975 — apenas	1495
Lindas Blusas de algodão c/ renda — muito frescas a	595
Milhares de Batas e Vestidos — Lindos padrões desde	795
Sensacionais saídas de Banho e Camisolas marca TEBE	
— audácia de moda jovem — desde	255
Bikinis de Praia — Lisos e Estampados, uma tara, a	1955
Bikinis de flores — arrendados e fresquinhos a	155

PARA HOMENS dos 18 aos 81 anos Temos no nosso CLUBE DOS JOVENS

Milhares de Camisolas de bonecos desde	205
Grande Sortido de Camisas e Camisetas, meia manga e	
com manga, lisas e em lindos e modernos feitos e	
padrões desde	1265
Bons Peúgos Turcos, frescos e absorventes a	205
— 100% algodão do Egipto a	205
Bikinis em cores fortes para homem a	205
Pijamas de Póveline acetinada a	1985
Toalhões e Calções de Banho Sensacionais — Outro Brin-	
de — Fato completo em Denim sarjado — muito fres-	
co só por	7505

E ainda a simpatia Jovem e Radiosa das nossas colaboradoras
que vos atenderá ao som da música das últimas novidades
em Discos

ATENÇÃO NOIVAS E DONAS DE CASA

No nosso Sensacional 1.º andar temos tudo para tornar atraente
a sua casa.
Lindos Cortinados, lisos, bordados e estampados.
Roupas de Cama que são um Sonho
Jogos de Banho Turcos e Aveludados que são de tarar
Jogos e Toalhas de Mesa em Dóvó e Estampados que dão
requeite à sua mesa
Camilhas lindíssimas

VISITE O 1.º ANDAR E FICARÁ DESLUMBRADA ALGUNS BRINDES DE ANIVERSÁRIO

Jogo de Cama Bordado 2x2,7 — 100% algodão a	2965
» » » » em pano branco a	1985
» » » » de cor a	2285
Milhares de Lençóis de barras — 1,4 — 1,6 — 1,8 — 2,	
Bonitos para época de veraneio 695 795 895 995	
Lençol Branco 1,5x2,5 — nunca rompe a	695
Toalhões Turcos enormes — cores da moda a	695
Jogos de Banho (5 peças) — modernas a	1695

UM SORTIDO LINDÍSSIMO

de lindos Jogos de Cama de afamadas marcas: COELIMA —
ARCA — NINHO — ASA — LUSAUSTRI — SOTECAL
ENCANTO, além das nossas referências exclusivas a preços

SENSACIONAIS

JOFRAMA

Rua dos Fanqueiros, 226-232
(Todo o Edifício)
Rua da Madalena, 203-209
Rua João das Regras, 4 B-4 C
Praça da Figueira, 12-1.º Dt.º

Telefones P.P.C.
86 28 99
86 85 72
87 21 56
87 33 40

LISBOA

Enviamos à cobrança para todo o País e Ilhas

Estrangeiro

Ataques contra o Líbano

A Imprensa libanesa anuncia que a artilharia israelita voltou a bombardear território do Líbano após os bombardeamentos que ontem vitimaram habitantes da aldeia de Kfar Chouba, na região de Arkub. Nos incidentes de ontem, o Líbano abateu segundo a agência palestina Wafa um Phantom israelita. Entretanto, em Telavive foram anunciadas acções de represália, partidas de território libanês, contra objectivos judaicos. Na telefoto: aspecto da aldeia de Kfar Chouba, após os bombardeamentos israelitas. (Telefoto U.P.I.-Telimoransa)



SCHEEL DEFENDERÁ NOS E.U.A. A UNIFICAÇÃO DA EUROPA

BONA, 16. (ANI) — Walter Schell iniciou ontem a sua visita aos Estados Unidos, a primeira que, em 17 anos, um presidente da Alemanha Federal aí efectua. Sublinhando a importância que esta viagem reveste para os dois países, Schell terá o raro privilégio de falar, terça-feira, numa sessão do Congresso.

Terça-feira, é, por coincidência, o dia que assinala o vigésimo segundo aniversário da abortada revolta contra os estatutos da Alemanha Leste, acontecimento comemorado anualmente na Alemanha Ocidental.

Mas, segundo círculos afectos ao presidente, Schell que, durante cinco anos, como ministro dos Negócios Estrangeiros, conduziu a política de Willy Brandt de «viver e deixar viver», negociando acordos em Moscovo, Varsóvia e Berlim Leste, tenciona referir-se, só de passagem, ao levantamento de 1953.

Segundo os mesmos círculos, Walter Schell concentrará, sobretudo, a sua atenção na necessidade de uma unificação política da Europa, mantendo, entretanto, relações de amizade com os E. U. A.

Schell interpreta a sua via-

gem aos E. U. A. não só como presidente da Alemanha Federal, mas também como sendo um dos representantes de um dos principais países da Europa.

Segundo os mesmos círculos, Schell acredita que o desenvolvimento da unidade europeia só poderá vir a trazer vantagens para os E. U. A.

Mas a criação de uma unidade política europeia requererá novos modelos de cooperação transatlântica que ambos os lados deverão planejar, a partir de agora.

Desde 1969 e até à sua eleição, em 1974, para a presidência, Schell foi ministro dos Negócios Estrangeiros e adjunto do chanceler Willy Brandt.

Brandt e Schell negociaram tratados de não agressão com Moscovo e Varsóvia, pelo que foi atribuído a Brandt o Prémio Nobel da Paz, e, como consequência, o primeiro acordo para regularizar as relações com a República Democrática Alemã.

Schell entende que este conjunto de tratados tornarão possível uma cooperação política entre o Ocidente e o Leste.

Embora, à primeira vista, possa parecer que contribuem

para a divisão da Alemanha, estes tratados beneficiam, de facto, os povos das duas Alemanhas, criando-lhes um clima francamente mais aberto.

Para além disto, acrescentam os mesmos círculos, Schell acredita que não há qualquer outra alternativa para a política que Brandt e ele prosseguem.

DELEGAÇÃO SOVIÉTICA

MOSCOVO, 16 (ANI) — Continuando a multiplicação de contactos de cooperação entre a U. R. S. S. e os Estados Unidos em cada vez mais sectores, partiu ontem para os Estados Unidos uma delegação soviética, chefiada pelo vice-presidente do Governo, Ignatuu Novikov, para assistir à primeira sessão da comissão mista para a cooperação em construção.

A agência noticiosa soviética, Tass, acaba de destacar nos seus noticiários, e por dois dias consecutivos, as declarações do presidente da «Skidmor Owings and Marril», uma das maiores empresas norte-americanas de construção, W. Hartman, manifestando o seu grande interesse por cooperar com a construção soviética.

ROCKEFELLER: «DESPERDÍCIO DE TALENTO»

WASHINGTON, 16 (ANI) — O senador Barry Goldwater disse ontem que gostaria de ver o vice-presidente Nelson Rockefeller no cargo de secretário de Estado.

«Sempre pensei que Nelson seria um ótimo secretário de Estado» — declarou o senador republicano do Arizona em entrevista à Televisão, acrescentando:

«Detesto ver o desperdício do talento de um homem na vice-presidência, a quando a vice-presidência, nas palavras de Thomas Jefferson, é quase o pior lugar no Governo».

Goldwater indicou ainda que o ex-governador da Califórnia e antigo actor de cinema Ronald Reagan é um candidato potencial à presidência nas eleições de 1976.

48 horas no Mundo

■ Efectuou-se no Estoril, na residência de D. Juan, conde de Barcelona e pai do sucessor designado do generalíssimo Franco para a chefia do Estado espanhol, importante reunião política. Entretanto, as autoridades espanholas libertaram o escritor Alfonso Sastre. Finalmente, prevê-se um agravamento da crise política no país vizinho, em consequência do falecimento — num acidente de viação — do ministro Herro Tejador, secretário-geral do Movimento.

■ Operários, estudantes e intelectuais da República Democrática Alemã denunciaram planos da Junta Chilena para assassinar Luis Corvalan, secretário-geral do P.C. chileno, que se encontra preso desde o golpe fascista de 1973.

■ Registaram-se 20 mortos na quinta-feira passada no decurso de um combate, travado entre uma patrulha de forças de segurança rodesianas e um grupo de guerrilheiros nacionalistas, segundo um comunicado do Exército difundido em Salisbury.

■ O secretário-geral do P.C. da U.R.S.S., Leonid Brejnev, declarou esperar visitar os E.U.A. depois da cimeira europeia de Helsínquia.

■ Sob a vigilância de 120 mil polícias armados, os italianos foram às urnas para eleger representantes regionais. Espera-se que estas eleições assinalam uma viragem à esquerda.

■ Aumentam as pressões para forçar o chefe do Governo indiano, sr.ª Indira Gandhi, a apresentar a sua demissão, devido a alegadas transgressões por ela cometidas no decurso da última campanha eleitoral.

■ Assinalando o Ano Internacional da Mulher, a rainha Isabel II de Inglaterra incluiu seis mulheres na lista anual das condecorações por ocasião do seu aniversário.

■ Num hospital de Paris, faleceu o chefe de redacção, da agência France-Presse, vítima de um atentado à bomba, que, segundo tudo indica, se destinava a outro jornalista do mesmo nome, mas do «Parisien Libéré».

CAMBOJANOS LANÇAM-SE NA BATALHA DA PRODUÇÃO

BANGKOK, 16. (R) — Os cambojanos trabalham dia e noite para desenvolver a produção de borracha no âmbito do seu esforço de reconstrução da economia nacional destruída pela guerra — anunciou a Rádio Pnhom Penh.

Declara que antes do início da guerra em 1970, as plantações de borracha cobriam mais de 45 000 hectares e produziram pelo menos 300 quilos por hectare.

Desde Julho de 1974, quando as forças dos Kme-

res Vermelhos nacionalizaram as plantações — as quais, na sua maioria se encontravam sob o seu controlo — a produção continuou e será aumentada no futuro.

A borracha é o segundo produto mais importante do Camboja depois do arroz — acrescenta a rádio.

A maior parte da borracha cambojana é cultivada nas Terras Vermelhas, ricas em minerais, das regiões de Snoul e Memot, no Sueste da província de Kompong Cham, junto à fronteira com o Vietname do Sul.

REPENSAR A REVOLUÇÃO

Continuação da pág. 1

cem participar (pelo menos a espaço) os membros do Governo do sector económico, quer-á então significar o início de um processo de crítica e de autocritica do M. F. A.? Crítica, no sentido de análise exaustiva da conjuntura e das perspectivas: autocritica, no sentido de estender esse processo analítico ao interior, à actuação do próprio M. F. A.?

A especulação, directa ou indirecta, a cerca do significado da reunião que decorre tem-se multiplicado, quer da parte da imprensa, quer da parte de observadores ligados aos principais partidos políticos. Talvez valha a pena acrescentar ser a prudência fonte de sabedoria. E a prudência talvez aconselhe a dar um tom optimista e não alarmista à reunião do Alfeite. Pensar Portugal será sempre útil, sobretudo quando esse pensar procurará encontrar os porquês de uma dada situação, no sentido de lhe introduzir as correcções necessárias. No sector da economia, ou do ensino no solidificar a autoridade democrática e revolucionária, no equilibrar do jogo partidário, no conciliar a disciplina com a participação democrática. E (porque não?) no marcar o projecto suprapartidário do M. F. A., no acentuar de uma vocação de movimento de libertação nacional — vocação apontada por vezes, mas nem sempre clarificada.

ESBOÇO DE AUTOCRÍTICA?

E aqui, e neste sentido, talvez valha a pena determo-nos com alguma atenção sobre o significado do último editorial do Boletim do M. F. A. (que amanhã será posto à venda). Retenhamos alguns pontos:

Volta a ser transcrito o passo da mensagem do C. R. aos trabalhadores portugueses (de 28 de Maio pp) em que se afirma claramente que «o processo revolucionário não é propriedade de nenhum partido político, nem sequer do M. F. A.», mas antes «terá de ser principalmente obra das massas populares»;

Sublinha-se o carácter democrático do socialismo, pois este «exige uma real participação popular em todos os escalões de decisão, porque uma sociedade que se pretende a caminhar para o socialismo pressupõe de quem detem a responsabilidade do Poder (seja em que grau for) uma ligação permanente às massas, uma compreensão perfeita das suas ideias e necessidades e o estabelecimento de discussões democráticas, de formas de controlo popular que sejam o necessário contrapeso da disciplina e autoridade necessárias a um regime que inicia a marcha para o socialismo»;

A clara chamada de atenção (e quanto ela tem algo de semelhante ao tom das palavras de Samora Machel à TTP, transcritas, de resto, no mesmo número do Boletim) aos revolucionários portugueses (e, obviamente aos do próprio M. F. A.) no sentido de que a revolução, mais do que uma teoria é uma prática, mais do que palavras é actos. Ou, utilizando as palavras do editorialista: «A revolução não é apenas um jogo de palavras revolucionário, é a capacidade de actuar de forma revolucionária — e isso nem sempre exige palavras sonoras». E, depois, esta prevenção: «O revolucionário verdadeiro cuida sobretudo da ligação da prática à teoria, da sua capacidade de se ligar às massas e aos seus problemas reais, sob pena de criar uma realidade mítica e de, debaixo de sonoro palavreado pseudo-revolucionário, não entender nada da revolução e das aspirações e necessidades do po-

vo». E, depois, este aviso: «Quando assim sucede, quando assim sucede, a revolução corre perigo, não apenas pela acção dos seus inimigos externos, mas porque, internamente, se criou uma dinâmica contra-revolucionária.»

Que estas palavras são um acto de humildade, de honestidade revolucionária, parece claro. Como claro parece ser denso o seu significado político. Começo de uma nova fase do processo revolucionário, que a moção do Copcon pressagia e a reunião do Alfeite pode preparar? E, se começo, em que sentido? No da «capacidade de ligação às massas e aos seus problemas reais? No, como dizia Machel, dar às massas condições de vida, hospital, roupa, lugar para dormir, comida? Ou seja: as coisas imediatas, depois o resto? Seja, ainda: menos «palavras sonoras» e mais actos?

Resta fazer notar outro aspecto. Os operacionais do Copcon são, dentro da unidade na diversidade do M. F. A., talvez o sector mais terceiro-mundista, aquele para quem a independência nacional não deverá ser palavra vã, aquele para quem socialismo é Poder popular organizado e articulado. Na entrevista à Rádio Renascença, Otelio Saraiva de Carvalho, cujo pendur frelimista é conhecido, apontava dois exemplos de revolução: o Vietname e a Guiné-Bissau. Os próximos dias nos dirão qual o peso que a «recomendação» do Copcon — de um Copcon muito movimento de libertação — terá tido no desmontar (ou não) de caminhos novos.

«A revolução não é apenas um jogo de palavreado revolucionário, é a capacidade de actuar de forma revolucionária — e isso nem sempre exige palavras sonoras. O revolucionário verdadeiro cuida sobretudo da ligação da prática à teoria, da sua capacidade de se ligar às massas e aos seus problemas reais, sob pena de criar uma realidade mítica e de, debaixo de sonoro palavreado pseudo-revolucionário não entender nada da revolução e das aspirações e necessidades do povo».

As palavras são do editorial do número desta quinzena do Boletim do M. F. A. cujo significado político é de grande importância. Subordinado ao título «Nós e a Revolução», o editorial chama, de forma clara, os revolucionários portugueses ao exercício da crítica e da autocritica, da inteligência e da humildade, apelando a necessidade de mais actos e menos palavras e, sobretudo, para a sua capacidade de «de se ligar às massas e aos seus problemas reais». E afirma, a certo passo:

«Quando assim sucede, quando assim sucede (o revolucionário desligar-se das massas e criar uma realidade mítica) a revolução corre perigo, não apenas pela acção dos seus inimigos externos, mas porque, internamente, se criou uma dinâmica contra-revolucionária». E acrescenta: «Eis pois uma lição que tem de ser correctamente apreendida por todos nós. Ser revolucionário é também um acto de inteligência e de humildade. E é sobretudo a capacidade de entender que as grandes lições da prática revolucionária nos vêm do povo. Recorrer à prática, recorrer ao povo é encontrar uma fonte inesgotável de sabedoria. Porque o povo é a força principal de qualquer processo revolucionário».

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

REUNIÃO DO COMITE DOS 24

"A LIÇÃO DA INDOCHINA VALE PARA A ÁFRICA AUSTRAL"

Apesar de encerrado, já no passado sábado, com a aprovação unânime de dois projectos de «consenso», a questão dos territórios coloniais portugueses foi abordada novamente, na sessão de hoje, com intervenções do M. L. S. T. P. (Miguel Trovoada) e Portugal, cujo representante, dr. Almeida Santos, decidiu fazer uma longa e repetitiva exposição sobre a descolonização portuguesa.

O ministro português leu um texto (retórico), de cerca de trinta páginas, historiando a colonização portuguesa. Sublinhou a sua «originalidade» e referiu o primeiro exemplo do Brasil.

Na parte final da sua exposição, o dr. Almeida Santos fez novo apelo aos movimentos de libertação de Angola para que, na sua reunião, iniciada hoje no Quénia, reforcem a unidade necessária à «independência e à paz», lembrou a situação dramática de Cabo Verde, salientou o exemplo da Frelimo e

do P.A.I.G. e enumerou os princípios fundamentais em que tem sido baseada a descolonização dos territórios dominados por Portugal.

Miguel Trovoada, do M. L. S. T. P., fez a história da colonização e descolonização de S. Tomé e Príncipe, referiu o «estado inquietante da economia e finanças» do arquipélago, falou da falta de quadros nos sectores da saúde, ensino e agricultura e terminou solicitando o apoio das Nações Unidas para solução desses problemas.

RODÉSIA E NAMÍBIA

Findas estas intervenções, que ocuparam quase toda a sessão da manhã, retomou-se o debate sobre os territórios da Namíbia e Rodésia do Sul, tendo falado o delegado da SWAPO, movimento de libertação da Namíbia.

Entretanto na sessão de

sábado, o representante de Cuba, Alarcon Quesada, denunciou o recente veto da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França, no Conselho de Segurança a uma moção que preconizava o embargo de armas à África do Sul. Este facto significava, conforme frisou o delegado de Cuba, que a África do Sul acelera a «basntustanização» e ameaça a integridade do território da Namíbia, apoiada no triplo veto desses países.

Alarcon Quesada denunciou, por outro lado, a participação dos órgãos da Imprensa imperialista na campanha contra Portugal.

O delegado da Etiópia manifestou a seguir, na sua intervenção, preferir que o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico estivesse presente nos trabalhos para clarificar a posição do seu país relativamente à Rodésia.

O representante da Índia, Chaidir Sani, considerou por sua vez que para asse-

gura-se uma maior eficácia das sanções contra a Rodésia, deveriam efectivar-se vários tipos de acções, nomeadamente a organização de uma intensa campanha informativa junto das populações dos países industriais, acerca da situação da Rodésia.

Para o delegado da Bulgária, Ivan Garvalov, o único caminho das Nações Unidas é avançar na execução de todas as medidas previstas na Carta da O.N.U., por fim à ocupação ilegal da Namíbia e fornecer todo o apoio moral e material ao Movimento de Libertação do território, a SWAPO.

Wilson Dessabeka, da República Popular do Congo, lembrou a lição da Indochina: ela vale também para todos os povos da África Austral. Todos os regimes racistas serão liquidados. A determinação dos combatentes da liberdade é cada vez maior e a debandada dos opressores será tão forte como na Indochina».

INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE

As tropas portuguesas retiram

LOURENÇO MARQUES, 16 — As tropas portuguesas estacionadas em Moçambique serão evacuadas para vasos de guerra e navios mercantes fretados que se encontram já ao largo do território, segundo se anunciou ontem em Lourenço Marques. Os acordos de Lusaka, que estabeleceram as metas para a independência de Moçambique e foram rigorosamente cumpridas quer por Portugal quer por Moçambique, previam a retirada do antigo exército colonial até ao dia da independência de Moçambique, 25 de Junho de 1975. Delegações das Forças Armadas portuguesas, assistirão, porém, aos grandes festejos da independência.

A Frelimo anunciou para o dia 21 a chegada do presidente Samora Machel a Lourenço Marques, primeiro acto dos festejos que se prolongam até ao dia 29. Samora Machel visita actualmente a província da Beira, acompanhado pelo vice-presidente da Frelimo, Marcelino dos Santos e pelo ministro da Justiça do Governo de Transição, dr. Rui Baltasar.

A cidade de Lourenço Marques mudará o seu nome para Can Phumo. «Lugar de Phumo era o chefe tribal africano desalojado pelos ocupantes portugueses, chefiados por Lourenço Marques, em meados do século XVI. Os nomes de governadores, políticos e militares coloniais estão a ser retirados da toponímia das localidades moçambicanas. Em Lourenço Marques, brigadas da Frelimo retiram do seu pedestal a estátua equestre de Mouzinho de Albuquerque, que chefiou o genocídio do povo

vátua nos fins do século passado durante as «guerras de pacificação» que estabeleceram o domínio militar português no interior do território.

RUMORES NÃO CONFIRMADOS GOLPE DE ESTADO CONTRA MOBUTU

KINSHASA, 16 — (F.P) — Segundo rumores não confirmados, ter-se-ia verificado um golpe de Estado contra o general Mobutu, cujos autores teriam sido presos.

A notícia é dada pelo diário «Elima» de Kinshasa, que se refere a «persistentes rumores» dando conta de um «movimento tribal, financiado e dirigido pelos Estados Unidos».

Até ao momento — acrescenta o jornal — não se verificou qualquer reacção oficial,

mas os rumores referem ter-se tratado «de um golpe montado, financiado e dirigido do exterior pelos eternos inimigos da revolução, mais precisamente pelos Estados Unidos» que teriam lançado mão de «determinados filhos degenerados, tanto do exterior como residentes no país».

O jornal, a terminar, exige que «este punhado de filhos indignos» «punido de acordo com a gravidade das suas criminosas intenções».

ELEIÇÕES REGIONAIS NA ITÁLIA: PROVÁVEIS GANHOS COMUNISTAS

ROMA, 16 — (R.) — Prevêem-se grandes ganhos para o poderoso Partido Comunista e para os socialistas nas cruciais eleições regionais, que terminam hoje, e o facto poderia anunciar uma grande mudança na face política de Itália.

A votação da consulta às urnas de dois dias termina às 14 horas locais (13 de Lisboa) e os primeiros resultados são aguardados esta noite.

Os ganhos da esquerda, seriam à custa dos democratas cristãos, que têm dominado todos os Governos italianos nos anos após a guerra: Tal resultado daria à esquerda o controlo de grande parte do país e pressionaria consideravelmente os democratas-cristãos para ace-

derem aos pedidos. Há muitos dependentes dos comunistas, de representação no Governo que a sua condição como o segundo maior partido do país justificava, segundo afirma.

Qualquer viragem pronunciada para os comunistas pro-

vocará provavelmente nervosismo nos Estados Unidos e na N. A. T. O., porque os acontecimentos recentes em Portugal e a incerteza na Grécia e na Turquia tornaram a Itália o último reduto seguro da Aliança no Mediterrâneo.

EMPREGO

EMPRESA NECESSITA DEZ PESSOAS PARA PREENCHER O SEU QUADRO. SÉTIMO ANO LICEAL, MAIORES 21 ANOS, SERVIÇO MILITAR CUMPRIDO OU DELE ISENTO. RESPOSTA A MARCAR ENTREVISTA PARA 652813, DAS 18 AS 20 H.

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Certifico, para fins de publicação que por escritura de 20 de Março de 1975, lavrada de folhas 24, a 26, do Livro número G-70 de escrituras diversas deste Cartório a cargo do notário licenciado Abílio António Belo Tavares Cadete, foi entre JOSUÉ DOS SANTOS SILVA e LAURA CIRILO DA SILVA, que também usa LAURA CIRILO DUARTE SILVA, constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, regida nos termos dos artigos objectos do seguinte pacto.

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «VÍVUA DE SABINO DA SILVA, HERDEIROS, LIMITADA», fica com a sua sede e estabelecimento em Lisboa, na Travessa dos Inglesinhos, número cinquenta, freguesia das Mercês, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

SEGUNDO — O objecto da sociedade consiste no exercício do comércio de estância de madeiras e seus derivados, e no de qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem.

TERCEIRO — O capital social é de oitenta mil escudos, correspondente à soma de duas quotas, iguais, de quarenta mil escudos, uma de cada um dos sócios, Josué dos Santos Silva e Laura Cirilo da Silva.

PARÁGRAFO ÚNICO — O capital social acha-se integralmente realizado pela forma seguinte: — em dinheiro, quanto à quantia de cinquenta mil escudos, sendo vinte e cinco mil escudos de cada um dos sócios; — e relativamente ao valor de trinta mil escudos, e na proporção de quinze mil escudos para cada um deles, referidos sócios, pela transferência para a sociedade do estabelecimento comercial de estância de madeiras, que a ambos pertence em comum e partes iguais, e que vem girando sob a firma «Vívua de Sabino da Silva, Herdeiros», instalado no barracão ou armazém que faz parte do prédio urbano situado em Lisboa, na Travessa dos Inglesinhos, números quarenta e oito a cinquenta e dois, tornejando para a Calçada dos Caetanos, na freguesia das Mercês, inscrito na respectiva matriz sob o artigo duzentos e sessenta e dois, e descrito na Oitava Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o número dois mil duzentos e oitenta e seis, do Livro B-sete, prédio de que actualmente é proprietária a sociedade «Eduardo Martins e Companhia, Limitada», com sede em Lisboa, correspondendo ao aludido barracão o número de polícia cinquenta para a cidade Travessa dos Inglesinhos. Ao mesmo estabelecimento comercial, integrado de todos os seus móveis, mercadorias, ferramentas, utensílios e demais pertences, alvares, licenças e outros direitos, atribuem o valor de trinta mil escudos.

QUARTO — Depende do consentimento da sociedade a cessão de quotas a favor de estranhos.

QUINTO — A administração da sociedade incumbe aos sócios, que ficam sendo os gerentes, dispensados de caução e com ou sem remuneração, bastando a assinatura de qualquer deles para obrigar a sociedade, sem juízo e fora de, activa e passivamente.

PARÁGRAFO ÚNICO — Pode qualquer dos sócios delegar os seus poderes de administração, em quem entender, mediante procuração ou outro meio legal, e é também facultado à sociedade constituir quaisquer mandatários, para os fins que entender.

SEXTO — Excepto nos casos para que a lei exija formalidades especiais, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas-registradas, dirigidas aos sócios com a antecedência de oito dias.

Está conforme ao respectivo original.

Lisboa, aos 25 de Março de 1975 — O Ajudante — (Maria Luísa Galveias Andrade).

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

«AVENIDA DA LIBERDADE», de Pedro Pinheiro. Encenação: Pedro Pinheiro. Cenografia: Toscano Vieira. Interpretes: Pedro Pinheiro, Fernando Figueiredo, Armando Venâncio, Lisette Frias, Carlos Rosa, Gilberto Gonçalves, Jorge Nascimento, Manuel Luís, Bernadette Stern. Companhia Teatro do Povo. Teatro desmontável da Rua Marquês da Fronteira. 2/6/75.

Ouvimos, há momentos, algumas declarações que nos deixaram pouco menos do que estarecidos. No «Programa da Manhã» da E. N. algumas personalidades responsáveis (civis e militares) discutiam cultura popular. Tónica principal (e correcta): e necessidade de eliminar a dicotomia cultura erudita — cultura popular, já que toda a cultura deve ser emanção das classes trabalhadoras. Para lá chegar, contudo, não nos parece defensável a posição dos que sustentam ser necessário sacrificar a forma ao conteúdo. Peguemos num caso em discus-

AH! LIBERDADE QUANTOS CRIMES TEATRAIS SE COMETEM EM TEU NOME!

são: o do teatro. Segundo alguns dos comentadores (que Dinis Jacinto rebateu inteligentemente) dever-se-á procurar conferir ao teatro um conteúdo político minimizando os seus aspectos formais. Não é esta a oportunidade para levar muito longe o comentário a esta posição. Limitar-nos-emos a assinalar que a eficácia da carga política de um espectáculo depende exactamente da eficácia da sua carga estética. Esse facto parece-nos óbvio o que acontece é verificar-se uma grande incapacidade dos nossos artistas em conseguirem essa dupla eficácia. Mas isso é outro problema. Defender o simplismo das formas a favor de um enriquecimento conteudístico (que, aliás, não depende desse simplismo) parece-nos reflectir um duplo erro: não ter em conta a necessidade de dar ao público popular formas enriquecedoras (porque são as que ele merece; porque são as que devem interessar-lhe; porque estão efectivamente ao seu alcance); não ter em conta a capacidade revolucionária da própria arte.

Este espectáculo do chama-

do Teatro do Povo (onde é que já ouvimos isto?), se fosse ajudado pelo prisma apontado, seria um espectáculo correcto! E trata-se, contudo, de uma coisa inconcebível que parece desprezar a inteligência do público e a sua capacidade crítica. Vejamos como é, se tal for possível. Numa casa rica (um interior com alguns sinais bem achados), um grupo de reaccionários conspira. Há a D. Antonia, que é uma espécie de Salazar de saias; há um Henrique mais ou menos Tenreiro; há um César mais ou menos Moreira Baptista; há uma Natália mais ou menos Tomás; há um J. Torrebaixa, mais ou menos «Pois, Pois»; há uma Benite mais ou menos prostituta da alta (com sotaque). Há ainda um português que passa por francês (muito O. A. S.); um jovem que passa por maricas; um outro jovem que passa por espião. Os três últimos são elementos revolucionários que se infiltraram no grupo para desmascarar uma conspiração que mistura o 28 de Setembro e o 11 de Março. Fica-se com a ideia de que, após ter criado as suas personagens, Pedro Pinheiro não sabia o que havia de fazer com elas; por outro lado, escrita há alguns meses, a peça foi enxertada de cenas que dizem respeito aos acontecimentos que se foram registando ao longo desse tempo. O resultado é qualquer coisa de incrível, de quase surrealista (melhor: sub-realista) com cenas que se sucedem sem se saber como, nem porque, nem para quê; rupturas metidas a martelo; desvios de acção que têm muito a ver com necessidades de ordem comercial.

As personagens tratam-se por irmãos (será uma piada aos famigerados cursilhos?); há uma senha que é uma frase de Salazar (soldados e marinheiros ou vitoriosos ou mortos); Pierre trata o Henrique por padrinho, possível referência ao carácter mafioso da personagem; a certa altura e sem qualquer razão, há uma cena em que o visado é Spinoza, andando de país para país a pedir asilo, cena com piada mas que não tem nada a ver com o resto. O espectáculo descamba num pseudo-erótico (bom para a província?), com uma personagem em biquíni muito «sexy» e uma catadupa de trocadilhos mais ou menos obscenos, à maneira da revista. Denunciam-se os recalcaamentos sexuais da Natália que são identificados com a actividade sexual das personagens revolucionárias, numa confusão que, aliás, marca todo o espectáculo. Essa confusão é de tal maneira prodigiosa que o espectáculo chega a atingir um humor que podemos considerar involuntário. Devemos acrescentar que as interpretações acertam lindamente com tudo isto, o que dá a esta «Avenida da Liberdade» um inesperado tom de absurdo.

Há várias referências ao comunismo, ao Partido Comunista; um revolucionário traz uma foice e um martelo bordados a vermelho no fato-macaco; no final surgem duas bandeiras vermelhas. É bom que se saiba, todavia, que este teatro, que se apresenta como do povo, não tem nada a ver com as exigências de um autêntico teatro popular, exigências que natural e inevitavelmente qualquer comunista subscreve.

P. S. Uma exposição de pintura de Bernadette Stern é mostrada ao público no atrio do Teatro do Povo, é sintomática do equívoco em que este grupo incorre.



A COMPANHIA DE JOSÉ LIMÓN ESTREIA HOJE NA GULBENKIAN

A Companhia de «modern-dance» de José Limón estreia-se hoje, às 21 e 30, no Grande Auditório Gulbenkian, com um programa constituído por duas coreografias de Limón (Ofrenda Coreográfica e Os Seres Alados) e uma de Ruth Currier (Frantasmagoria 1975). Este programa repete-se, amanhã, às 18 e 30.

Na quarta-feira, dia 18, à noite e na quinta, 19, à tarde, a Companhia apresentará um novo programa de que fazem parte «A Pavana Moura» e «There is a time de José Limón», «The Shakers» de Doris Humphrey, e «Quarteto» de Ruth Currier.

A «José Limón Dance Company» é um dos mais prestigiosos agrupamentos norte-americanos de dança moderna. Os

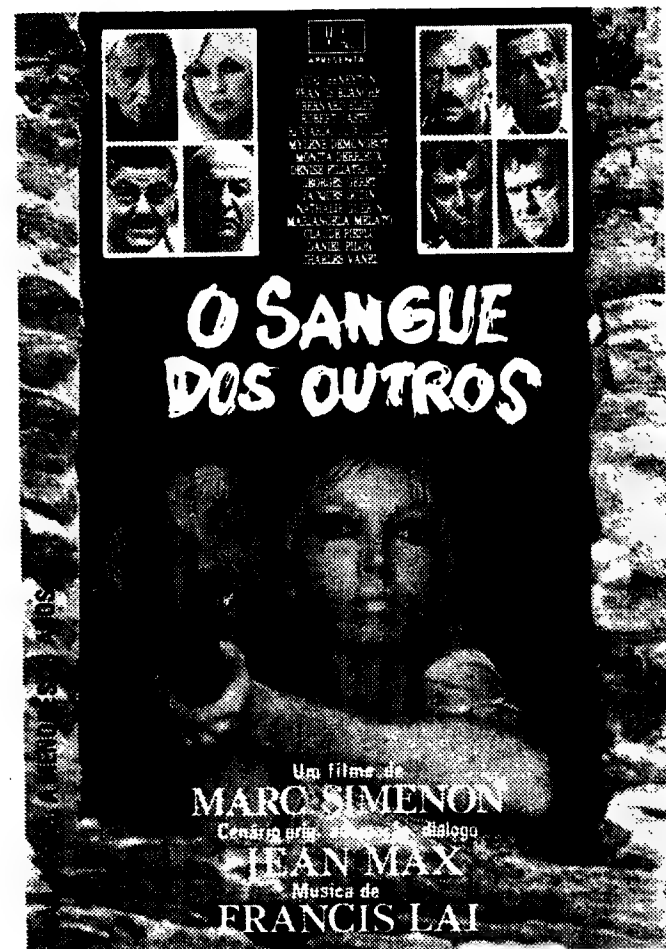
seus componentes são actualmente os felizes herdeiros desse grande criador coreográfico que foi José Limón, falecido há três anos. Referindo-se à reedição da companhia após a morte do seu fundador, escreveu o crítico do «Washington Post»: «Limón um dos gigantes da dança moderna americana, legou-nos um repertório de obras notáveis, onde se plasma o seu talento genial para a invenção do movimento, e a sua visão da tragédia heroica que é a existência humana. Deixou-nos também uma bela companhia, esplendidamente disciplinada e tão profundamente identificada com o seu peculiar estilo e concepção de dança que está apta a sobreviver-lhe».

«A PAVANA DO MOURO»

A Companhia de José Limón apresentará também em Lisboa algumas das obras mais representativas do seu repertório. Entre elas, avulta «A Pavana do Moura», variações sobre o tema do «Otel» de Shakespeare, com música de Purcell. Conforme afirmava recentemente Anna Kisselgof no «New York Times», «A Pavana do Moura» era e continua a ser a obra-prima indiscutível de José Limón. Nenhum outro coreógrafo conseguiu traduzir em dança o drama de Shakespeare com tanta depuração. Sem trair a sua fonte de inspiração, Limón conseguiu conferir-lhe uma outra dimensão».



A peça de Manuel de Fonseca, «Seara de Vento», com mais de 100 representações, termina a sua carreira no Teatro Maria Matos no próximo dia 22. Na foto, os actores José Manuel, Lurdes Norberto e Rui de Carvalho



AMANHÃ ESTREIA

MONUMENTAL

Crítica de Cinema

JOSÉ CAMACHO COSTA

Portugal — 1975
Título: VAMOS AO NIMAS
Realização: LAURO ANTÓNIO
Texto: Maria Eduarda Reis Colares
Fotografia: Moedas Miguel
Narração: Nuno Martins e Lia Gama
Distribuição: Filmes Lusomundo
Estreia: Cinema Tivoli (28/5/75)

«Vamos ao Nimas», primeiro filme assinado pelo crítico Lauro António, parte de uma ideia interessante. Numa altura em que tanto se fala no papel social que os filmes devem desempenhar, numa altura em que se pretendem criar estruturas para o aparecimento de um cinema popular, numa altura em que toda a gente discute um pouco sobre o que se deve ou não exibir em matéria de filmes, uma proposta para falar dos cinemas populares seria extremamente interessante. Interessante porquanto permitia analisar o funcionamento específico do circuito de exibição distribuição dos cinemas ditos populares.

Interessante porque poderia ter sido pretexto para desmontar os mecanismos de representação e significação dos filmes que encontram nas propostas do cinema norte-americano o seu modelo preferido. Interessante porque poderia

FALAR DE CINEMA POPULAR EM TERMOS ABSTRACTOS



ter servido para analisar a estratégia utilizada pelos grandes grupos económicos que convertem as salas de «reprise» em salas de estreia. Interessante porque poderia ter servido para analisar e desconstruir a noção de cultura que a ideologia dominante veicula, através dos filmes, e pretende instituir. Interessante, ainda, porque permitia reflectir e analisar (em termos de classe) a situação de classe dos espectadores das chamadas salas populares.

«Vamos ao Nimas» seria, pois, um filme interessante pelo que não contém, o que seria necessariamente um outro filme, que, por não existir, está fora de discussão.

Resta-nos, portanto, o filme que se exhibe actualmente na sala do Tivoli. Filme de «crítico», que reflecte de maneira inequívoca e bastante bem o conceito de «cinema» (cinéfilo até à medula) do seu autor. Filme que se limita a um repertório nostálgico e necrológico de

filmes e salas. Filme que mais não faz do que prolongar o conceito mítico do herói do cinema americano. Filme que deixa perfeitamente intacto os mecanismos da distribuição e exibição de filmes neste país. Filme que nunca interroga, que nunca se constrói a partir do real, mas antes se pretende identificar com a realidade de uma forma perfeitamente passiva e acrítica. O que fica, portanto, dos 28 minutos filmados por Lauro António, além de uma lista saudosa dos filmes americanos do passado, de um itinerário equívoco pelas salas mais modestas? Ao cinema americano que contrapõe «Vamos ao Nimas», nada mais do que o prolongamento dos modelos propostos. Ao escamotear as determinações económicas que limitam o mercado, ao favorecer as taras culturais da pequena burguesia, «Vamos ao Nimas» transforma-se num produto inútil, num projecto estéril, numa ideia perdida.

CANAL DA CRÍTICA



Já lá vai a longa campanha de atletismo, já lá vai a TV Rural (para não falar, evidentemente, da TV Infantil, que durou menos tempo do que pensavam e que levou a Televisão a meter um episódio adoque não sei de que série e não deixa de ter a sua graça isto da Televisão não saber, antecipadamente quanto duram os seus programas...) e também já lá vai o segundo Telejornal e já lá vai o programa de António Vitorino de Almeida e aquela mistela musical do Demis Roussos e o *Telefutebol*: de súbito, a gente apanha com aquela terceira emissão do *Telejornal*, já muito para além da meia-noite. Emissão memorável onde tudo foi correcto e singularmente jogado, ao nível da Informação-formação, desde os textos escolhidos, as notícias publicadas (aquela do Pinochet não considerar Portugal um País livre, que tal?) a firmeza convincente da leitura de António Borge — até às palavras do director do *Telejornal*, capitão Bargão dos Santos.

Tem absoluta razão o director do *Telejornal*. É inaceitável que se ataque o M. F. A. Isso representa, pura e simplesmente, abrir uma brecha na Revolução Portuguesa. Boicote activa, objectiva e subjectivamente (não sou tão ingénuo que acredite em certas ingenuidades...) quem procure minar a aliança Povo-M. F. A. Esta aliança não é puramente formal, não assenta em meras situações de simpatia. Não. O povo ama as suas Forças Armadas, porque foram as suas Forças Armadas que o libertaram do fascismo. A maior garantia para a defesa do socialismo está nessa adesão popular às Forças Armadas. Disse o Presidente da República diante da multidão que o foi esperar ao aeroporto: *Socialismo há só um, o do povo e mais nenhum*. Este é o socialismo que as Forças Armadas querem — esse é o socialismo que certas forças políticas temem. Forças políticas que gostariam muito de ver implantado por cá um «socialismo» com monopólios, com bases económicas bem assentes do imperialismo, com sujeição dos trabalhadores portugueses às altas finanças e aos grandes interesses — e onde o povo português tivesse unicamente a liberdade de se queixar ou de protestar, com conta, peso e medida, já se vê, pois isto dos meios de Informação custam muito bago, e bago é coisa que o povo não tem com fartura em parte nenhuma do mun-

do capitalista.

Bargão dos Santos coloca em poucas palavras a razão do nosso tempo português: «*Pluralismo revolucionário, sim; pluralismo contra-revolucionário, não.*» Desta forma extraordinariamente simples, desmonta Bargão dos Santos uma das mentiras tácticas mais usadas entre nós.

Está claro que uma sociedade burguesa é uma sociedade dividida em classes; uma sociedade socialista é a sociedade que tende para a supressão das classes. Daqui, resultam duas espécies de pluralismo: o que abrange as forças existentes na sociedade burguesa e tendem a perpetuá-la; e o pluralismo das opiniões que procuram a melhor solução dos problemas dos trabalhadores. Admite-se que, ao redor da mesma mesa, se juntem trabalhadores de uma fábrica (ou de um país...) que não ponham em causa a legitimidade da defesa dos seus interesses; não se admite que em volta da mesa, e com o mesmo fim, se reúnam representantes dos trabalhadores, dos latifundiários, dos banqueiros, dos grandes industriais, dos grandes dinheiros internacionais... Este último será, para utilizarmos a feliz expressão de Bargão dos Santos, o *pluralismo contra-revolucionário*.

É verdade que sim. Não se pode fazer uma revolução nos quadros, no colete de forças de uma democracia burguesa. Esta ambiguidade não pode durar muito tempo. O que se está a passar na Assembleia

Constituinte, quando se intenta ultrapassar o fim para que foi eleita, de acordo com o pacto previamente assinado, é prova evidente de que a burguesia pretende passar uma rasteira ao M. F. A. ou seja, à mais firme garantia do caminho para o socialismo, o tal de que falava o Presidente Costa Gomes. A este conluio das forças reacçãoárias há que dar uma resposta poderosa, uma resposta que reflita a inquebrantável aliança Povo-M. F. A., uma resposta P. M. F. A. Contra a acção nefasta dos partidos da oposição burguesa, há que levantar uma Frente da Pátria, onde se reúnam todas as forças populares e patrióticas do nosso país.

E não nos venham com o medo do papão imperialista, com a necessidade de não assustarmos esse papão. Lérias. O imperialismo não é nenhum tontinho que se engane com duas tretas. É preciso não cedermos à chantagem imperialista. Corajosamente, o nosso povo saberá vencer todas as dificuldades, tal como outros povos venceram e em muito mais difíceis condições. Basta que, para isso, como também foi enunciado no *Telejornal* de ontem, saibamos escolher os nossos amigos e apoiarmos-nos neles. O caminho para o socialismo, para a salvação da nossa Pátria, não se alcança com ambiguidades internas ou externas. Não será com ambiguidades que se aumentará o fer-

vor revolucionário do nosso povo. Iniludivelmente, o boicote externo à nossa Revolução, existe; os ataques ao M. F. A., reforçam esse perigo, cá dentro; a ambiguidade das alianças não o vence, lá fora.

Há que encarar como um crime de alta traição a tentativa de separar o povo do Movimento das Forças Armadas. Alguns partidos políticos, com o alibi de uns resultados eleitorais reacçãoariamente interpretados, estão a ir longe de mais nesse caminho. O «Expresso» e o «Jornal Novo», para referir alguns órgãos de Informação, são duas manchas repugnantes por conta de tal pluralismo de lobo e cordeiro. Quanto ao «República», cujo reaparecimento se anuncia, façamos votos que não volte a trilhar o rego da reacção. Não são os trabalhadores do «República» os únicos a ter uma palavra nessa questão, mas todos os trabalhadores portugueses que, no longo tempo do fascismo, unidos num amplo movimento, souberam defender aquele jornal. O «República» é, tradicionalmente, um jornal da unidade. Qualquer assalto partidário deve ser repudiado como um acto desleal e vergonhoso.

Tencionava dar a crónica de hoje à emissão de «Tema e Variações» dedicada à actividade musical da Gulbenkian. O último *Telejornal* veio transformar-me os planos. Não faz mal. Não perde pela demora.

Televisão

Hoje

I PROGRAMA

- 19.00 TV infantil — A cidade dos Chapéus
19.25 Museu Aberto
19.55 Teledesperto
20.30 Telejornal — 2.ª edição. Noticiário do País e do estrangeiro
21.05 Antologia — «Os Outros» (Knots). Uma produção da Rádio Dinamarquesa (1974), realizada por Poul Trier Pedersen. Intérpretes: Edith Andersen, Kirsten, Kirsten Barford, Evald Krog, Anna Krogh e outros.

«Knots» chega até nós aureolado com dois grandes prémios, qualquer deles italiano: o «Prémio Itália-1974» e o «Prémio RAJ». O tema foi escolhido e dirigido na TV por Poul Trier Pedersen, de 52 anos, jornalista, escritor e realizador de cinema e televisão. Após ter sido redactor-chefe do telejornal da DR (TV da Dinamarca), dedicou-se à direcção cinematográfica, trabalhando com base nas técnicas de espontaneidade, tratando os seus filmes de temas sociários pouco abordados, senão todos: «Fora da Prisão» (1972), sobre o universo que os criminosos encontram na sociedade, após cumprirem penas prisionais; «Podíamos ter sido Belos» (1973), sobre as relações interpessoais na indústria; e, finalmente, «Os Outros» (1974). O elenco de «Os Outros» é constituído por 11 deficientes físicos (poliomielite, atrofia muscular, esclerose, cegueira, espasmos) e 8 inválidos. Contracenando com eles, apenas um actor profissional. O filme, que se prolonga por 1 hora e 20 minutos, foi realizado sem prévio manuscrito, ou mesmo uma «sinopsis». Trata-se de improvisações trabalhadas. Até ao primeiro encontro do realizador com os actores não havia qualquer «história» — apenas o tema. A representação dramática espontânea é documental. O jogo criado e trabalhado em conjunto pelas pessoas que na sua vida quotidiana se encontram envolvidas de algum modo com as questões temáticas postas. Para a efectivação deste trabalho colectivo vivem em conjunto, durante todo o tempo, por um período de 3 a 6 dias. E tudo começa pela discussão e confronto de ideias e experiências, necessariamente diversas.

- 22.25 Temas e problemas — O caso dos C.T.T.
23.00 Telejornal — 3.ª edição
23.20 Fecho.

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e o episódio da série polaca «Karino»
20.25 Desenhos animados
20.40 Escrever é lutar — Entrevista com Rui de Sousa
21.00 Teatro — «Está lá fora um inspector» de G.B. Priestley. Tradução de Francisco Mata. Cenografia de Luis Moniz Ribeiro. Realização de Ruy Ferrão. Intérpretes: Armando Cortez, Helena Félix, Joaquim Rosa, António Montez, António Rama, Marcia Breia e Geni Constant.
23.00 Telejornal. Em diferido a edição transmitida no I Programa às 20.30
23.30 Fecho.

ANO SANTO em ROMA 1 SEMANA

PARTIDAS: TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

Julho	3, 10, 17, 24 e 31
Agosto	7, 14, 21 e 28
Setembro	4, 11, 18 e 25

Preços excepcionais desde*

5.200\$

INCLUINDO:

- Viagem em avião a jacto DC9
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística de Roma
- Taxas hoteleiras
- Acompanhante **abreu**

* a vantagem dos voos especiais

abreu ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

fundada em 1940

LISBOA: Av. da Liberdade, 150 • Tel. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Tel. 379 21
COIMBRA: Rua da Sota 2 • Tel. 2 70 11/2
FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Tel. 250 35/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES ARCO LÍVIO A MÃE DE 21 ANOS 1000\$ AS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS SALA DE JOGOS

KAYE SISTERS

VEJETAS DA RADIO E DA TV INGLESA

PALERMO AND PHILLIPS

ORIGINAIS MALABARISTAS

ELSA COIMBRA

com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

"GRIEG'S FOLIES"

PRODUÇÃO DE LEON GRIEG

FERRER TRINDADE e sua orquestra

"NUEVOS AMIGOS."

THIO BANDEIRA AND HIS GROUP

AMBRE ET TANAGRA

SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALAO RESTAURANTE AS 23.30 H

não aconselhável a menores de 13 anos

NO WONDER BAR A 10 H. interdito a menores de 18 anos

CONSUMO MÍNIMO (Tudo incluído)

Sábados 100.00 Restantes dias 120.00

DESTAQUES

I PROGRAMA

Antologia (21.05)

II PROGRAMA

Escrever é lutar (20.40)

SIEMENS ESTORIL

Amanhã

I PROGRAMA

12.45 Abertura e desenhos animados «Laurel e Hardy»; 12.55 Comida, Dinheiro e Saúde; 13.30 Telejornal; 13.45 «Mulherzinhas» (Little Women); 14.10 Logo a noite; 14.20 Ciclo Preparatório TV Educação Religiosa; 14.45 Português; 15.10 Educação Visual; 15.35 Educação Física; 16.00 Iniciação a Língua Portuguesa; 16.25 Ciências da Natureza; 16.50 História e Geografia; 17.15 Português; 17.40 Trabalhos manuais; 18.05 Iniciação à Língua Portuguesa; 19.00 TV infantil, Volta ao Mundo em 80 Dias; 19.25 Dó, lá, si; 19.55 Relatório 20.30 Telejornal; 21.05 Resistência com Ulrich Thein e Monika Gabriel, no episódio «Duas Vezes» por Um Triz; 22.15 A Gente que Nos Somos — o distrito de Viana do Castelo; 23.00 Telejornal; 23.20 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e «Mulherzinhas»; 20.25 Desenhos animados; 20.40 Comida, Dinheiro e Saúde; 21.05 Noite de Cinema «Forte Apache», de John Ford, com John Wayne, Henry Fonda e Shirley Temple; 23.15 Telejornal; 23.50 Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e orçamento grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

ÚLTIMA SEMANA

Teatro Maria Matos

A RTP APRESENTA

Todas as noites às 21.45 e aos domingos também às 16 horas

A peça de Manuel da Fonseca

«SEARA DE VENTO»

Descanso da Companhia às Segundas-Feiras

Não aconselhável a menores de 13 anos

Bilheteira — Tel. 89 70 17

Bilhetes à venda também na A. B. E. P. — 32 88 23

EXPONHA NA

AGRO 75

VIII EXPOSIÇÃO FEIRA AGRÍCOLA DO NORTE

BRAGA 12 A 20 DE JULHO

Desporto

BENFICA (1-2) DERROTADO NA FINAL DA "TAÇA DE PORTUGAL"

BOAVISTÃO: UM SENHOR DE FATO NOVO

...Primeiro, foi aquela «cow-boiada» do diz-não diz: responsáveis (e bem responsáveis, julgávamos) da Federação como da RTP, a garantirem que haveria transmissão-TV. Depois, o balde de água fria, com as câmaras lá no sítio mas apenas para gravarem o evento para a posteridade. Resultado: a pior receita de sempre, a mais fraca assistência do seu «palmarés», uma das obrigações da RTP (informar o público, dando-lhe em directo as imagens dos acontecimentos que ele prefere) a não ser cumprida por culpa Deus sabe de quem. Em conclusão: bem pode (quem manda) limpar as mãos à parede.

...E foi pena que Portugal inteiro não tivesse ensaio de ver o modo (brilhantíssimo) como o Boavista levou de vencida um Benfica que, mesmo muito desfalcado (Humberto Coelho,

Artur, Vítor Baptista, Nenê, Artur Jorge, já para não falar em Simões e Eusébio) sempre tem uma credencial que mete medo até a papões. Valendo-se de uma tática sabiamente engendrada pelo melhor técnico nacional (claro: José Maria Pedrote) os axadrezados deram água pela barba aos lisboetas, levando-os de vencida e criando situações de perigo que tornaram José Henrique a figura máxima dos campeões, com um punhado de grandes defesas a arrebatarem (mesmo) os contrários.

...Uma primeira parte espectacular: Mané e Salvador sobre os flancos, Alves e Francisco Mário a entrarem frontalmente e a desbaratarem completamente Messias e Malta da Silva, a dupla central que Pavic preferiu ao bloco que se previa (Messias-Barros, com desvio de Malta para a esquerda). De

rajada, o Boavista fez os dois tentos, obras de Mané e Alves, após excelente labor de Tai, incontestavelmente uma das vedetas que emergiram na noite escura. Já então se vira, com toda a surpresa, dez homens do Benfica acantonados na sua grande-área, perplexos ante a catástrofe iminente que, porém, não chegou a surgir porque o «gato preto» tratava tudo e mais alguma coisa, fossem os lances rubricados pelo espantoso Alves ou pelo corajoso Francisco Mário (um e outro a justificarem, mais que plenamente, porque tinham acesso à selecção), ou, por outro lado, em golpes lanceolados made in Tai, Salvador, Mané ou pelo activíssimo Celso.

...No tempo complementar, o Benfica apresentou-se mais vivo. Jordão fez o golo da capi-

tal, torneando bem o estático Carolino: mas, isso não chegaria para o derrubar das ilusões (bem firmes) da turma norte-nha. E, nem as trocas lisboetas (Móia por Vítor Martins, muito fora de forma, como se compreenderá; como antes a saída de Sheu e a entrada de Ibraim) resultaram em qualquer vantagem aparente ou real. Em contrapartida, Pedrote (ágil de espírito e sereno na visão do tabuleiro) segurou o desfecho fazendo chamada ao defesa Amândio (câmbio do dianteiro Mané) mais acentuando o labor atrasado com o ingresso de Barbosa, quando Acácio se lesionou. Numa festa muito apática, com as grandes multidões de outras molduras congêneres afastadas de Alvalade, o Boavista escrevera (aos 70 anos de vida) o toque máximo da sua história futebolística: depois da melhor classificação de sempre no «Nacional» (4.º posto) o direito legítimo, por conquista sem reticências, de representar o futebol português federado na Taça das Taças.

...Os cartões amarelos, mostrados pelo juiz leirense a Mané e Vítor Martins, não reflectiram mais que o desejo, lógico e natural, do melhor e mais competente árbitro nacional segurar o espectáculo, como brinde aos poucos esportadores (em relação ao habitual) que tinham tido a coragem de gastar em Alvalade uma noite de sábado. E, por falarmos em António Garrido, seja dita a mais incontestada das verdades: ele foi, sem dúvida de qualquer quilate, a figura máxima do «show», sem o mais pequeno erro ou falha. Um prodígio de julgamentos acertados, que bem podiam servir para o acto de contração dos energúmenos que (como em Guimarães) ousaram lançar o



Pedrote em ombros: o êxito do trabalho

opróbrio sobre a sua honestidade. Já falámos nas «estrelas» das turmas: Alves, Tai, Francisco Mário, Celso, Salvador (Boavista) e José Henrique (Benfica). Faltará referenciar que, para o prato da balança boavisteira ficar repleto de alegria, muito contribuíram a segurança de Botelho e a aplicação de Mário João, mais os «raids» de Mané e o pontapé rápido de Trindade, Carolino e Amândio. Isto, enquanto a defesa benfiquista (de Bastos Lo-

pes e Barros, com especial incidência em Messias e Malta da Silva) parecia de seda e sem ar nos pulmões. Ao mesmo tempo que a média (Sheu perdido, Vítor Martins a passo, Toni sem norte) era presa fácil. Simultaneamente com um ataque (Moinhos, Jordão, Diamantino, Ibraim, Móia, todos juntos ou cada um de *per si*) sem alça calibrada nem bússola dirigida para o rumo. Por tudo, uma definição: a «Taça» no «Boavistão» foi o corolário-exemplo do que vale o trabalho.



Benfica e Boavista: da sombra saiu o vencedor

FUTEBOL NACIONAL

"LIGUINHAS" MUITO ASSANHADAS

A «liguinha» 1.ª/2.ª Divisões chegou a meio, com os jogos de ontem, que proporcionaram os seguintes desfechos: Oriental, 0-Beira Mar, 0 e Académico, 3-Barreirense, 0. Classificação no termo da 1.ª volta: Académico e Oriental, 4 pontos; Beira Mar, 3; Barreirense, 1.

Na «liguinha» 2.ª/3.ª Divisões, eis os resultados: Naval, 0-Vilanovaense, 2; União de Lamas, 2-União de Coimbra, 1; Amora, 1-Portalegrense, 1. Tabela na zona Norte: Vilanovaense, 5-Lamas, 4; União de Coimbra, 2; Naval, 1. No Sul: Amora, Portalegrense e União Sport

estão iguais, todos com dois pontos, enquanto que o Odiveiras (após decisão do Conselho Disciplinar federativo) ingressa no torneio mas ainda não cumpriu qualquer jogo.

Campeonato da 3.ª Divisão: Sporting da Covilhã, 0-Paredes, 0 e União de Santarém, 3-Esperança de Lagos, 0. Paredes e Covilhã terão de jogar novamente para apurar um colega para o Santarém, já finalista da prova.

CASTIGOS

Na longa lista de castigos aplicados pela Federação no-

tam-se punições de todo o quilate. Desde inquérito ao Barreirense a processo disciplinar ao Penafiel, aparece de tudo: advertências a Clésio (Estoril), José Candido (Beira Mar), José Carlos (Barreirense) e Jerónimo (União de Coimbra); dois meses de suspensão a João Costa Carvalho (Braga); cinco jogos de suspensão a Salgueiro (Montemor); três a Américo (Oriental) e José João (Barreirense); dois a Charouco (Barreirense), Carrapito (Oriental), Almeida (Académico), Pereira (Montemor) e Serra (Portalegrense); um a Domingos (Beira Mar) e Matos (Portalegrense); repreensão a Azevedo (Oriental); derrota e multa ao Torres Novas (em relação ao jogo com o Estrela de Portalegre); e ao Gouveia (perante «Os Marialvas»); irradiação de Mendes (Operário) e vedação do campo, derrota e multa ao Alhandra (pelo comportamento no jogo com o Alverca).

BELENENSES

Os «azuis» do Restelo desmentem qualquer contacto com o cufista Manuel Fernandes, ao mesmo tempo que chamam para treinos Barrinha (que esteve no União de Tomar) e os juniores Simões, Lima e Orlando.

ESTORIL

Um golo de Norberto chegou para o Estoril vencer o Lusit-

tânia, ontem, em Angra do Heroísmo.

BRAGA

Enquanto que Hilário parece firme no Varzim (até aqui treinado por Meirim) o seu lugar no Sporting de Braga passa a ser ocupado por José Carlos que, desse modo, se estreia como técnico.

SPORTING

O Sporting partiu hoje para França: amanhã, para o Torneio de Paris, faz um confronto com o Paris-Saint-Germain. Deslocaram-se os seguintes jogadores: Damas, Manaca, Alinho, Carlos Pereira, Bastos, Nelson, Paulo Rocha, Fraguito, Matos, Tomé, Zezinho, Valter II, Márinho, Yazalde, Chico, Dinis e Garcês. Técnicos: Fernando Riera e Juca.

BENFICA

Também a turma do Benfica largou para o Estrangeiro: Casablanca é o rumo. Nomes indigitados para actuação em Marrocos: José Henrique, Bento, Barros, Messias, Humberto Coelho, Artur, Vítor Martins, Vítor Baptista, Diamantino, Eurico, Eusébio (se vier a tempo da América), Sheu, Toni, Minhos, Jordão, Ibraim.

SETÚBAL

Os setubalenses Câmpora e Vicente são desejados em Es-

panha, respectivamente no Gijon e no Rayo Vallecano.

JUVENIS

Os juvenis do Benfica conquistaram o título nacional, após vencerem o F. C. Porto (em Tomar) por um solitário golo (de Jorge). As turmas:

BENFICA: Mário Rui; Alexan-

dre, Gonçalves, Margaça e Gilberto; José Luís, Pereirinha e Sardinheiro; Nelson, José António e Jorge.

F. C. PORTO: Correia; Carlos, Monteiro, Bento (Carlos Silva) e Fernando Jorge; Brandão («cap.»), Nogueira e Frias (Freitas); Pereira Pinto, Jaime (Leal) e Dinis.



Oriental-Beira Mar: futebol a doer no pino do calor



Juvenis do Benfica: campeões nacionais

ATLETISMO EUROPEU EM LISBOA

VITÓRIA DA ESPANHA:
CERTA E INCONTESTÁVEL

Durante as tardes de sábado e de domingo, as pistas do Estádio Nacional foram cenário de uma eliminatória da Taça da Europa, em Atletismo: presentes as figuras mais relevantes de sete países (Portugal, Espanha, Bélgica, Suíça, Eire, Islândia e Holanda).

Acabou como vencedora da eliminatória a equipa da Espanha, que revelou efectivamente ser o conjunto mais poderoso e o único que «poderia» triunfar: no entanto, a participação de atletas de alto gabarito, proporcionou a dois dos nossos representantes (Carlos Lopes e José Carvalho) baterem, respectivamente, os máximos nacionais dos 10 000 metros e dos 400 metros barreiras.

Para a história da eliminatória aqui ficam os vencedores de cada uma das provas e as classificações alcançadas pelos atletas portugueses. Nos 400 metros barreiras: F. Nusse (Holanda), 49,82, novo máximo holandês; José Carvalho foi o segundo com 50,0, novo «record» de Portugal. 1500 metros: W. Meyer (Suíça), 3,51,74; H. Jesus foi o 5.º classificado com o tempo de 3,52,72. 100 metros: Javier Martinez (Espanha), 10,68; A. Manso, de Portugal foi o 6.º com 11,12. 400 metros: G. Curti (Suíça), 47,10; José Câmara foi o 5.º gastando 48,66. 10 000 metros: J. Hermes (Holanda), 28,28,83; Carlos Lopes foi o segundo com o tempo de 28,30,51, novo «record» de Portugal. Estafeta 4x100 metros: Espanha, 40,15; Portugal foi o 6.º classificado com 41,77. Altura: B. Brocken (Bélgica), 2,17, novo máximo belga; A. Vermelho foi o 5.º saltando 1,93. Comprimento: R. Bernhard (Suíça), 7,48; Pericles Pinto foi o 5.º com 6,95. Peso: H. Hall-dorsson (Islândia), 18,73; J. Espirito Santo foi o 7.º atirando o engenho a 13,81 metros. Martelo: P. Stiefenhofer (Suíça), 65 metros; G. Pedrosa foi o 4.º com 55,92. 110 metros barreiras (Espanha), 14,3; José Carvalho foi 3.º com 14,5. 200 metros: P. Muster (Suíça), 21,12; António Cachola foi o 5.º com 21,96. 800 metros: Y. van Damme (Bélgica), 1,46,91; C. Cabral foi o 5.º com 1,48. 74. Vara: E. Alonso (Espanha), 4,80 metros; Raposo Borges foi o 5.º saltando 4,60 metros. 5000 metros: F. Cerrada (Espanha), 13,52,24; A. Simões foi o 5.º com 14,11,65. 3000 metros obstáculos: António Campos (Espanha), 8,26,29; novo «record» de Espanha; Tavares da Silva foi o 5.º com 9,00,70. Estafeta 4x400 metros: Holanda com 3,11,43; Portugal foi o 4.º classificado com 3,13,35. Dardo: V. Wartburg (Suíça), 77,80; Hilário Santos foi o 6.º com 63,32. Disco: G. Schroeder (Bélgica), 54,42; Carlos Sustelo foi o 7.º com 43,16. Triplo salto: R. Sedoc (Holanda), 16,03; Luis Azevedo foi o 4.º com 15,42.

Classificação final: 1.º Espanha, 114 pontos; 2.º Suíça, 110 pontos; 3.º Bélgica, 93; 4.º Holanda, 88; 5.º Portugal, 65; 6.º Islândia, 46 e 7.º Eire com 43.

FEMININOS

Em Madrid, a selecção feminina de Portugal disputou eliminatória semelhante: durante as provas, que decorreram também durante as tardes de sábado e domingo, Adília Silvério melhorou o máximo ibérico do lançamento do peso, ao atirar o engenho a 16,02 metros. Na classificação geral, a Checoslováquia foi a primeira com 63 pontos; 2.ª a Bélgica com 57; 3.ª Suécia, 52; 4.ª Suíça, 52; 5.ª Espanha com 28 e 6.ª Portugal com 20 pontos.



José Carvalho em pleno esforço para bater o máximo nacional dos 400 metros barreiras



Carlos Lopes a caminho do «record» nacional dos 10 000 metros

E COM RESPEITO
AO RESPEITO?

Se o «comentador» Júlio Fernandes não fosse tão novo nas andanças televisivas, diríamos ter na nossa frente o novo campeão da asneira. Ontem, em meia dúzia de minutos, disse que o Boavista foi o quinto classificado do último campeonato (por acaso foi quarto), que Vítor Baptista foi substituído na final da «Taça» (quando nem sequer jogou) e que o guarda-redes do Benfica era o José Henriques que de Henriques não tem nada, já que é José e Henrique.

Também ao ex-relator Amadeu de Freitas, desviado da sua verborreia desportiva para oportunas considerações políticas, muito, muito de esquerda, convicta e militante como é tradição sua desde 1974, não é possível lançar na corrida para a posse do ceptro do disparate na TV.

Ficamos, então, quase reduzidos ao veterano Cordeiro do Vale, que permanece um mestre na arte de dizer o que não deve. Os seus «comentários» à Taça da Europa de Atletismo ficaram a constituir um novo festival de parvoeira que movimento algum parece capaz de sanear. De facto, «especialista» que fala em centésimos de segundo ao anunciar o novo máximo dos 10.000 metros;

que anuncia Júlio Fernandes (não é o de cima, é outro) como o actual recordista do triplo-salto; que diz que Aniceto Simões «arranca decisivamente» na prova da légua (em que veio classificar-se em quinto lugar) só porque pouco depois dos mil metros deu um «estirão»; que teima em manter em prova um concorrente ao salto à vara que toda a gente já vira despedir-se dos juizes e abalar, pouco mais faz do que evidenciar sintomas de pura incompetência. Mas Cordeiro foi mais longe: com o quadro dos resultados a indicar que o atleta n.º 116 (vencedor do salto em altura) ia tentar saltar dois metros e catorze, pediu desculpa e cientificamente esclareceu tratar-se, sim, do atleta n.º 214 (então no salto em comprimento) que tentaria ultrapassar um metro e... aqui calou-se, como que assustado por lobo da montanha que descesse ao povoado.

Ainda na edição de ontem, António Vitorino de Almeida lembrou uma frase de «Che» Guevara: «qualidade é respeito pelo povo». Acontece que um mau profissional está sempre contra o povo.

ALEXANDRE PAIS

Desporto

Registo

OLIMPISMO: dentro dos cânones habituais, o Comité Olímpico Português continua a comemorar o «Dia Olímpico» com um jantar. O próximo tem lugar a 23 do corrente, num hotel de Lisboa, em que se anuncia a presença do secretário de Estado dos Desportos e Acção Escolar.

NATAÇÃO: festival «Dia Olímpico», às 16 e 30, de 21 do corrente, na piscina do Nacional de Natação. Um regresso que se saúda.

ANDEBOL: a Federação castigou diversos clubes com penas pesadas. União Desportiva de Leiria: faltas de comparecimento nos jogos ante o Recreativo do Caramão e o Benfica e Castelo Branco, mais duas multas no total de 3 contos. Desportivo de Portugal: multa no valor de 500 escudos. Académico Futebol Clube: falta de comparecimento perante o Vitória e multa de 1500 escudos. Beira-Mar: multa de 1500 escudos e falta de comparecimento no espectáculo com o Técnico.

HALTEROFILIA: José Coelho (moscas), Raul Dinis (galos), Manuel Torres (plumas), José Pereira (leves), Raul Silva (médios) e Albano Pereira (meios-pesados) são campeões nacionais de 1.ª série.

HÓQUEI EM PATINS: para o nacional da 1.ª Divisão, um punhado de jogos. Resultados: Inf. Sagres-Salesiana, 3-1; Ac. Espinho-Oeiras, 6-1; Sporting-F. C. Porto, 3-5; Cascais-Valongo, 5-1; Inf.



João Sampaio veio do Minho para ganhar

Sagres-Oeiras, 4-1; Ac. Espinho-Salesiana, 1-4; Sporting-Valongo, 7-2; Cascais-F. C. Porto, 7-4.

Classificação: 1. CASCAIS, 8 pontos; 2 F. C. Porto e Infante de Sagres, 7; 4. Sporting e J. Salesiana, 6; 6. Ac. Espinho e Valongo, 5; 8. Oeiras, 4.

CICLISMO: João Sampaio e o seu clube (Coelima) venceram o G. P. de Lisboa. Na «Volta ao Luxemburgo», António Martins logrou o 5.º lugar na 3.ª etapa.

BASQUETEBOL: o Atlético é campeão nacional de juvenis.

Lã fora

BASQUETEBOL

Ao bater a U.R.S.S. por 90-84, a Jugoslávia revalidou o título europeu de basquetebol masculino. Nos outros encontros da final de Belgrado verificaram-se os seguintes resultados: Itália-Bulgária, 90-73; Espanha-Checoslováquia, 87-67.

Classificação final: 1.º, Jugoslávia, 10 pontos; 2.º, U.R.S.S., 8; 3.º, Itália, 4; 4.º, Espanha, 4; 5.º, Bulgária, 2; 6.º, Checoslováquia, 2.

CASTIGOS

A Federação Soviética de Futebol foi multada em dez mil francos suíços por falta de respeito para com uma delegação visitante expressa no facto de não ter assegurado a comitiva irlandesa o número prescrito de lugares no campo, no recente encontro U.R.S.S.-Irlanda para a «Taça das Nações Europeias». Outras medidas toma-

das pela Comissão Disciplinar da União Europeia de Futebol (U.E.F.A.):

Multadas entre 1500 e 5000 francos suíços as federações finlandesa e sueca, o Red Star (de Belgrado) e o Juventus (de Turim) por mau comportamento do público.

Suspensos de todos os jogos da U.E.F.A. até ao fim de 1977 os jogadores Rumen Szapsov (da Bulgária), por insultar um juiz de linha e Francis Anthony Stapleton (da Irlanda) por falsificar o passaporte a fim de poder participar num torneio de juniores da U.E.F.A.

RIO

Resultados da última jornada do Campeonato de Futebol do Rio de Janeiro, Botafogo-Fluminense, 2-0; Vasco da Gama-Olaria, 2-0; Madureira-Campo Grande, 1-0; Flamengo-América, 2-1 e São Cristóvão-Portuguesa, 1-1.

Classificação: Botafogo, 21 pontos; Flamengo, 20; Fluminense, 15; América, 14; Vasco

da Gama, 14; Portuguesa, 8; Bangu, 8; Madureira, 8; Olaria, 6; Campo Grande, 6; Bonsucesso, 5 e São Cristóvão, 5.

TOTOBOLA
A CHAVE

Boavista - Benfica	1
Académico - Barreirense	4
Oriental - Beira-Mar	1
U. Lamas - U. Coimbra	1
Naval - Vilanovense	2
Ferrovia - F. Sá Bandeira	X
F. C. Luanda - Jamba	4
Independente - Dinizes	1
Portugal - Ferroviário	1
Benf. Luanda - S. Huambo	X
Vasco da Gama - Olaria	1
Flamengo - América	1
Botafogo - Fluminense	1

Não se conhece o resultado do jogo Independente-Dinizes.

SINDICATO DOS TRABALHADORES
DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Avenida da República, 29-29 A

Telef. 574073

LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Decreto-Lei n.º 215-B/75 — Lei das Associações Sindicais — convocamos todos os sócios deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para uma **ASSEMBLEIA GERAL**, a realizar no Salão da Voz Operário, no dia **26 de Junho de 1975**, com a seguinte ordem de trabalhos: **ÀS 21 HORAS**

DISCUSSÃO E APROVAÇÃO DOS NOVOS ESTATUTOS
DO SINDICATO

Após aprovação deste ponto serão dadas informações sobre os novos Contratos Colectivos de Trabalho (Armazenistas de Vinhos, de Mercadoria, de Papel, de Vestuário, de Tinturarias e Lavandarias, etc.) e ainda sobre a nova **PORTARIA DE ORDENADOS MÍNIMOS**.

Nota: Têm de estar presentes na Assembleia, pelo menos 2000 associados.

Lisboa, 9 de Junho de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

AGÊNCIA DE VIAGENS



SOC. COM.
**OREY,
ANTUNES,**
S.A.R.L.

4, PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA
LISBOA 2 Tel. 36 93 46
362266

— LONDRES, 8 maravilhosos dias na
velha capital inglesa
Saídas todos os domingos

— ACORES e MADEIRA, 8 ou 15 dias
Saídas frequentes

— ROMA, 8 dias, visitas guiadas

— CURSOS DE INGLÊS EM INGLATERRA, incluem transporte, estadia
e aulas

— CRUZEIROS NO RENO, viagens de
sonho.

— FERIAS para Inglaterra e Norte de
África Comodidade.

— HOLANDA, um país lindíssimo
e diferente.

TERRA SANTA, Peregrinação
Nacional do Ano Santo. Setembro-75.

TURISMO INTERNO
PASSAPORTES

AS MÃES DE CRIANÇAS HIPERACTIVAS

Observando a interacção mãe-filho, entre grupos de 13 rapazes hiperactivos, com dificuldade de aprendizagem e normais, numa situação de resolução de problema, a psicóloga Susan B. Campbell do Montreal Children's Hospital, Québec verificou que as mães das crianças hiperactivas tendem a intervir e ajudar os filhos mais do que as mães das crianças com dificuldade de aprendizagem ou normais.

Campbell pediu às crianças, de oito anos, que fizessem desenhos de composição na presença das mães. As mães foram convidadas a ajudar os filhos, muito ou pouco, como gostassem. Campbell refere, que as mães das crianças hiperactivas davam mais incentivos, mais sugestões sobre controlo de impulsos e, mais censuras do que as mães dos dois outros grupos. A criança hiperactiva pedia mais perguntas e fazia mais comentários sobre o trabalho, que os outros. Além disso, as mães das hiperactivas percebiam os seus filhos como tendo mais problemas de conduta e sendo menos maduros, o que não acontecia com as mães dos grupos de comparação. Descreviam os filhos como sendo mais activos, agressivos, desatentos e desobedientes.

«Tomados em conjunto, estes dados sugerem que as mães do grupo dos hiperactivos respondiam na situação de interacção de forma a estruturar as tarefas e assim otimizar a realização», diz Campbell. «Podíamos deduzir que as mães de crianças hiperactivas, ao fazerem sugestões para a realização da tarefa, ao promoverem o controlo de impulsos, o «feedback» negativo e incentivo, tentavam proporcionar a direcção e conservar a atenção na tarefa entre mãos.»

FORÇA FÍSICA E DENSIDADE ÓSSEA

As pessoas de idade, especialmente as mulheres depois da menopausa, sofrem frequentemente uma perda na massa óssea — a osteoporose. Tal perda pode levar a fracturas de costelas, do colo do fémur, e a dor lombar e sagrada. Alguns médicos pensam que o exercício físico pode aliviar a dor, espasmo muscular e talvez mesmo a fragilidade óssea da osteoporose post-menopausa. Contudo um artigo, publicado nos Archives of Physical Medicine and Rehabilitation de Novembro, sugere o contrário.

Mehrsheed Sinaki e colaboradores, na Clínica Mayo, mediram a força muscular e a densidade óssea em homens e mulheres de idade. Verificaram que embora perdiam força muscular com a idade, especialmente os homens. Mas só as mulheres perdiam mineral ósseo. E que havia pouca correlação entre a perda de força muscular e de mineral óssea, em cada um, dos indivíduos.

Parece, portanto, que a força muscular e o mineral ósseo descem independentemente, com a idade e que as mulheres com osteoporose depois da menopausa, não beneficiarão com o exercício muscular.

PROTEGER A SAÚDE PELA DIETA

Muitos médicos, assim como o público em geral, crêem que nutrientes especiais podem prevenir ou curar certas doenças. «O ponto de vista é errado», pensam James D. Heffley e Roger J. Williams, da Universidade de Texas. «Tais nutrientes podem prevenir ou curar doenças, mas apenas porque actuam em equipa com outros nutrientes.»

Os bioquímicos de Austin apresentam os resultados de investigação que apoiam a sua afirmação no Proceeding of the National Academy of Sciences de Outubro último. Os ratos alimentados com grandes quantidades de galactose desenvolviam cataratas. Heffley e Williams alimentaram ratos com altas doses de galactose, mas alguns deles receberam ainda complementos de outros nutrientes. Estes últimos não apresentaram cataratas, ao passo que os primeiros as desenvolveram.

Os autores concluem que o facto de comer os complementos nutritivos diariamente, não só previne a catarata, mas ainda uma série de outras doenças. «Quando o homem é suficiente afortunado para manter a saúde por uma alimentação saudável», dizem, «é porque consomem regularmente cada um dos cerca de 40 nutrientes essenciais.»

PLANIFICANDO RACIONALMENTE AS DROGAS ANTICÂNCEROSAS

A medida que os biólogos conhecem melhor a biologia molecular, mais aptos estão a produzir racionalmente as drogas. Isto, de facto parece estar a acontecer com a produção de drogas anticâncer. Uma equipa de farmacologistas moleculares afirma, no Proceedings of the National Academy of Sciences de Dezembro, estar a sintetizar uma molécula com forte afinidade para o D. N. A., altamente activa contra a leucemia e tão tóxica em doses terapêuticas.

A maioria das drogas anticâncer actua sobre o D. N. A. das células neoplásicas. Mas Jean-Bernard Le Pecq do Institut Gustave-Roussy de Villejuif, França e a sua equipa, tentaram uma droga que tivesse ainda maior afinidade. De facto, o local em que a droga se liga ao D. N. A., é conhecido a nível de átomo. A inserção de uma molécula entre os estratos da molécula de D. N. A., é um mecanismo facilmente aceitável. Le Pecq e colaboradores estudaram as propriedades físico-químicas de alguns compostos, para ver com eles se incluíam no D. N. A., de modo a planejar um novo composto com maior afinidade para o mesmo.

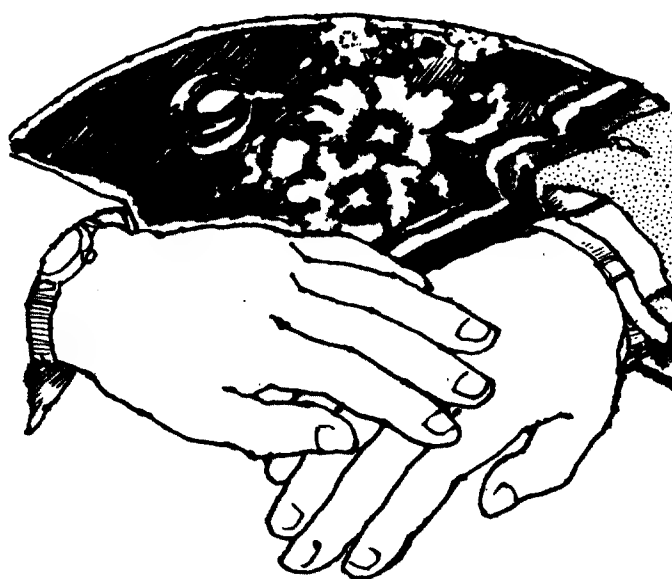
Utilizando esta técnica, conseguiram sintetizar um novo composto de mais potente actividade anticâncer.

ENSINANDO OS MÉDICOS A AJUDAR O DOENTE QUE VAI MORRER

Um seminário do National Cancer Institute (Instituto Nacional do Cancro) está a ajudar os médicos a ultrapassar o seu próprio medo da morte e a oferecerem um maior apoio aos doentes a morrer

Uma vez por semana durante cinco meses, alguns jovens médicos que pretendem especializar-se no tratamento de doentes cancerosos, frequentam um seminário único no tratamento de doentes cancerosos, do Instituto do Instituto Nacional do Cancro. O seminário é orientado de modo a ajudar os médicos a dominar as suas próprias ansiedades a respeito da morte e a melhor compreenderem as suas relações com doentes a morrer e famílias. Tem-se como fim um melhor apoio psicológico da parte dos médicos a estes doentes e às suas famílias.

O seminário é dirigido pelo psiquiatra Kenneth L. Artiss e o oncologista Arthur S. Levine. Durante o seminário, Artiss e Levine encorajam os participantes a discutir as suas ansiedades sobre a morte e os problemas específicos que estão a ter na relação com doentes a morrer e respectivas famílias. É de certo modo terapêutica de grupo. Por vezes as discussões tornaram-se tão dolorosas



para os jovens médicos que eles descarregaram a sua ira sobre Artiss e Levine. Um grupo, de facto, recorreu a Artiss no momento em que ele se estava a tentar libertar deles. «O seminário» admite Levine, «é

uma experiência intensa e exigente para estes jovens médicos».

No conjunto o seminário tem tido bastante êxito nestes 5 anos de existência. Graduou 50 «fellows» que estão agora

a tratar doentes a morrer, a maior parte cancerosos, pelos Estados Unidos. As discussões com médicos graduados no seminário, ou que o frequentam neste momento, indicam que tanto eles como os seus doentes estão a beneficiar imenso dele.

Uma das coisas mais importantes que o seminário faz ver aos médicos é que eles receiam tanto ou talvez mais a morte do que os seus doentes. Joel Schwartz, um graduado de 1973 agora a trabalhar no I.N.C., percebeu-o da seguinte maneira: «Penso que é o medo inato da nossa própria morte que conduz uma pessoa à medicina pois sente que é o mais perto que pode chegar para a conquistar». Artiss e Levine encorajam portanto os participantes no seminário a ultrapassar este medo. Acentuam que apenas quando um médico encara de facto a possibilidade da sua própria morte está apto a deixar de ter medo e a levar um apoio psicológico aos doentes em face desta.

Continua na pág. 21

A MORTE DE UMA DOENÇA

Dentro de um ano a varíola terá reivindicado a sua última vítima

Precisamente cinco anos depois de ter posto em prática a primeira vacinação, com sucesso, em 1796, Edward Jenner tinha a confiança suficiente para poder dizer: «a aniquilação da varíola, o mais temível flagelo da espécie humana, será o resultado desta prática». Este ano, a sua frase profética pode, finalmente, tornar-se realidade. Armada com os métodos sofisticados da epidemiologia, e a versão moderna, seca pelo frio, da vacina de Jenner, a O.M.S. monta uma vasta campanha contra a doença, nos três últimos países em que ela continua endémica — Etiópia, Índia e Bangladesh. Numa entrevista concedida no quartel-general da O.M.S. em Genebra John S. Copland, oficial administrativo da Unidade de Erradicação da Varíola, traçou os planos.

Inicialmente, os técnicos de saúde pública, pensaram que se mais de 80 por cento de uma população fosse vacinada, a varíola decairia mais ou menos automaticamente. Mas em países como a Índia, com grupos relativamente grandes e isolados, dispersos por vastas áreas, os restantes não vacinados, seriam fontes potentes de reinfestação. Qualquer tentativa para vacinar 100 por cento de tal população sairia proibitivamente cara. Então os técnicos da O.M.S. decidiram-se por uma abordagem epidemiológica, a que Copland chama, caprichosamente, «a teoria do ladrão de bancos — vá onde está o dinheiro». Encontrar o cofre-forte, neste caso, implica o despiste de novos surtos de varíola, antes que ela

tenha tempo de se propagar, e cortar a transmissão por vacinação selectiva. Primeiro são vacinados os familiares dos atingidos, depois os vizinhos, a aldeia... até não aparecer mais nenhum caso, após determinado número de semanas.

Para incentivar o apoio da população local, gratifica-se a primeira pessoa que, numa área, informa as autoridades de um caso ainda não detectado. Na Índia, a gratificação vai de 50 a 100 rupias — mais do que o rendimento mensal de muitos aldeões pobres e quando uma área tiver sido declarada livre da doença, maiores gratificações são oferecidas para prevenir a reinfestação.

A reintrodução resulta, habitualmente, de deslocações entre áreas infectadas e não infectadas. Entre 1961 e 1973, a varíola foi reintroduzida na Europa, em 29 ocasiões diferentes — resultado em 568 casos documentados. As viagens aéreas complicam o problema, dado que se podem realizar completamente durante o período de incubação (uma a três semanas). Os grupos nómadas têm sido também importantes veículos da doença; e nas montanhas de Afeganistão e áreas adjacentes, habitadas por saltadores, surtos entre contrabandistas têm sido particularmente difíceis de seguir e debelar.

Um outro singular obstáculo à erradicação final da varíola, é a antiga prática popular da «variolação» — inoculação do vírus vivo da varíola por feitiçeiros itinerantes. Estes caminhantes não ensinados colecionam crostas das vítimas da

doença de levam-nas em pequenas caixas através das regiões rurais, prontas a ser aplicadas nas escoriações da pele dos que nunca foram infectados. O resultado, claro, é um caso florescente de varíola; mas, por qualquer razão estes casos induzidos são menos frequentemente fatais e não levam a desfigurações tão marcadas. A prática era comum na Europa, no tempo de Jenner, e, provavelmente deu-lhe a ideia da inoculação com material colhido das lesões de pessoas atingidas por uma doença menos virulenta, a vacína — processo conhecido por vacinação. Nas circunstâncias actuais a varíolação importa apenas como possibilidade assustadora de reintrodução da doença em proporções epidémicas, uma vez feita a erradicação da doença.

O horror suscitado pela simples menção da doença remonta a séculos atrás. Antes do ano 900 era considerada como uma forma mais grave de sarampo, e mesmo depois, era por vezes confundida com estatídios tardios da sífilis. No Século XVII foi epidémica na Europa, e a sua introdução no Novo Mundo foi factor importante na dizimação dos Índios, que não tinham imunidade natural. Através de todo o Mundo, pessoas de todas as classes variaram as cicatrizes com que a varíola marcava as mais felizes das suas vítimas; as outras desenvolviam hemorragias e gangrena nas zonas de coalescência das lesões cutâneas e morriam em agonia. Jenner assistiu ainda à redução drástica da incidência na Europa, devi-

da à sua vacina; mas, como para muitas outras doenças a vírus, não se atingiu a sua cura de facto. Recentemente, em 1967, a O.M.S. calculava em 2,5 milhões o número de indivíduos que contraíam anualmente a doença.

Agora os novos surtos são atendidos um a um, e os relatórios, usualmente secos, da O.M.S., começam a comparar-se a mensagens da frente de batalha de um exército invasor: «Alvo Zero... o número de surtos pendentes é, agora, de 987, e o total deve cair para menos de 800 quando forem recebidas as informações do fim de Outubro... Bangladesh: a migração induzida pela fome teve como consequência um considerável número de pequenos surtos em áreas distantes das regiões principalmente infectadas... Agora é uma corrida contra o tempo!

A medida que o fim se aproxima, os últimos passos tomam dimensões trágicas. Copland conta a história de um empregado de laboratório inglês atingido pela doença, através de amostras de laboratório. Passaram-se semanas antes que os médicos chegassem ao diagnóstico inesperto — o tempo suficiente para contagiar o casal que visitava a mãe de idade, na cama ao lado: ambos morreram. Os técnicos puseram ainda a hipótese de os animais poderem causar a recorrência da doença, espalhando-a entre si e depois transmitindo-a ao homem. Uma investigação intensiva verificou que embora o homem possa contrair a «monkey pox» a partir

Continua na pág. 21

Medicina

ENSINANDO OS MÉDICOS

Continuação da pág. 20

A maioria dos médicos que frequentam o seminário concordam com Artiss e Levine. «Penso que a maior parte dos médicos seria mais feliz se fosse mais existencialista» — declara Frederick Applebaum, um participante do seminário deste ano.

«A reflexão sobre a nossa própria existência mortal ajuda de facto nas relações com um doente a morrer», diz Martin Oster, um graduado do seminário de 1973, agora a trabalhar no laboratório de Levine. «Embora eu não tenha a certeza de sofrer a crise existencial», admite James Breeden. «Estou agora muito mais consciente da morte e apto a falar dela». Breeden é um graduado pelo seminário em 1971 agora no «Stanford University Hospital».

Ainda outro problema que o seminário ajuda os médicos a encarar consiste em como evitar o sentimento de culpa se não conseguimos salvar um doente. «O seminário ajudou a desviar a nossa atenção do caminho mais simples de que o nosso fim é salvar vidas e a pôr em perspectiva o doente a morrer», explica Oster. «Agora dizemos a nós mesmos que um doente vai morrer e concentramo-nos em tornar o tempo que lhe resta agradável e rentável».

O seminário ajuda os médicos a pôr a claro os refúgios dos doentes para o seu próprio medo da morte. Muitas vezes, diz Breeden, um doente a morrer é extremamente negativo quanto à orientação da clínica, esperas, dores com as injeções e outras coisas menores. Graças ao seminário, Breeden compreende agora que essas queixas são apenas uma cobertura para o problema básico — o doente tem medo da morte. «Portanto», diz Breeden, «temos que nos sentar com os doentes e discutir isso».

Ensinar aos médicos como evitar fazer pactos com os doentes é outro aspecto do seminário. «O Senhor vai pôr-me bom, não vai dr.?» é um pedido comum dos doentes. Se nessa altura o médico não se contém e responde «Sim, eu sou capaz de o ajudar» declara-se a si próprio o salvador onipotente. A maneira de resolver situações como esta, consiste em os médicos serem honestos e abertos com o doente desde o princípio. Isso significa a partilha das possibilidades de sucesso no tratamento e das possibilidades de fracasso, em vez da pintura de um ilusório quadro cor-de-rosa. Lowell Schnipper, um graduado pelo seminário em 1970 agora no Beth Israel Hospital, em Boston, está

a seguir este conselho. «Se se construir uma relação com o doente quando as coisas parecem bem» diz Schnipper, isto é, uma relação de honestidade, abertura e confiança, pode manejar-se melhor o doente quando as coisas começam a correr mal».

Frequentemente as famílias de doentes a morrer ficam zangadas com os médicos, o que traduz de facto uma fuga para a sua ira contra o destino por deixar morrer os seus entes queridos. O seminário ajuda os médicos a reconhecer esta fúria segundo aquilo que ela é na verdade e a discuti-la com as famílias. «Saber porque é que uma família está zangada e ser capaz de falar com ela sobre a sua angústia é salutar», diz Applebaum. «Eles acabam por compreender porque estão zangados e ficam mais em paz consigo próprios e com a situação».

«Enquanto estava no I.N.C., — diz Schnipper — tratei uma rapariguinha cuja mãe estava revoltada com a morte da filha. Na altura em que comecei a tratar a criança, estava já doente há 3 anos. A mãe tinha mandado embora pelo menos um outro médico que estava a tratar da filha. Portanto, quando tomei conta do caso, tentei ser aberto e honesto e dizer à mãe que ela estava a ser destrutiva. Encorajei-a a contar-me parte da sua angústia. Como resultado desenvolvi uma boa relação com ela e com a sua filha.»

O seminário ajudou também Schwartz a encarar a revolta da família. Schwartz estava a tratar uma rapariga com um tumor em fase terminal há 3 semanas completas, incluindo fins-de-semana. Veio então um fim-de-semana em que ele tinha feito planos há já vários meses para assistir a um jogo de futebol no colégio em que tinha cursado. Quando Schwartz voltou a ir ver a rapariga na segunda-feira de manhã, a mãe levou-o ao quarto da filha e disse: «Oh, Judy, este é o dr. Schwartz. Podes não te lembrar dele uma vez que não o vês há muito tempo?».

Em vez de retorquir «Repare, tenho estado a tratar a sua filha há 3 semanas, penso que tenho direito a um fim-de-semana de folga», Schwartz reconheceu o comentário da mãe por aquilo que representava. Ela estava revoltada em relação à morte próxima da filha e descarregava-a em Schwartz tentando fazê-lo sentir-se culpado. Consequentemente Schwartz não tomou a defensiva e foi capaz de cuidar da mãe e da filha com gentileza.

O valor especial do seminário é sucintamente resumido

por Robert S. K. Young, um graduado de 1972. «O fim é levar os doentes a aceitar, para que não morram revoltados. Não os podemos conduzir à aceitação, a não ser que trabalhem com eles; e não se pode trabalhar com eles não ser que não se tenha medo da própria morte, e não se pode fazer isso sem que se descubra aquilo em que pensamos primeiro. É sobre isso que o seminário se debruça: o domínio do nosso próprio medo».

O SEMINÁRIO I.N.C.: NO INÍCIO DA EDUCAÇÃO SOBRE MORTE

O seminário I.N.C. é parte de uma consciencialização nacional para a necessidade de treino de pessoal médico para ajudar os que vão morrer. O seminário, nos moldes do I.N.C., por exemplo, tem sido realizado no Grady Memorial Hospital em Atlanta por Charles L. Vogel. É tanto para médicos como para enfermeiras.

Uma das pioneiras nacionais no estudo da morte e dos doentes que vão morrer é Elizabeth Kubler-Ross, uma psiquiatra com clínica privada em Flossmoor, Ill. Kubler-Ross dirige também seminários para médicos e enfermeiras a respeito da morte e dos doentes a morrer. Durante os últimos anos o problema do cuidado destes doentes começou a despertar a atenção no «curriculum» escolar das enfermeiras. Cursos opcionais sobre o tratamento dos doentes que vão morrer são agora requisitáveis em Harvard, Tufts e algumas outras escolas médicas.

No conjunto, porém, a instrução sobre o modo de cuidar dos doentes a morrer está ainda muito no início. «O treino para compreender melhor as necessidades dos desamparados não faz (ainda) parte da educação dos médicos», lamenta Melvin J. Krantz no Journal of the American Medical Association, «e não há com certeza psiquiatras e pessoal médico treinado em número suficiente para fazer o necessário».

CONVOCATÓRIA

A TODOS OS TRABALHADORES ABRANGIDOS PELO C. C. T. EDITORES E LIVREIROS, GRÁFICOS, FOTOGRAFIA E ACTIVIDADES PUBLICITÁRIAS

Realizou-se no dia 11, pelas 10,00 horas, no Ministério do Trabalho, uma reunião entre as respectivas entidades patronais e os Sindicatos outorgantes, tendo-se marcado a 1.ª reunião de negociação para o dia 12, pelas 14 horas, no Ministério do Trabalho.

No dia 11, e conforme tinha sido decidido no Plenário de Trabalhadores do dia 6.6.75, realizou-se no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, pelas 21 horas, novo Plenário de Trabalhadores onde foi aprovada a seguinte proposta:

«Devido à abertura da Feira do Livro que se realiza no dia 17, 3.ª feira, proponho o Plenário para o dia 16, para informação dos resultados dos contactos feitos na discussão do C.C.T., para assim serem deliberadas novas formas de luta, além da boicotagem à Feira do Livro».

Assim, e neste sentido, convocam-se todos os trabalhadores abrangidos pelo C.C.T. em epígrafe, para um Plenário de Trabalhadores, a realizar no próximo dia 16, 2.ª feira, pelas 21 horas, nas instalações do Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», a Campo de Ourique, na Rua do Possolo, n.º 7.

ORDEM DE TRABALHOS:

CCT Editores e Livresiros, Gráficos, Fotografia e Actividades Publicitárias.

NÃO FALTES!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Pelas FEDERAÇÕES: NORTE E SUL DOS SIN. EMP. ESC
Pelos SINDICATOS:

CONTINUOS
CAIXEIROS
METALÚRGICOS
TELEFONISTAS DO PORTO DE LISBOA
RODOVIÁRIOS
ELECTRICISTAS
COBRADORES
TÉCNICOS DE DESENHO
EMPREGADOS EM GARAGENS
EMPREGADOS VIAJANTES E DE PRAÇA
EMPREGADOS DE ADMINISTRAÇÃO E REVI.
SORES DE IMPRENSA

CURSOS

● MECANOGRRAFIA
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 20-Junho
Informações e Matriculas no
Externato Continental.
Telef. 36 42 72
Rua do Arsenal, 100-1.ª

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8.ª e 8.ª D
(AO AREIRO) TELEF. 727654-727665-713057



SERVIÇO

estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

PLENÁRIO DELEGADOS SINDICAIS

amarada».

A independência e a força dos Sindicatos está directamente elacionada com os seus Estatutos.

Dal a excepcional relevância que temos de dar à ampla discussão dos novos Estatutos do nosso Sindicato.

Para esse efeito convocam-se todos os Delegados Sindicais para um plenário a realizar no dia 17.6.75 pelas 21 horas, na voz do Operário e com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

ÚNICO: Discussão prévia dos novos Estatutos

Lisboa, 12 de Junho de 1975

Pela DIRECÇÃO

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

Av.º 5 de Outubro, 121-1.º — Telef. 22047 — SETÚBAL

O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal ex-Sindicato dos Caixeiros e Profissionais em Armazém do Distrito de Setúbal, leva a efeito no próximo dia 20/6/75, pelas 21 horas, no salão da INATEL (EX-FNAT), em Setúbal, uma assembleia geral extraordinária com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Discussão e aprovação dos novos estatutos do Sindicato;
- 2 — Eleição da Comissão Eleitoral;
- 3 — Marcação das Eleições;
- 4 — Informações.

Nota: Só podem intervir nas votações e discussão dos trabalhos, os sócios portadores dos respectivos cartões de identificação de sócios do Sindicato.

Pela COMISSÃO DIRECTIVA
(Ilegível)

Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os profissionais de escritório do sector das INDÚSTRIAS DE FABRICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE VIDRO para uma reunião a realizar no próximo dia 16 de Junho, 2.ª feira, pelas 18.30 horas, na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º.

Ordem de Trabalhos: C.C. T. VIDREIRA

Lisboa, 12 de Junho de 1975

NÃO FALTES!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

A Direcção

ASTRÓLOGO RONDE

Trata e resolve os seus problemas, mesmo os que julgue muito difíceis.

RUA EMÍLIA DAS NEVES, 23, 1.º - Frente
TELEF. 70 50 07

Alugue um carro euro rent

DESDE

1\$30

R. BARÃO DE SABROSA, 129-A
LISBOA-1 — TELEFS. 822093/4

POR KM

A MORTE DE UMA DOENÇA

Continuação da pág. 20

dos primatas, esta é uma doença diferente e não pode ser transmitida de homem a homem.

Assim, tudo parece a postos para a arrancada final. Se o contágio puder ser controlado nos três últimos países endémicos, na altura em que a incidência atinge o seu pico anual — cerca de Março — os técnicos da O.M.S. esperam poder anunciar com segurança o fim da varíola. Como em outros países (Brasil e Indonésia, por exemplo), onde foi declarada a erradicação, seguir-se-á um período de 2 anos de busca intensiva de novos casos — e provavelmente, encontrar-se-ão. Se tal esforço for bem sucedido, será designada uma da final. Se o contágio puder ser controlado nos três últimos países endémicos, na altura em que a incidência atinge o

seu pico anual — cerca de Março — os técnicos da O.M.S. esperam poder anunciar com segurança o fim da varíola. Como em outros países (Brasil e Indonésia, por exemplo), onde foi declarada a erradicação, seguir-se-á um período de 2 anos de busca intensiva de novos casos — e provavelmente, encontrar-se-ão. Se tal esforço for bem sucedido, será designada uma Comissão especial, para certificar a erradicação.

Sentado no gabinete, no 16.º andar, a olhar para o panorama dos Alpes cobertos de neve, a que ele chama «o tratamento intensivo Wagneriano», John Copland fala com entusiasmo das perspectivas da primeira erradicação de uma doença, feita pelo homem: «É um desafio — agora ou nunca!»

Geral

NÃO HOUE ABRANDAMENTO DA CENSURA

Continuação da pág. 3

exemplo, um recorte das palavras diferentes do original, a fim de lhes modificar o sentido.

Por ocasião do debate sobre a cultura brasileira, um especialista destes problemas, Zuenir Ventura, afirmava que o Cinema, o Teatro, a Literatura, as Artes Plásticas, a Televisão, a Música e o Jornalismo brasileiros estavam a ser ao mesmo tempo vítimas da censura e de um processo de «desnacionalização» acelerado. Enquanto os criadores brasileiros são mutilados em seus trabalhos, segundo uma expressão corrente utilizada no Brasil, as salas de cinema são invadidas por subprodutos dos distribuidores estrangeiros, e a rádio pelo «sub-pop» internacional.

A nossa inteligência vive hoje com as ideias dos países desenvolvidos, quando a realidade brasileira é a de um país subdesenvolvido, diz o realizador de teatro Paulo Pontes,

que acrescenta, a propósito do «projecto nacional» por vezes atribuído ao general Geisel: O que importa saber é se o Governo quer um desenvolvimento autenticamente brasileiro. No caso de o querer terá de mobilizar não só as energias sociais mas também as energias culturais. Não há cultura sem liberdade.

Aniquilamento das actividades culturais, manutenção da censura nos jornais mais novos (Vera e Opinião, entre outros), apesar das promessas feitas no princípio do ano pelo Governo, estagnação da vida política, após dois meses de intensos debates parlamentares: a política de abrandamento do presidente da República, parece em panne. Tudo leva a crer que se trata de uma pausa estratégica provocada pela oposição de certos sectores militares a qualquer mudança do statu quo.

© («Le Monde»)

A reabertura da "República" não resolve o conflito

O jornal «República» reabre ainda hoje. Esta manhã, os trabalhadores aguardavam, no Sindicato dos Gráficos, a informação do Copcon de que já havia sido feita a desseguração das instalações, a pedido da administração da empresa proprietária do jornal.

A desseguração chegou a estar marcada para a última quinta-feira, mas foi adiada. Posteriormente, a direcção, administração e redacção da «República» pediram ao Copcon que a reabertura, hoje, se fizesse às 19 horas. A indicação desta hora não deixou de causar surpresa (e uma certa preocupação) aos trabalhadores do jornal: de acordo com a lei, só depois das 19 horas é possível organizar manifestações.

Mas não termina aqui o conflito iniciado em 19 de Maio. Pelo contrário, «pode reacender-se» como afirmou um dos elementos da Comissão dos Trabalhadores. Acontece que nenhuma das suas reivindicações foi aceite. Todas as decisões

foram tomadas sem o seu conhecimento. As reuniões foram efectuadas entre a administração, redacção, direcção do jornal e os poderes constituídos. Poderes governamentais que não deixaram de reconhecer razão aos trabalhadores, ao admitirem ser necessário uma revisão na Lei de Imprensa.

A alteração principal será o controlo e orientação ideológica do jornal pertencer a todos os trabalhadores e não como até aqui, em que a orientação do conteúdo do jornal cabe ao director, o qual (segundo a mesma Lei) é nomeado pela administração, com o aval do Conselho de Redacção.

É precisamente isto que pretendem os trabalhadores do jornal «República». E os trabalhadores da Informação, quando, no passado sábado, aprovaram num plenário, uma moção na qual se pede também «a revogação imediata e a elaboração de uma nova Lei com a participação de Sindicatos ligados à Informação e da Intersindical».

O não-cumprimento, no caso da «República», da vontade expressa dos trabalhadores ligados à Informação, apenas se

pode justificar por fortes pressões dentro e fora do País. Com o Partido Socialista a ameaçar sair do Governo e a Imprensa europeia a clamar que se trata de um atentado à liberdade de Imprensa. Tudo isto, e muito mais, levou a que os trabalhadores do jornal «República» comecem a trabalhar ainda hoje sem qualquer das suas reivindicações aceites. Para já, segundo nos disse um dos trabalhadores, vão ocupar os seus postos de trabalho; resolver o problema do pagamento dos dez dias de Maio, que a administração se recusou, alegando que não tinham trabalhado. Estudam, também, outros processos de luta. O caso «República» não termina hoje.

MOBÍLIAS

USADAS, COMPRO. NÃO VENDA SEM NOS CONSULTAR Telef. 83 81 95 — 72 54 80

Em BUARCOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA SATELITE

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado e o vento era fraco ou moderado do Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

Porto	16°
COIMBRA	16°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	16°
FARO	19°
FUNCHAL	17°

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA

Máxima	27°
MONTALEGRE	
Mínima	5,7°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14,5°
Atmosfera	15,2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.14 3,4 m	2.36 1,1 m
21.37 3,6 m	14.57 1,2 m

Dia 17

10.20 3,4 m	3.44 1,1 m
22.48 3,5 m	16.10 1,3 m

Dia 18

11.29 3,4 m	4.54 1,1 m
23.56 3,5 m	17.22 1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado vento moderado de Noroeste ou Oeste; períodos de chuva fraca ou chuvisco a partir da tarde de hoje com início das regiões de Noroeste do território.

AMANHÃ
 NASCER AS 6.12
 OCASO AS 21.04

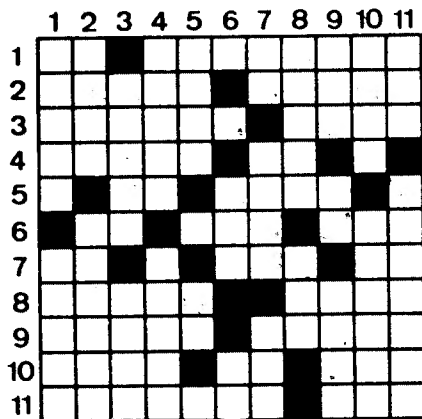
DIA 16 DIA 23 DIA 1 DIA 9

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 11109

HORIZONTAIS:

- 1 Grama. Aquentara.
- 2 Nome de homem. Sensato.
- 3 Arremessem. Rates.
- 4 Habitem. Duzentos em romano.
- 5 Autores. Cursos de água natural e abundantes.
- 6 Crómio (s.q.) Felicidade. Levanto as abas a.
- 7 Atmosfera. Emissão de voz. Alumínio (s.q.).
- 8 Ignora alguma coisa (pop). Picante.
- 9 Peixe do genero siluro. Cidade de Espanha.
- 10 Moeda portuguesa de Dio. Cálcio (s.q.). Oceano.
- 11 Ecoariam. Epoca.



VERTICAIS:

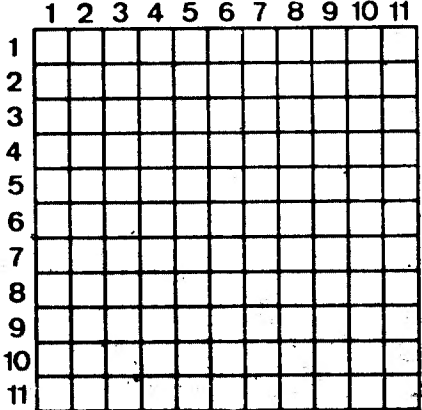
- 1 Engulo (pop). Árvores do Brasil.
- 2 Rasgado. Tosto.
- 3 Olhar atentamente. Objecto de adorno. de matéria preciosa.
- 4 Que é do ar. Combater.
- 5 Aquele que. Preposição e artigo definido.
- 6 Rente. Aqui.
- 7 Pertences. Cume. Medida de líquidos da Alemanha Holanda e Suíça.
- 8 Muro. Doença.
- 9 Enguia. Apelido. Toma como alimento.
- 10 Zombam. Untar.
- 11 Preposição e artigo definido. Serpeara.

Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7267

HORIZONTAIS:

- 1 Activo. Uma das ilhas de Sunda.
- 2 Tempo do verbo ir. Mesquinho. Zombas.
- 3 Prefixo de negação. Espécie de pano de lã azul. Medida japonesa igual a dois decímetros.
- 4 Moveram os remos. Prejuízo.
- 5 Rezas. Um dos Estados do Brasil.
- 6 Acreditei. Botequim.
- 7 Aquas. Cinzir.
- 8 Dar mios. Corsário.
- 9 Prefixo de privação. Sacrificaram.
- 10 Bebedeiras (pop). Nome de mulher.
- 11 Sufixo que designa estado. Guarnecer de arames.



VERTICAIS:

- 1 Comparo. A alma.
- 2 Dissipar. Acabar.
- 3 Escarnece. Branda.
- 4 Untar.
- 5 Atravessais. Munuscrito.
- 6 Enfiadas. Rio de Itália.
- 7 Figura que simboliza o povo americano. Dançar.
- 8 Gebo.
- 9 Aragem. Assinalaram.
- 10 Atar. Fruto da ateira.
- 11 Separa de outro. Apelido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11108

- HORIZONTAIS
- 1 A. MULHER. É.
 - 2 Bata. Redil.
 - 3 Lara. Errara.
 - 4 Ore. Usa. Mar.
 - 5 Bim. Logo.
 - 6 Imola. Op.
 - 7 Areal. Ta.
 - 8 Nau. Chiara.
 - 9 Oriá. Diz.
 - 10 Andaria. Im.
 - 11 Soais. Aspas.

- VERTICAIS
- 1 LOBA. NO.
 - 2 Bari. Aarão.
 - 3 Marés. Ruína.
 - 4 Uta. Aié. Adi.
 - 5 La. Mac. As.
 - 6 ESCOLHER.
 - 7 Erra. Ia.
 - 8 Rer. Latadas.
 - 9 Dama. Ari.
 - 10 Eirado. Azia.
 - 11 Larápio. Ms.

Provérbo: A MULHER É LOBA NO ESCOLHER

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7265

- HORIZONTAIS
- 1 Cair. Gotas.
 - 2 Armada. Elos.
 - 3 Li. Maleitas.
 - 4 Aero. Esmar.
 - 5 Lis. Am.
 - 6 Calos.
 - 7 Dão. As. Cala.
 - 8 At. Ar. Sapa.
 - 9 Ural. Rolam.
 - 10 Faia. Abaram.
 - 11 Eiró. Samora.

- VERTICAIS
- 1 Cala. Adaufe.
 - 2 Ariel. Atrai.
 - 3 Im. Rico. Air.
 - 4 Ramosa. Alão.
 - 5 Da. Lar.
 - 6 Galegos. Ras.
 - 7 Es. Soba.
 - 8 Teima. Calam.
 - 9 Alta. Láparo.
 - 10 Soara. Lavar.
 - 11 SS. Mia. Ama.

PROGRAMAS — RADIO MFA

EMISSORA NACIONAL

De 2.ª a 6.ª feira:

12.30 às 13.00
18.15 às 19.00
23.00 às 23.15
06.15 às 07.00
Aos Domingos:
10.00 às 12.00

RADIO CLUBE PORTUGUES

3.ª e 5.ª feiras:
21.00 às 21.25

BARS BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.

a actuar CAROLE

HIPOPOTAMO — Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

EMISSORA 1.º Programa

- 17.00 Noticiário Rádio estudantil
- 18.15 «Movimento das Forças Armadas»
- 19.00 Informação de trânsito
- 19.05 Falar educação, programa do ITE
- 19.25 Fados e guitarradas
- 20.00 «Jornal da noite»
- 21.00 Música portuguesa
- 21.45 Observação de teatro, p. José Gil
- 22.00 Sindicalismo, p. Helena Neves e Madeira Claudino
- 22.30 Música variada
- 23.00 «Movimento das Forças Armadas»
- 23.15 Música do Brasil
- 23.30 Vamos ouvir
- 00.00 Sinalhorário — Último jornal
- 00.30 Retrospectiva
- 01.00 (Saída e encerramento dos Regionais e dos MF-1 Música na Noite
- 02.00 Msica na Noite

2.º Programa

- 16.00 Ópera: 1.º Acto da ópera «D'Araim», de Gilbert Bécud.
- 17.15 Solos de cravo: Toca em Fa menor, de Carlos Seixas
- 17.30 Música do Século XX: Variações Sinfónicas, de Paul Gilson
- 18.00 Antologia Sonora: Madrigais, de Gesualdo da Venosa
- 18.30 Música de Beethoven: Trio n.º 6, em Sibemol, op. 70, n.º

- 2.ª Sinfonia n.º 3, em Mibemol maior, op. 55, Heroica.
- 20.00 «Jornal da Noite»
- 21.00 Passagem do MF-2 a estereó música ligeira variada.
- 22.00 Música de Bailado: Billy The Kid (suite de Billy), de Copland.
- 22.25 Música para dois pianos: Danças islavas, de Dvorak.
- 22.40 Madrigais italianos da Renascença, pelo Coro Luca Marenzio.
- 23.00 Música Sinfónica: Abertura Orfeus, e Euridice, de Gluck.
- Concerto em Lá Menor, op. 129 para violoncelo e orquestra, de Schumann.
- Sinfonia n.º 9, em Ré maior, de Mahler
- Música de Carlos Seixas: Concerto em Lá maior, p. cravo e orquestra.
- 01.00 Fecho.

Rádio Clube ONDA MÉDIA

- 16.00 Noticiário
- 16.04 Programa CDC
- 18.05 Movimento
- 21.03 Alegria no Trabalho
- 21.31 Quando o telefone toca
- 22.03 Momento político (P.C.P.)
- 22.30 Quando o telefone toca
- 23.06 Hora Luterana
- 23.30 No mundo aconteceu
- 00.05 Alavanca
- 02.05 Madrugada
- 06.03 Diário Rural
- 07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

- 16.00 Noticiário
- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 O nosso programa
- 19.05 Em órbita 1
- 20.30 Boa noite em FM
- 22.02 Clube à Gô-Gô
- 00.05 Em órbita 2
- 01.05 Banda sonora Sonipol
- 02.05 Perspectiva
- 03.05 Vértice
- 07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Ondamédia 233,2 m. 1286 KHz: Modulação de frequência de Lisboa 93,2 MHz. Emissão continua.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal
Das 6.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.

Rádio Peninsular

Das 11.00 às 17.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

Farmácias de serviço

TURNO E1
TODA A NOITE
ALVALADE
Belo, Avenida de Roma, 53-A, (Telef. 776314).
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49, (Telef. 773043).
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176-178, (Telef. 362687).
BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A, (Telef. 311216).
BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115, (Telef. 362350).
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C, (Telef. 703697).
CAMPOLIDE
Imperial, Rua General Taborda, 28 (Telef. 680931).
ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30, (Telef. 660955).
GRAÇA
Morão, Largo da Graça, 63, (Telef. 860700).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B, (Telef. 791131).
PICHELEIRA
Marlux, Calçada da Picheleira, 140-A/C, (Telef. 720703-728395).
SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente, (Telef. 638176).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-3, (Telef. 48842).
TURNOS 2
ATE AS 22 HORAS
ALTO DE S. JOÃO
Vieira, Rua Morais Soares, 89, (Telef. 641773).
ANJOS
Garcia, Rua Andrade, 32-36, (Telef. 665543).
ALVALADE
Mendes, Avenida de Roma, 151-A, (Telef. 776235).
AMÉIXOIA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, (Galinhelas-Charneca), (Telef. 790989).
ANJOS
Magalhães, Avenida Almirante Reis, 4-D/F, (Telef. 49479).
AREIRO
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, (à Praça do Areiro), (Telef. 727300).
AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53, (Telef. 43938).
BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A, (Telef. 783179).
CAMINHOS-DE-FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90, (Telef. 847019).
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B, (Telef. 666971).

OLIVAIS-SUL
Antunes Rosa, Praça da Cidade do Luso, Lote 199, (Telef. 313610).
REGO
Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D, (ao Hospital de Santa Maria), (Telef. 778953).
RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A, (à encosta do Restelo, o próximo dos Moínhos), (Telef. 611814).
S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108, (Telef. 320389).
LINHA DE CASCAIS
ALGÉS
Imeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070).
CARCAVELOS
Central, Até às 24 horas
PAÇO DE ARCOS
Trindade Bras, Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034) Até às 22 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204) Toda a noite
ESTORIL
Amoreira, Até às 22 horas
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191) Toda a noite
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078) Est. às 22 horas: Nova, Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281024) Toda a noite
LINHA DE SINTRA
AMADORA
Melo, P. D. João, Lote 146-4, Janeiro (Tel. 332755). Central, Av. Camões, Lote 20, (Tel. 332116).
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461).
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530).
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117). Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D.
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456).
SINTRA
Simões, Estefânia (Tel. 2930832).
COLARES
Abreja, (Tel. 299088).

OUTRA BANDA
ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Candido dos Reis, 30 (Tel. 204020).
ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leirão, 8-A (Tel. 270242).
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178-A (Tel. 2040302).
BARREIRO
Mascarenhas Neto, R. Garrett, 1.
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Tel. 2767356).
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029).
MONTUJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 229471).
SETUBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783). Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558).
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

PORTO
TURNOS 20
ATE AS 22 HORAS
Batalha, Praça da Batalha, 26; Campo, Praça da República, 118; Campo Cabral, Rua de Costa Cabral, 1832; Fonte de Moura, Rua do Bonfim, 330; Mira Paulo, Rua Castelo de Numão, 37; Barros, Rua do Bonjardim, 1292; Fátima, Rua Oliveira Monteiro, 475; Garantia, Rua Fernandes Tomás, 696; S.ª, Rua Vale Formoso, 181; Sarabando, Largo dos Lóios, 36.
A PARTIR DAS 22 HORAS
Barros, Rua do Bonjardim, 1292; Fátima, Rua Oliveira Monteiro, 475; Garantia, Rua Fernandes Tomás, 696.

COIMBRA
Dias Ferreira, R. do Brasil, Santa Cruz, R. das Padeiras, Higiene, R. Fernandes Tomás.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

NOSSO TEMPO
21.45 (13 anos)
«Insecticida»
A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra Trás Mija a Burra»
TEATRO DO POVO
21.15 (18 anos)
Avenida da Liberdade
CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Mostra-me a Tua Piscina»
VILLARET
20.45 e 23.00 (13 anos)
«Pato com Laranja»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Primeira Página»
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«A Vida Alegre de Colinet»
OLIMPIA
21.00 (6 anos)
«Mara a Rapariga da Selva»
JARDIM
21.00 (10 anos)
«Zambo, o Senhor da Selva»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Duro no Dever... Galante de Amor»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«A obsção de Joel Delaney»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
16.00 - 21.15 (18 anos)
«Casamento Perfeito»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Os lacos do matrimónio»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«Uma mulher apenas»

PORTO/Cinemas

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Decameron Proibido»
TERÇO
21.15 (18 anos)
«Passa da meia noite»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Grandes Batalhas em Camas Fofas»
ESTÚDIO
21.30 (13 anos)
«Salmo Vermelho»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Emmanuelle»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«A Fúria do Dragão»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Irei como um cavalo louco»
OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«Dorothea»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Dorothea»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«Os malditos»
AGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«A Arena»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Eve - a primeira pedra»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (13 anos)
Juntos São Dinamite

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«O herói do ano 2000»
S. TEOTONIO
21.15 (18 anos)
«Helga o segredo da maternidade»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A noite dos generais»

PASSE
UM FIM-DE-SEMANA
SEM CONTRATEMPOS

QUANDO ACORDAR
ESTARÁ NO ALGARVE

SERVIÇO DE
CARRUAGENS-CAMAS
LISBOA-ALGARVE

Barreiro-V.R. Sto. António, 400-401
V.R. Sto. António-Barreiro, 400-401
INFORMAÇÕES TELEF. 326226
CP Caminhos de Ferro Portugueses

cinemas

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

BRINCANDO
COM A SORTE

George Segal/Elliott Gould

A odisseia hilariante de dois vicariados do jogo

APOLO 70
T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

SALMO VERMELHO

Um filme de Miklós Jancsó
Uma das obras mais importantes do cinema húngaro

Hoje às 24.00 - 18 anos

A SEMENTE DO DIABO

ROXY
T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

CAÇA PERVERSA

William Holden/Peter Fonda

Quando o animal a abater é o homem...

PATHE
T. 621833 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

com Sylvia Kristel

Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

7.ª Semana

ALVALADE
T. 717480 15.30, 18.30, 21.15
Para todos (maiores de 6 anos)

A ILHA
DOS
PIRATAS

O guia do jovem aventureiro

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos

LUCKY
LUCIANO

De Francisco Rosi com Gian Maria Volonte e Rod Steigen

CINEMA 2000
T. 2100055 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O MONGE
c/Franco Nero e Nathalie Delon

LIDO
T. 937593 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

ALTA TENSÃO
EM NOVA IORQUE

O JOÃO V
T. 971794 21.00
Grupo C (14 anos)

AMIGOS ATÉ AO FIM

revista
motor

UNIVERSAL
T. 774402 14.30, 20.30
Não acons. a menores de 13 anos

A CORAGEM DO POVO

de Jorge Sanjines

Não acons. a menores de 13 anos

16.30, 20.30

VALPARAISO... VALPARAISO!

RESTELO
T. 610375 21.00
Interdito a menores de 18 anos

O COLCHÃO

EM DELÍRIO

A história de uma cama do hotel da barafunda

Com Alice Sapritch

EDEN
T. 320768 14.00, 16.30, 18.00, 21.15
Interdito a menores de 13 anos

OS DOIS BOMBEIROS

Com Franco Franchi/Ciccio Ingrassia

Um diário de gargalhadas!

TIVOLI
T. 66666 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

PÃO E CHOCOLATE

c/ Nino Manfredi e Anna Karina

Premiado com o Urso de Prata festival de Berlim 1974

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21.15
Grupo B (10 anos)

OS TRÊS MOSQUETEIROS

ROYAL
T. 665037 15.30, 21.15
Para todos (6 anos)

ISTO É ESPECTÁCULO

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos

A CULPA FOI DO NERO

Hoje sessão às 24.00

ROMA
T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 13 anos

EMMANUELLE

(Este filme contém cenas eventualmente chocantes)

CINESTÚDIO
T. 937593 15.30, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos

SERPICO

VOX
T. 720898 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos

CAMA COM MÚSICA

2.ª Semana de exibição

LUMIAR
T. 795296 21.15
Interdito a menores de 18 anos

DIAS DE PERIGO

SATÉLITE
T. 562632 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

DIÁRIO DE UMA
ESQUIZOFRÊNICA

MUNDIAL
T. 568743 15.15, 18.30, 21.30
Interdito a menores de 18 anos

SEX SHOP A LOJA DO SEXO

4.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO
T. 794141 14.00, 17.30, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos

3 dias de paz,
música... e amor

WOODSTOCK

6.ª Semana

CONDES
T. 322523 15.00, 18.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos

PAPILLON

com Steve McQueen Dustin Hoffman

Do livro ao cinema... o maior êxito mundial!

10.ª Semana

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 13 anos

3.ª SEMANA - LOTAÇÕES ESGOTADAS COM A COMÉDIA BREJEIRA

DECAMERON

PROIBIDO

com Eva Maria Grubmüller e Pupo de Lucás
ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES
T. 401212 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

Ele tinha todos os vícios

FRITZ O GATO

Fritz é um gato sujo, boémio revolucionário, preocupado com a política e o sexo e...

6.ª Semana

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

OS CAMINHOS
DA LIBERDADE

AVIS
T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

AMOR É SO
UMA PALAVRA

Amanhã às 15.30, 18.30, 21.15

CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

A RAPARIGA DA MOTOCICLETA

com Alain Delon

CINEARTE
T. 660446 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

VIVA DJANGO

ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

CAMINHOS DO PRAZER

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ESTÚDIO 444
T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

AMAR NÃO MATA

Um filme de Vilgot Sjoman

EUROPA
T. 661016 15.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

AMAR NÃO MATA

Hoje sessão às 24 h.

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

«OH! CALCUTA»

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 13 anos

É TUDO BOA GENTE

com Jean YVES



RENASCENÇA GRAFICA, S.A.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654.531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321.154/5 320.711/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DUBOIA TELEF. 123.633
LISBOA PORTUGAL

Assaltado o M.D.P. em A-Ver-o-Mar

PÓVOA DE VARZIM, 16 — Um numeroso grupo de populares assaltou em A-Ver-o-Mar a sede local do M. D. P./C. D. E., provocando estragos de monta nas instalações. Na refrega um elemento do partido atingiu a tiro um dos assaltantes, que veio receber tratamento (a uma perna) no hospital desta vila.

Tudo começou quando responsáveis do M. D. P. se dirigiram ao Q. G. da Região Militar

do Porto para exporem ao brigadeiro Eurico Corvacho a tensa situação que está a viver-se desde há tempos em A-Ver-o-Mar. Irritados com a diligência, populares contrários aquela partido apedrejaram horas depois o prédio onde se encontra a sede local e logo a seguir invadiram as instalações, que danificaram ao ponto de arrancarem as janelas. A ordem foi dificilmente reposta pelo COPCON e pela G. N. R. poveira.

CONTRA-REVOLUÇÃO NO ENSINO

TENTATIVA PARA INCENDIAR O LICEU DE ALMADA

ALMADA, 16 — O Liceu Nacional de Almada esteve em risco de ser incendiado no sábado passado por mãos criminosas.

Efectivamente, serventes daquele estabelecimento de ensino descobriram uma fogueira no interior do Pavilhão 22, precisamente contíguo ao laboratório.

No exterior, e junto do Pavilhão 21, alguém tinha incendiado a erva seca, com o nitido propósito de que as chamas tomassem conta de todo o

complexo liceal.

Dado que os pavilhões são de madeira envernizada, o fogo teria consumido tudo rapidamente caso o alarme não tivesse sido dado em tempo oportuno.

A Comissão de Pais e a Comissão de Gestão, hoje reunidas, enviaram um documento ao Conselho da Revolução exigindo «medidas drásticas contra os contra-revolucionários que pretendem travar o caminho para o socialismo.»

PORTUGAL E ROMÉNIA MAIS PERTO

UM NOVO FACTOR DE DESANUVIAMENTO

Por **NUNO VIEIRA**
Enviado especial do "DL"
a Bucareste

BUCARESTE, 16 — O comunicado conjunto relativo às conversações travadas durante a visita de Costa Gomes à Roménia confirma a determinação do Governo de Lisboa de consolidar a via socialista através de novos elos internacionais e reivindica para os portugueses e para os romenos um papel especial no estabelecimento de novas relações entre os Estados europeus. O comunicado divulgado hoje, salienta que a visita do general Costa Gomes foi um contributo para a paz na Europa e no Mundo inteiro.

O significado da aproximação entre Portugal e a Roménia transparecia já há dois dias em Bucareste nos discursos pronunciados na altura da assinatura do Tratado de Amizade e Cooperação.

A propósito, o presidente romeno, Nicolae Ceausescu, disse que se trata do primeiro tratado deste tipo assinado entre dois países amigos, embora pertencentes a blocos militares opostos, acrescentando:

«Esperemos que este símbolo demonstre a possibilidade de ultrapassar o mais rapidamente possível a política de blocos e de se chegar a tais relações entre os Estados do continente europeu que levem ao desmantelamento concomitante dos dois blocos, abrindo uma perspectiva nova de colaboração entre todos os Estados da Europa e do Mundo, com base nos princípios da igualdade, respeito pela independência e soberania e não ingerência em questões internas».

Ceausescu acrescentou:

«Pode dizer-se que, ao assinar, este tratado, os nossos povos são animados firmemente pelo desejo de paz e tudo farão para contribuir para um mundo melhor e mais justo».

Chamou ainda a atenção para a importância histórica da visita de Costa Gomes.

O chefe do Estado português declarou, por seu turno, que

os acordos eram «um símbolo» nas relações europeias. E de sublinhar que dois países pertencentes «a blocos militares opostos possam estabelecer acordos de amizade e cooperação em todos os campos da sociedade humana».

A CAUSA DA PAZ

São conhecidas as crescentes reservas de Washington relativamente à evolução do regime português para a esquerda. Contudo, as novas relações entre Portugal e a Roménia, se forem positivamente aproveitadas pelas grandes potências, poderão efectivamente ajudar a causa da paz na Europa e no Mundo, como uma iniciativa de acordo com os objectivos pretendidos pela Conferência de Segurança.

Pertencendo Portugal à N.A.T.O. e a Roménia ao Pacto de Varsóvia e se bem que portugueses e romenos ocupem posições especiais nos respectivos blocos militares, o seu

gesto pode ser um incentivo para um arranque decisivo no sentido da normalização da situação na Europa. A capacidade de adaptação norte-americana e soviética a este novo factor determinará até que ponto ele poderá ser aproveitado a favor do desanuviamento.

Entretanto, terminada no sábado a visita oficial do presidente Costa Gomes à Roménia, foi confirmado o prolongamento por algumas horas da sua estadia neste país da Europa Oriental. A parte final, e não oficial, da viagem, decorreu já sem o rigor do protocolo, na região costeira do mar Negro.

No entanto, o serviço de segurança montado pelas autoridades romenas em Bucareste manteve-se, embora menos aparatoso, na zona de Mangalia, ao Sul do Porto de Constantza, onde o Presidente português, acompanhado pela esposa e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Melo Antunes, ficou alojado numa residência de Verão do presidente Ceausescu, havendo quem admita que os dois estadistas aproveitaram a ocasião para aprofundar aspectos das suas conversações de Bucareste. Aliás, foi da estância de Mangalia que o Presidente Costa Gomes partiu hoje de regresso a Portugal.

SALÁRIO MÍNIMO

Continuação da pag. 1

respectivo período de férias.

Quanto aos feriados, tanto nas empresas públicas e nacionalizadas como nas empresas privadas, apenas poderão ser observados, além do feriado municipal da localidade, os legalmente obrigatórios, a Sexta-Feira Santa ou a segunda-feira posterior ao domingo de Páscoa, e o dia 24 de Dezembro.

O regulamento sobre as férias não se aplica ao trabalho rural, serviço doméstico, trabalho portuário e trabalho de bordo, que serão regidos por legislação especial.

Quanto aos despedimentos,

a faculdade de fazer cessar o contrato individual de trabalho, por decisão unilateral (reconhecida às entidades patronais pelo regime jurídico desse contrato) fica suspensa pelo prazo de 30 dias.

Este princípio não se aplica, porém, à rescisão por justa causa, desde que nesta concorram a alegação de uma infracção disciplinar grave e a verificação da respectiva infracção através de procedimento disciplinar escrito, de que constem, pelo menos, o envio de nota de culpa ao trabalhador arguido e a audiência deste.

CIDADE MARGINAL

OS SOCOS E O RISO

Um agente da P.S.P. e um amigo aguardavam que o autocarro passasse, na Rua Freitas Gazu, em Alcântara. E conversavam para ajudar a passar o tempo, esboçando um ou outro sorriso sempre que os temas abordados o justificavam. Só que perto encontrava-se o electricista Espírito Santo, de 24 anos, natural de Macedo de Cavaleiros, que, a dado momento, se aproximou dele, dizendo-lhes em tom agressivo: «Não admito que estejam p'ra lá a rir-se à minha custa!». E, acto contínuo, aplicou um forte soco no sobrolho esquerdo do polícia, que, em resposta, lhe devolveu idêntico tratamento no sobrolho direito, pelo que ambos tiveram que receber tratamento no Hospital de S. José.

PARA ÁUSTRIA SEM TÁLHER

O mecânico austriaco Herbert Winkler, de 46 anos, nascido em Wien, resolveu levar «como recordação de Portugal», um talher completo de prata. Pelo que aproveitou a aparente distração do empregado de mesa de um restaurante da Rua Luciano Cordeiro, onde acabara de jantar, para satisfazer gratuitamente esse seu anseio. E, ao ser descoberto, já com as facas e os garfos camuflados nos bolsos das calças e do casaco, ainda tentou negar um facto po de mais evidente, alegando que só permitira ser revistado «no interior da Embaixada do seu país». O que veio a acontecer. Depois, já despojado dos objectos da sua atracção, Winkler recolheu aos calabouços do Governo Civil.

PROVOCOU PARA ROUBAR

Arnaldo Ribeiro, um vendador de loteria, de 20 anos, provocou, com insultos, o vidraceiro Manuel Pereira, residente na Azinhaga do Cavaco, e depois de lhe aplicar vários socos e pontapés, atirou-o ao chão e furtou-lhe o relógio do pulso, no meio da confusão. A cena teve lugar num recanto escuro da Praça da Alegria e, na emergência, valeu ao vidraceiro, a passagem pelo local de uma patrulha militar que deteve Arnaldo Ribeiro e lhe devolveu o relógio.

ENCONTRO

PROMOVIDO PELO P.S.

A comissão de Agricultura do Partido Socialista, reuniu-se no último fim-de-semana, no Hotel das Arribas, em auto-gestão, na Praia Grande, com os delegados dos agricultores dos distritos de Leiria, Santarém, Castelo Branco, Portalegre, Setúbal, Évora e Beja.

Durante o encontro, foram debatidos os problemas ligados ao campo e aos trabalhadores, relativos a cada distrito e definidas as coordenadas de importância da Reforma Agrária, dentro da economia nacional.

CORRIDA DE TOUROS À PORTUGUESA EM HOMENAGEM À MISSÃO MILITAR DA REPÚBLICA SOCIALISTA DA ROMÉNIA

CAVALHEIROS **DAVID R. TELES**
LUIS DA VEIGA
FREDERICO CUNHA
CARLOS ARRUZA
BRITO PAIS
MANUEL OLIVEIRA (amador)

FORCADOS AMADORES
DO APOSENTO DO BARRETE VERDE,
capitaneados por António Luis Penetra
E APOSENTO DA MOITA DO RIBATEJO,
capitaneados por José M. Pires da Costa

6 TOIROS DO DR. ORTIGÃO COSTA 6



5.ª-feira, 19 de Junho, às 22 horas

**COM A REVOLUÇÃO
PORTUGUESA
FRATERNIDADE COM
TODOS OS POVOS DO
MUNDO**



**FEIRA
INTERNACIONAL
DE LISBOA**

11/22 JUNHO 1975

**HORARIO
DE HOJE**
15 às 25h

SURDOS

Casa Sonotone

Vamos todos aproveitar esta quadra popular para irmos aos arraiais, comer farturas e ouvir a música a tocar. Mas são aqueles que as ouvem!... E os que não ouvem como fazer? Procurem-nos o mais depressa possível para fazerem um exame e uma

demonstração que é gratuita sem compromisso algum. Apresentamos o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Aparelhos de bolso, atrás da orelha, brincos auditivos, óculos aéreos e ósseos. Pilhas de todas as voltagens, mercúrio e carvão. LARINGES ELECTRONICAS para os operados à laringe. Prestamos assistência técnica em Lisboa e na Província a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de qualquer casa ou marcas. Não deixem de nos visitar, com a qual ficamos muito reconhecidos, em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L.

— Telef.: 86 83 52

PORTO — Praça da Batalha, 92-1.

— Telef.: 02-31 56 02

Boletim Informativo do
MFA, quinzenalmente,
às 3.ªs feiras.

Diário de Lisboa

Vende-se em toda a França

Transportado pela Air France (com a colaboração da TAP) e distribuído pelas «Nouvelles Messageries de la Presse Parisienne»